



Universidade Federal  
de Campina Grande

**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SUSANA ROLIM SOARES SILVA**

**EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E PERFORMANCES: A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DO “SER  
FEIRANTE” NA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE-PB**

**CAMPINA GRANDE, PB**

**2023**



Universidade Federal  
de Campina Grande

**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SUSANA ROLIM SOARES SILVA**

**EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E PERFORMANCES: A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DO “SER  
FEIRANTE” NA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE-PB**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências  
Sociais (PPGCS-UFCG) como requisito para a obtenção do título  
de doutora em Ciências Sociais.**

**CAMPINA GRANDE, PB**

**2023**

T655i

Silva, Susana Rolim Soares.

Experiências, memórias e performances: a construção cotidiana do “ser feirante” na feira central de Campina Grande-PB / Susana Rolim Soares Silva. – Campina Grande, 2023.

226 f.: il. color.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dra. Elizabeth Christina Lima".

Referências.

1. Feira. 2. Feirante. 3. Trabalho. 4. Performance. I. Lima, Elizabeth Christina. II. Título.

CDU 339.174(043)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP  
58429-900**

**FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES**

**SUSANA ROLIM SOARES SILVA**

**EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E  
PERFORMANCES: A CONSTRUÇÃO  
COTIDIANA DO 'SER FEIRANTE' NA  
FEIRA CENTRAL DE CAMPINA  
GRANDE-PB**

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação  
em Ciências Sociais como pré- requisito para  
obtenção do título de Doutor em Ciências  
Sociais.  
Aprovada em: 23/03/2023

**Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima -  
PPGCS/UFCG Orientadora**

**Profa. Dra. Roseli de Fátima Corteletti - PPGCS/UFCG  
Examinadora Interna**

**Prof. Dr. Rodrigo de Azeredo Grünewald - PPGCS/UFCG  
Examinador Interno**

**Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella -  
PPGA/UFPB Examinador Externo**

**Profa. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira - PPGA/UFPB  
Examinadora Externa**



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Maria Ribeiro de Oliveira, Usuário Externo**, em 24/03/2023, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/03/2023, às 12:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RODRIGO DE AZEREDO GRUNEWALD, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/03/2023, às 12:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº](#)

[002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROSELI DE FATIMA CORTELETTI, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/03/2023, às 21:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3229841** e o código CRC **106C4488**.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE  
DOUTOR EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM 23 DE  
MARÇO DE 2023

CANDIDATA: Susana Rolim Soares Silva. COMISSÃO EXAMINADORA: Elizabeth Christina de Andrade Lima, Doutora, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão e Orientadora; Roseli de Fátima Corteletti, Doutora, PPGCS/UFCG, Examinadora Interna; Rodrigo de Azeredo Grünwald, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador Interno; Marco Aurélio Paz Tella, Doutor, PPGA/UFPB, Examinadora Externa; Luciana Maria Ribeiro de Oliveira, Doutora, PPGA/UFPB, Examinadora Externa. TÍTULO DA TESE: "*EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E PERFORMANCES: a construção cotidiana do 'ser feirante' na Feira Central de Campina Grande-PB*". ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia. HORA DE INÍCIO: 10h00 – LOCAL: Sala Prof. Fábio Freitas - CH/UFCG. Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua tese, obtendo conceito APROVADA. Face à aprovação, declara a presidente da Comissão achar-se a examinada legalmente habilitada a receber o Grau de Doutora em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 23 de março de 2023.

**Recomendações:**

**RINALDO RODRIGUES DA SILVA**

Secretário

**ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA, Doutora, PPGCS/UFCG**

Presidente da Comissão e Orientadora

**ROSELI DE FÁTIMA CORTELETTI, Doutora, PPGCS/UFCG**

Examinadora Interna

**RODRIGO DE AZEREDO GRÜNEWALD, Doutor, PPGCS/UFCG**

Examinador interno

**MARCO AURÉLIO PAZ TELLA, Doutor, PPGA/UFPB**

Examinador Externo

**LUCIANA MARIA RIBEIRO DE OLIVEIRA, Doutora, PPGA/UFPB**

Examinadora Externa

**SUSANA ROLIM SOARES SILVA**

Candidata

## 2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Tese de Doutorado da candidata **SUSANA ROLIM SOARES SILVA**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da tese e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Maria Ribeiro de Oliveira, Usuário Externo**, em 24/03/2023, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Susana Rolim Soares Silva, Usuário Externo**, em 24/03/2023, às 18:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/03/2023, às 12:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETÁRIO (A)**, em 28/03/2023, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RODRIGO DE AZEREDO GRUNEWALD, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/03/2023, às 12:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROSELI DE FATIMA CORTELETTI, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/03/2023, às 21:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3227724** e o código CRC **166B0615**.

**Ao feirante Fernandino Barbosa  
(in memorian), em nome de  
quem homenageio todos os  
demais feirantes.**



## AGRADECIMENTOS

É envolvida pelo sentimento de gratidão e pelo reconhecimento de que não estive sozinha ao longo dos quatro anos de construção dessa tese que direciono poucas e sinceras palavras à pessoas e instituições que se fizeram importantes.

De maneira muito especial, agradeço aos 21 feirantes que se dispuseram não apenas a dar entrevistas e conversar, mas me ofertaram tempo, memórias, exemplos de dedicação e coragem. Muito rapidamente eles se tornaram protagonistas desse trabalho e passaram a ocupar lugar cativo no relicário subjetivo que levarei comigo por onde eu for.

Do mesmo modo que agradeço aos feirantes e fregueses que indiretamente facilitaram minhas passagens e permanências pela Feira Central. Foram as breves saudações, os sorrisos espontâneos e os olhares afáveis que fizeram da feira um lugar também de acolhimento e inspiração. Muito disso se deve também aos funcionários da prefeitura, em especial a Agnaldo Batista, dona Tereza e Renata, que facilitaram o acesso a informações, pessoas e lugares, ajudando a ampliar minha visão em relação ao universo da feira.

Institucionalmente agradeço a Rinaldo, secretário do PPGCS- UFCG, pela atenção que me foi ofertada sempre que precisei. Assim como agradeço aos professores com os quais pude dialogar ao longo das disciplinas, que me inspiraram e ajudaram a definir os caminhos necessários à escrita dessa tese, em especial ao professor Gabriel Silveira Corrêa, sempre acessível e disposto a contribuir com esse trabalho.

Ainda do ponto de vista institucional, agradeço à CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, enquanto instituição financiadora dessa pesquisa. Do mesmo modo que agradeço por seus dirigentes terem sido resistência frente aos inúmeros ataques sofridos ao longo desses últimos quatro anos.

Institucionalmente e afetivamente, agradeço ao professor Rodrigo de Azeredo Grünwald (UFCG) por ter apresentado a categoria performance de modo que me inspirou e me fez percebê-la como uma das categorias centrais na vida dos feirantes. Mais ainda, por ter participado da banca de qualificação dessa tese e ter contribuído significativamente tanto com o que já estava colocado quanto com o que ainda se desenhava.

Do mesmo modo que agradeço ao professor Marco Aurélio Paz Tella (UFPB), por ter participado da banca de qualificação dessa tese e sobretudo pelas sugestões de leituras e de percursos que só me ajudaram a seguir adiante com mais tranquilidade e firmeza.

Aproveito o ensejo para antecipadamente agradecer às professoras Luciana Ribeiro (UFPB) e Roseli Corteletti (UFCG), assim como aos professores Marco Aurélio Paz Tella

(UFPB) e Rodrigo Grünwald (UFCEG) pelo aceite em fazerem parte da banca avaliadora dessa tese. A presença e as contribuições de vocês tornarão o momento ainda mais importante.

Agradeço de maneira muito afetuosa à orientadora desse trabalho, a professora Elizabeth Christina de Andrade Lima, por ter sido um sim para esse trabalho e para tudo o que construímos juntas. Seu olhar atento e sensível, seu exemplo como profissional e como pessoa sempre me inspiraram e me fizeram admirá-la.

Agradeço aos meus companheiros de turma (Alcione Meneses, Christhenes Araújo, Déborah Maria, Eduardo Genaro, Romualdo Sales, Rony Frutuoso, Rosana Frutuoso, Simony Araújo e Vanessa Belmiro) pelas “figurinhas” trocadas ao longo desses anos, por termos nos apoiado e termos conseguido enfrentar, às vezes de perto às vezes de longe, não apenas as dificuldades inerentes ao processo de construção de uma tese, mas também àquelas impostas pela pandemia da Covid-19.

De maneira muito especial, agradeço às minhas amigas Alexandra Braga, Danúbia Cordeiro e Lahyana Rafaella, as três de diferentes maneiras me serviram de suporte psicológico, me encorajaram e vibraram comigo diante de cada etapa desse trabalho. Foi fundamental tê-las como amigas ao longo desse percurso.

Agradeço muitíssimo à minha mãe Edna Rolim, por ser sempre âncora e mesmo assim me fazer acreditar que as tempestades passam e que, se eu não deixar de remar, logo ali pertinho estará o mar calmo e a praia que sempre almejei.

Agradeço a Vanderlan por ter sido escuta diante de cada nova descoberta ou angústia, ter sido abraço nos momentos mais difíceis dessa trajetória e ter me ajudado a visualizar o equilíbrio diante dos muitos, diversos e até conflitantes sentimentos que emergiram ao longo do processo de feitura dessa tese, que por vezes, parecia se misturar à feitura de mim mesma. Agradeço pelo amor, o sentimento que o motivou a fazer tudo isso!

Agradeço a “Vitinho”, o filho do amor e da convivência, pelo carinho e incentivo diante de cada etapa.

À Vinicius e Lourenço, por terem suportado relativamente bem às minhas ausências mesmo ainda tão pequenos fisicamente. Vocês são meus guerreiros, meu porto seguro, de onde TUDO o mais ganha sentido, forma e força. Escrevo essas linhas pensando que muito em breve poderei lhes responder à pergunta inúmeras vezes à mim direcionada: quando termina o doutorado? Até lá, fica a certeza: foi também por vocês!

## RESUMO

Esta tese é o resultado de quatro anos de estudos e de pesquisa junto aos vendedores da maior feira livre do município de Campina Grande-PB, a Feira Central, também conhecida como “feira grande”, em virtude de sua grande extensão territorial e de sua relevância comercial, histórica, cultural e demográfica. O principal objetivo dessa pesquisa de cunho etnográfico é analisar como é ser feirante. Para isso, foram desenvolvidas observações e análises das dimensões que são cotidianamente acionadas por aqueles vendedores de rua, a saber: a dimensão do trabalho, das sociabilidades, das coisas, das memórias e da performance. Essa última categoria foi utilizada tanto como inspiração e fundamentação teórica, norteadas por autores como Richard Schechner (2006, 2012, 2013) e Richard Bauman (2008), quanto como instrumento metodológico, que aliado às observações do cotidiano, à realização de entrevistas semi estruturadas com 21 feirantes e às muitas conversas formais e informais com outros vendedores, fregueses e funcionários da prefeitura do município, ajudaram a perceber como os comerciantes da feira estão cotidianamente experienciando e, ao mesmo tempo, encenando como é ser feirante. A perspectiva teatral, diversas vezes utilizada nesse trabalho e inspirada em autores como Erving Goffman (1985), ajudou a perceber e a conceber a Feira Central como um grande cenário público ao ar livre. Cenário esse que é criado, organizado e montado dia após dia por meio do trabalho e das coisas que são cuidadosamente comercializadas, cuidadas, organizadas e expostas pelas mãos dos feirantes, enquanto artistas que demonstram ser. Nesse cenário multifacetado, os saberes e as performances se realizam, ao mesmo tempo em que as memórias emergem e ganham forma, horas impregnadas nas coisas, horas refletidas no próprio corpo do feirante. Nesse sentido, é possível inferir que ser feirante é algo que está diretamente relacionado às práticas ou às performances cotidianas. Algo que se aprende sendo e se ensina demonstrando, fazendo, organizando, decorando, empilhando, vivendo, sentindo no próprio corpo, seja o cansaço ou a emoção de se perceber e de se assumir como um deles em uma das maiores feiras da região Nordeste do Brasil. Cenário esse que acolhe e, ao mesmo tempo, interfere de maneira significativa no processo de formação e identificação dos feirantes, os quais atuam como protagonistas tanto daquele espaço mercantil quanto desta tese.

**Palavras-chave:** Feira. Feirante. Trabalho. Performance.

## RÉSUMÉ

Cette thèse est le résultat de quatre années d'études et de recherches avec les vendeurs de la plus grande foire gratuite de la ville de Campina Grande-PB, la Feira Central, également connue sous le nom de "grande foire", en raison de sa grande extension territoriale et de son importance commerciale, historique, culturelle et démographique. L'objectif principal de cette recherche ethnographique est d'analyser ce que c'est vendre de rue. Pour cela, des observations et des analyses ont été menées sur les dimensions qui sont quotidiennement activées par ces vendeurs de rue, à savoir : la dimension du travail, de la sociabilité, des choses, des souvenirs et de la performance. Cette dernière catégorie a servi à la fois d'inspiration et de fondement théorique, guidé par des auteurs tels que Richard Schechner (2006, 2012, 2013) et Richard Bauman (2008), et d'instrument méthodologique, qui, combinés à des observations quotidiennes, des entretiens semi-directifs avec 21 marchands et les nombreuses conversations formelles et informelles avec d'autres vendeurs, clients et employés du gouvernement municipal, qui ont permis de comprendre comment les commerçants de la foire vivent au quotidien et, en même temps, de mettre en scène ce que c'est que d'être marchand. La perspective théâtrale, utilisée à plusieurs reprises dans ce travail et inspirée par des auteurs comme Erving Goffman (1985), a aidé à percevoir et à concevoir la Feira Central comme un grand espace public extérieur. Un scénario qui se crée, s'organise et s'assemble jour après jour à travers le travail et les choses soigneusement commercialisés, soignés, organisés et exposés par les mains des marchands, en tant qu'artistes qui se révèlent. Dans ce scénario aux multiples facettes, savoirs et performances s'opèrent, en même temps que surgissent et se dessinent des souvenirs, des heures imprégnées des choses, des heures réfléchies dans le propre corps du marchand. En ce sens, il est possible de déduire qu'être vendeur de rue est quelque chose qui est directement lié aux pratiques ou performances quotidiennes. Quelque chose qui s'apprend en étant et s'enseigne en démontrant, faisant, organisant, décorant, empilant, vivant, ressentant dans son propre corps, que ce soit la fatigue ou l'émotion de se percevoir et de s'assumer comme l'un d'eux dans l'une des plus grandes foires dans la région nord-est du pays Brésil. Un scénario qui accueille et, en même temps, interfère de manière significative dans le processus de formation et d'identification des marchands, qui agissent comme protagonistes à la fois dans cet espace marchand et dans cette thèse.

**Mots-clés:** Foire. Marketeur. Travail. Performance.

## ABSTRACT

This research is a result of four years of studying and researching next to marketers of the biggest street market of Campina Grande-PB, the Central Street Market, also known as “big street market”, due to its large territorial extension and its commercial, historical, cultural and demographic relevance. The main objective of this ethnographic research is to analyze the experience of being a marketer. For this purpose, observations and analyses of the dimensions that are daily driven by those marketers were developed, namely: the dimension of work, of sociabilities, of things, of memories and of performance. The last category was used as inspiration and theoretical foundation, guided by authors such as Richard Schechner (2006, 2012, 2013) and Richard Bauman (2008). Concerning the methodological instrument, which, together with everyday observations, semi-structured interviews with 21 marketers and many formal and informal conversations with other traders, customers and municipal officials, helped us to understand how marketers experience on a daily basis and, at the same time, act out what it is like to be a marketer. The theatrical perspective used in this research and inspired in authors as Erving Goffman (1985), helped to perceive and conceive the Central Street Market as a large open-air public scenario. This scenario is created, organized and assembled daily through the work and the things that are carefully commercialized, cared for, organized and exhibited by the hands of the marketers, as the artists they show themselves to be. In this diversified scenario, the knowledges and performances take place at the same time as memories emerge and take shape, sometimes impregnated in things, sometimes reflected in the marketer's own body. In this sense, it is possible to affirm that being a marketer is directly related to the performances and practices of daily life. Something that is learned by being and is taught by demonstrating, doing, organizing, decorating, piling, living, feeling in one's own body, be it the tiredness or the emotion of realizing and assuming oneself as one of them in one of the biggest street markets in the Northeast region of Brazil. It is a scenario that embraces and, at the same time, interferes significantly in the process of formation and identification of the marketers, who act as protagonists both of that market space and of this thesis.

**Key-words:** Street market. Marketers. Work. Performance.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Carroceiro da Feira Central.....	25
<b>Figura 2-</b> Feirantes Deca e Juarez.....	27
<b>Figura 3-</b> Balança do feirante Normando.....	30
<b>Figura 4-</b> Uma das vias de acesso ao mercado central.....	33
<b>Figura 5-</b> Feira de bode e de miúdos- mercado central.....	34
<b>Figura 6-</b> O “pau do meio”.....	35
<b>Figura 7-</b> Uma das vias de acesso ao “pau do meio”.....	36
<b>Figura 8-</b> Bar e restaurante no “pau do meio”.....	37
<b>Figura 9-</b> Estabelecimento comercial no “pau do meio”.....	37
<b>Figura 10-</b> Feirantes trabalhando.....	38
<b>Figura 11-</b> Descarte de lixo na Feira Central.....	40
<b>Figura 12-</b> Feirante Elizabeth e sua banca.....	43
<b>Figura 13-</b> Banca do feirante Biu.....	46
<b>Figura 14-</b> Feirante Edvaldo desmontando a banca.....	46
<b>Figura 15-</b> Feirante Gilberto desmontando a banca.....	51
<b>Figura 16-</b> Feirante Gilberto guardando coisas de sua banca.....	51
<b>Figura 17-</b> Feirante Gilberto fevhando sua banca.....	52
<b>Figura 18-</b> Banca fechada do feirante Gilberto.....	52
<b>Figura 19-</b> Carrocinha do feirante Francisco.....	57
<b>Figura 20-</b> Rua da “feira de queijos” num sábado pela manhã.....	60
<b>Figura 21-</b> Rua da “feira de queijos” num sábado a tarde.....	60
<b>Figura 22-</b> Feirante Ozenildo e sua banca.....	69
<b>Figura 23-</b> Feirante Ozenildo e sua filha atuando.....	69
<b>Figura 24-</b> Feirante dançando.....	77
<b>Figura 25-</b> Banca de artigos religiosos.....	79
<b>Figura 26-</b> Fregueses em momento de lazer e descontração.....	91
<b>Figura 27-</b> Feirante Renata e freguês Aluísio.....	93
<b>Figura 28-</b> Feirantes e fregueses conversando num bar da feira.....	95
<b>Figura 29-</b> Feirante “Sarney” e sua banca.....	95
<b>Figura 30-</b> Bar e restaurante de “dona Nenê”.....	101

<b>Figura 31-</b> Fregueses no bar e restaurante de “dona Nenê” .....	102
<b>Figura 32-</b> Bar do Petrônio.....	103
<b>Figura 33-</b> Feirante “João do café” e freguês Jurandir.....	105
<b>Figura 34-</b> Feirante “João do café” e freguês Gleiton.....	105
<b>Figura 35-</b> Fregueses dançando na feira.....	108
<b>Figura 36-</b> Emboladores de coco na feira.....	108
<b>Figura 37-</b> Fregueses na barraca de dona Socorro.....	110
<b>Figura 38-</b> Fregueses na parte de trás da banca de dona Socorro.....	110
<b>Figura 39-</b> “Feira de trocas” na Feira Central.....	111
<b>Figura 40-</b> Movimentação na “feira de trocas”.....	112
<b>Figura 41-</b> Estabelecimento comercial da Feira Central.....	126
<b>Figura 42-</b> Feirante sentada em sua banca.....	127
<b>Figura 43-</b> Banca e passagem da Feira Central.....	128
<b>Figura 44-</b> Passagem da Feira Central e feirante.....	129
<b>Figura 45-</b> Coisas na banca do feirante “Sarney”.....	130
<b>Figura 46-</b> Frutos empilhados em balaios na Feira Central.....	132
<b>Figura 47-</b> Banca de frutas diversas.....	133
<b>Figura 48-</b> Banca de ervas da Feira Central.....	134
<b>Figura 49-</b> Produtos expostos na banca da feirante Renata.....	135
<b>Figura 50-</b> Balança e coisas na banca do feirante Normando.....	141
<b>Figura 51-</b> Fotografias na banca do feirante Normando.....	142
<b>Figura 52-</b> Cadeira de barbear do feirante Gilvan.....	143
<b>Figura 53-</b> Feirante na banca do senhor Biu.....	144
<b>Figura 54-</b> Porta retrato na banca do feirante Biu.....	145
<b>Figura 55-</b> Parede de memórias do feirante Fernandino.....	147
<b>Figura 56-</b> Coisas e fotografias na banca do feirante Fernandino.....	147
<b>Figura 57-</b> Carrinho de carga na Feira Central.....	148
<b>Figura 58-</b> Carrinho de mão na Feira Central.....	149
<b>Figura 59-</b> Carnes expostas na Feira Central.....	151
<b>Figura 60-</b> Vasos expostos na Feira Central.....	152
<b>Figura 61-</b> Balanço exposto na Feira Central.....	152
<b>Figura 62-</b> Peças íntimas expostas na Feira Central.....	153
<b>Figura 63-</b> Caixotes de plástico empilhados na Feira Central.....	154

<b>Figura 64-</b> Caixotes e balaios na Feira Central.....	154
<b>Figura 65-</b> Caixotes de plástico e de madeira na Feira Central.....	155
<b>Figura 66-</b> Modelo de banca na Feira Central.....	155
<b>Figura 67-</b> Tipos de banca encontrados na Feira Central.....	157
<b>Figura 68-</b> Ponto de comércio na Feira Central.....	158
<b>Figura 69-</b> Cesto com verduras na Feira Central.....	159
<b>Figura 70-</b> Sequência de cestos na Feira Central.....	159
<b>Figura 71-</b> Baldes com flores na Feira Central.....	160
<b>Figura 72-</b> Carroceiro e carrinho de mão num dia chuvoso na Feira Central.....	161
<b>Figura 73-</b> Feirante em dia chuvoso na Feira Central.....	161
<b>Figura 74-</b> Feirante regando hortaliças.....	164
<b>Figura 75-</b> Mala exposta na banca do feirante “Sarney”.....	166
<b>Figura 76-</b> Entrada da “feira de flores”.....	168
<b>Figura 77-</b> Feira de artesanato.....	168
<b>Figura 78-</b> Banca de fumo industrializado.....	169
<b>Figura 79-</b> Banca na “feira de peixes”.....	170
<b>Figura 80-</b> Variedade encontrada na “feira de peixes”.....	171
<b>Figura 81-</b> Mãos do feirante Fernandino, mãos que trabalham.....	182
<b>Figura 82-</b> Cadeira, objeto de memória do feirante Laury.....	183
<b>Figura 83-</b> Cominho e coisas na banca do feirante Laury.....	184
<b>Figura 84-</b> Coisas e memórias na banca do feirante Laury.....	185
<b>Figura 85-</b> Geladeira e memórias na banca do feirante José Aires.....	186
<b>Figura 86-</b> Rua da “feira de queijos” ao término da jornada de trabalho.....	190



## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1-** Atividades comuns numa banca de verduras durante a jornada de trabalho.....47

**Quadro 2-** Atividades comuns a um vendedor de queijos durante a jornada de trabalho.....48

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1-** Demonstrativo do número de lugares cadastrados de acordo com o tipo de mercadorias comercializadas na Feira de Campina Grande (em ordem decrescente).....124

**Tabela 2-** Origem dos produtos comercializados na Feira Central de Campina Grande-PB.125

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I: TRABALHO E PERFORMANCE.....</b>	<b>23</b>
1.1 Trabalho “a gente enfrenta”.....	24
1.2 O “fazer a feira” e a montagem do cenário.....	41
1.3 “No sábado muda tudo”: o trabalho e o tempo.....	54
1.4 “Chamados” e performance como expressões do trabalho.....	62
1.5 Performance cultural e performance como comunicação habilidosa no palco do feirante Ozenildo.....	68
<b>CAPÍTULO II: SOCIABILIDADES NA FEIRA.....</b>	<b>73</b>
2.1 Feira é também festa.....	74
2.2 “O pai dizia: ‘tem que conversar!’ Vendia de tanto conversar”.....	86
2.3 “Aqui é uma terapia”: lazer e prazer na feira.....	98
2.4 Conflitos e tensões na feira, “onde tudo pode”.....	114
<b>CAPÍTULO III: SOBRE ESTÉTICA, COISAS E FEIRANTES.....</b>	<b>122</b>
3.1 “Venha no sábado, o sábado é lindo”: a estética das coisas e da feira.....	123
3.2 Lugar e significados das coisas.....	139
3.3 Coisas, saberes e a arte cotidiana.....	150
<b>CAPÍTULO IV: A MEMÓRIA .....</b>	<b>173</b>
4.1 Memória incorporada e performance.....	174
4.2 A memória nas coisas.....	181
4.3 Passado e presente: “o mercado acabou” .....	187
4.4 Tentativas de olhar e produzir o futuro.....	194
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>201</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>206</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>215</b>

## INTRODUÇÃO

Essa tese compreende um estudo antropológico e um esforço etnográfico que resultaram de quatro anos de pesquisa junto aos feirantes da maior feira de rua da cidade de Campina Grande, a Feira Central. O principal objetivo dessa etnografia é perceber e analisar como é ser feirante naquele universo público e diverso, quais dimensões são comumente acionadas por eles e como elas são capazes de atribuir sentido às suas práticas diárias. Entre tais dimensões, o trabalho, as sociabilidades, as coisas, a memória e a performance se constituíram enquanto categorias reveladoras da experiência de ser feirante naquele modelo de comércio ao ar livre.

O acesso a tais dimensões e suas nuances foi se tornando possível depois de inúmeras idas à feira, a maior parte delas com objetivos claramente definidos. Muitas vezes, esse deslocamento físico e geográfico passou a representar também uma busca, tanto por inspiração quanto por aproximação com os feirantes. Nesses momentos iniciais, os esforços se deram no sentido de observar a dinâmica do espaço e ao mesmo tempo encontrar algum feirante acessível e com disponibilidade para contribuir com a pesquisa, o que felizmente quase sempre aconteceu.

Os primeiros contatos com os feirantes se estabeleceram sem nenhuma mediação de terceiros, era sempre eu quem observava, me apresentava e buscava abertura para uma primeira conversa, que nem sempre parecia fluir com tranquilidade. Mesmo assim, esse primeiro contato terminava abrindo espaço para que eu pudesse retornar, ao mesmo tempo em que criava uma espécie de “passe livre”, que permitia com que eu caminhasse pelos setores da feira com a tranquilidade de saber que já me conheciam e já sabiam dos motivos que me levavam até ali.

Passado esse primeiro momento, as entrevistas semi estruturadas e as conversas informais foram ajudando a desvendar as lógicas próprias daquele universo, as histórias de cada um dos feirantes e suas dinâmicas de trabalho. Tudo isso terminava envolvendo outros feirantes, a freguesia, as coisas e as bancas, muitas das quais me serviram como ponto de apoio, de onde eu podia observar tanto a movimentação da feira e dos setores, como me aproximar de outros feirantes.

Importante pontuar que o acesso a esses últimos quase sempre se deu por indicação de outros feirantes e por aproximação, já que enquanto eu conversava com alguns deles, outros ficavam a observar de maneira atenta e até mesmo desconfiada, ou porque minha presença

gerava certa curiosidade ou porque desejavam participar. Desse modo, os caminhos que deram acesso aos feirantes foram sendo definidos a partir de encontros buscados, indicados, permitidos, adiados e improvisados, mas nunca agendados, já que dependiam da disponibilidade, disposição e boa vontade de cada um deles em cada momento específico do dia ou da semana.

De um modo ou de outro, aos poucos os sinais de que eu estava sendo aceita começaram a surgir, sobretudo por meio dos “agrados” que se deram em forma de coisas, gestos e partilhas, tanto de sentimentos quanto de assuntos tidos como próprios da esfera privada. Entre esses últimos, merecem destaque as pautas relacionadas à solidão, às angustias, aos sonhos, romances, aos lucros e aos conflitos com familiares e com outros feirantes. Tais sinais me fizeram conceber a pesquisa de campo como um privilégio, na medida em que possibilitou o acesso à pessoas que foram se constituindo enquanto exemplos de dedicação, esforço e coragem e que, por isso mesmo, se fizeram protagonistas não apenas de suas vidas, mas também dessa tese e da feira enquanto grande cenário público que é, seja em virtude de sua grande extensão territorial e do seu elevado número de frequentadores<sup>1</sup>, seja pela sua riqueza do ponto de vista histórico, cultural e sócio relacional.

A esse respeito, é importante acrescentar que a Feira Central compreende uma área de aproximadamente 75.000 metros quadrados, composta por um mercado central e 11 ruas adjacentes que, de maneira muito aleatória e maleável, terminam dividindo o espaço em setores, a exemplo do setor de carnes, frutas, verduras, flores, etc. A organização e manutenção de cada um desses setores, bem como das edificações públicas, ficam sob a responsabilidade da prefeitura municipal, enquanto que cada uma das 4.400 bancas ou pontos comerciais existentes na feira ficam sob a responsabilidade dos feirantes, que terminam definindo as regras informais que prevalecem nos setores em que estão alocados.

Esses números ajudam a dimensionar também as dificuldades enfrentadas ao longo da pesquisa de campo. A primeira delas se deu em relação à diversidade, tanto de pessoas, quanto de pontos de vista, espaços, coisas, atividades e formas de trabalhar. Essa diversidade, ao mesmo tempo que abriu caminho para a percepção da riqueza cultural da feira e da multiplicidade de maneiras de ser feirante, também impôs a difícil tarefa de treinar o olhar,

---

<sup>1</sup> Aos sábados, dia no qual se realiza a “grande feira” propriamente dita, aquele espaço público chega a receber cerca de 80.000 pessoas, entre feirantes, fregueses e transeuntes. (Fonte: [https://www.labrua.org/pdf/Caderno\\_Feira\\_Central.pdf](https://www.labrua.org/pdf/Caderno_Feira_Central.pdf), acesso realizado em: 24/03/2022).

horas direcionado à amplitude da feira e daquilo que parecia comum a todos os feirantes, horas atento às singularidades de cada um, cada banca e cada história.

Foi a partir dessa dificuldade também que algumas questões foram se apresentando, como por exemplo: Quantos feirantes eu conseguiria conhecer e entrevistar? E quanto aos fregueses, seria importante entrevistá-los? Se sim, quantos? Quem são os feirantes e quem são os fregueses? É dada a qualquer um a possibilidade de “fazer” a feira? Foi a partir de questões como essas que fui estabelecendo os critérios de inclusão e exclusão utilizados para nortear a pesquisa, critérios esses que ajudaram a elucidar acerca de quem são os feirantes dentro dos limites desse trabalho.

A esse respeito, é importante esclarecer que, de acordo com o dicionário Michaelis<sup>2</sup>, o termo feirante é utilizado para definir “pessoa que vai à feira comprar ou vender”. Tal definição formal, caso fosse considerada com o objetivo de definir aqueles que são feirantes e aqueles que não são, terminaria gerando em lugar de clareza e restrição, confusões acerca daqueles que se constituem como objeto de conhecimento e de investigação dessa tese, já que todas as pessoas que adquirissem algum produto na feira teriam que ser consideradas feirantes, o que não ocorre. As pessoas que adquirem produtos na feira por meio do comércio, são consideradas aqui como fregueses, tal como se apresenta nesse mesmo dicionário: “O que habitualmente compra da pessoa certa; cliente”.

Sendo assim, torna-se imprescindível esclarecer que, para os fins dessa pesquisa, feirante é todo aquele comercializa produtos na feira, não importando se tais produtos são produzidos por ele ou não, se ele possui uma banca de alvenaria ou de material metálico, um carrinho de mão ou simplesmente um ponto de chão onde ele consegue estirar sua lona e ali realizar comércio. Importante ressaltar também que, para além dos feirantes e dos fregueses, outros personagens contribuem ativamente com a manutenção e vivificação do espaço público da feira, como é o caso dos funcionários da prefeitura<sup>3</sup>, os balaieiros, carroceiros, chapeados, catadores de lixo e de materiais recicláveis, os limpadores e guardadores de carros, etc.

Ainda assim, as análises apresentadas ao longo dessa tese consideram que os feirantes são os principais responsáveis pela tessitura do cenário da feira, os seus protagonistas, independentemente de suas origens, idades, dos produtos que comercializam, seu poder aquisitivo ou quaisquer outras características que venham a distingui-los. Sim, eles devem ser

---

<sup>2</sup> MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

<sup>3</sup> Atualmente existem 91 funcionários da prefeitura trabalhando diretamente na feira, sendo eles concursados ou prestadores de serviço contratados provisoriamente. Esses funcionários atuam em três turnos diários e exercem funções de administradores, secretários, garis, vigias e coordenadores de turma.

considerados a partir de suas singularidades, suas visões de mundo e suas maneiras de agir, que assim como a feira, estão em constante movimento e mudança, a depender do dia, do horário e do movimento tanto de pessoas como de vendas.

Nesse sentido, qualquer tentativa de unificá-los sob uma mesma definição tenderia a ser mal sucedida, no sentido de não conseguir dar conta da diversidade que se constitui como uma de suas maiores riquezas, bem como da feira enquanto lugar que possibilita e acolhe tal diversidade. Isso porque naquele universo multifacetado, tudo e todos parecem maleáveis, flexíveis, adaptáveis, o que me fez conduzir essa tese de maneira a evitar determinadas generalizações ou assertivas absolutas, definitivas. Em lugar disso, a escolha se deu por trazer reflexões acerca das dimensões que comumente são acionadas por eles, a partir de falas e acontecimentos individualizados que se tornaram capazes de exemplificar maneiras de ser e de agir próprias de cada um, que podiam ou não ser ampliadas a outros feirantes.

Diante da impossibilidade de dar conta de tal diversidade, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo, a escolha se deu por uma variedade de bancas e de feirantes. Dentre esses últimos, 21 foram se constituindo como participantes diretos da pesquisa, com os quais eu pude interagir com frequência e conversar por diversas vezes. Além desses feirantes, alguns outros terminaram contribuindo de maneira indireta, no sentido de que conversei poucas vezes e obtive informações pontuais, a exemplo do feirante Ednaldo (proprietário de uma banca de fumos), do senhor Walter (que há 52 anos estabelece comércio na feira e possui um comércio de bebidas, tanto no atacado quanto no varejo) e de tantos outros, que, embora não sejam mencionados ao longo do trabalho se constituíram enquanto fontes valiosas de ensinamento sobre as várias maneiras de ser feirante.

Além dos feirantes, outros personagens precisaram e mereceram ser ouvidos, como foi o caso de alguns fregueses escolhidos de maneira aleatória, do carroceiro conhecido como “Peru” e de alguns funcionários da prefeitura, sobretudo o senhor Agnaldo Batista, o administrador da feira. Além deles, outras pessoas foram ouvidas em reuniões ocorridas no interior da própria feira, como foi o caso do senhor Kyrb (funcionário da STTP - Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos de Campina Grande), da historiadora Giovanna Aquino, de antropólogos do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e representantes da prefeitura de Campina Grande.

Esses encontros, as entrevistas semi estruturadas e as observações decorridas das caminhadas pela feira foram registradas com riqueza de detalhes no caderno de campo, bem como as conversas informais pautadas pelos feirantes. Essas últimas tiveram espaço reservado

ao longo da pesquisa, sempre com o objetivo de perceber as pautas que lhes são mais importantes e significativas.

Importante acrescentar ainda que os nomes dos feirantes foram todos mantidos, embora alguns tenham se negado a informar o nome completo. Diante desse fato, a escolha se deu por indicar somente os primeiros nomes e os apelidos, quando houverem. O que faz com que leitores dessa tese com acesso à feira e a feirantes consigam facilmente identificar os protagonistas desse trabalho, seja pelo nome, apelido ou pelos produtos que comercializam, tal como apresentado na pequena biografia colocada em anexo nesse trabalho.

Como tal biografia foi montada de maneira resumida, outras informações a respeito de cada um dos personagens envolvidos aparecerão ao longo da tese, que foi pensada e organizada em torno de quatro capítulos, que mesclam descrições, descobertas, reflexões e autores que servem de embasamento para analisar tanto os acontecimentos quanto as narrativas. Nesse sentido, o esforço sempre foi de acionar autores e trazer reflexões que ajudassem a pensar a respeito das práticas, falas e demonstrações dos feirantes, de onde tudo partiu, foi ganhando forma e contornos. Afinal, são eles os protagonistas dessa tese e de cada um dos capítulos que seguem, que muitas vezes, possuem ideias comuns, interligadas, entrelaçadas, como quase tudo o que se vê na feira.

No primeiro capítulo o leitor irá encontrar uma apresentação da feira como lugar de trabalho não apenas para o feirante, mas também para outros personagens, já que ela ocorre na rua e se deixa pautar pela informalidade, tanto do ponto de vista do comércio formal quanto das relações que ali se estabelecem. Essas últimas terminaram ocupando um lugar privilegiado ao longo do capítulo, na medida em que ajudam os feirantes a criarem vínculos e sentidos às suas rotinas diárias.

Nesse capítulo será possível perceber que a categoria trabalho é vivenciada de maneira maleável, a depender do dia, do horário, da chegada da freguesia e do próprio feirante, na medida em que cada um deles possui um jeito particular de trabalhar e desenvolver uma mesma tarefa. Essa maleabilidade irá se revelar também por meio da desigual condição econômica dos feirantes, dos enfrentamentos em relação aos espaços físicos, à concorrência e à desigual divisão social do trabalho estabelecida na feira enquanto uma “mãe”, que há muito tempo vem garantindo a manutenção e a sobrevivência de tantas pessoas.

Todas as características relacionadas ao trabalho e às atividades próprias do comércio serão apresentadas nesse capítulo a partir da perspectiva dos feirantes, que literalmente “fazem a feira” ao criarem e darem vida a um grande cenário público. Nesse cenário, eles



desempenham papéis sociais e demonstram como é ser feirante por intermédio do trabalho e das suas performances, que comunicam os produtos e atraem a freguesia, que de várias maneiras também participa ativamente das encenações.

No segundo capítulo, irei apresentar as maneiras pelas quais ser feirante implica em desenvolver habilidades para construir laços sociais e promover sociabilidades no espaço da Feira Central, que será pensada também enquanto lugar de encontros, negociações, vivências e interações as mais diversas. Logo, ela será apresentada não apenas como lugar de trabalho, mas também de sociabilidades e de construção da identidade feirante, sendo também sinônimo de festa, fonte de divertimento, movimentação de pessoas, amizades, brincadeiras e conversas. Boa parte de tudo isso aparecerá como criação dos feirantes, de suas aptidões e de suas performances.

Ainda nesse capítulo, a sociabilidade aparecerá como a principal categoria analítica, de onde partirão problematizações a partir de obras de Georg Simmel (2006, 2014) e Heitor Frúgoli Júnior (2007). O objetivo será apresentar, por meio da análise da categoria e das vivências, como os feirantes se diferenciam de outros vendedores, agregam atrativos à feira e fazem dela um lugar de comunicação e de trocas as mais diversas. Isso sem perder de vista o fato de que a feira é lugar de trabalho e que as formas de sociabilidades ali existentes devem ser pensadas também como prolongamentos e criações desse trabalho, algo quase que inerente a ele.

Além das formas de sociabilidades, serão apresentadas as práticas, os momentos e os lugares de lazer, já que tanto a sociabilidade quanto o lazer serão pensados como formas privilegiadas de acesso a algumas das dimensões do que é ser feirante naquele modelo de comércio heterogêneo, permeado também por relações sociais menos amistosas, divergências, tensões e conflitos. Logo, nesse capítulo a Feira Central será apresentada também a partir de suas fragmentações, hierarquizações e processos sociais dissociativos.

No terceiro capítulo me proponho a analisar a estética que é criada na feira, a partir de coisas que são misturadas pelos setores e bancas, que criam um padrão singular e que ocupam um lugar de centralidade no dia a dia daqueles vendedores. Com isso, pretendo demonstrar como por meio das coisas é possível se ver o feirante, seu olhar, suas maneiras de organizar, expor os produtos e despertar os diversos sentidos na freguesia. Ao longo desse capítulo, as ideias estarão colocadas de modo a apresentar a construção da estética que predomina na feira como fonte privilegiada de acesso aos seus artistas.

Nesse capítulo, o leitor poderá perceber as maneiras pelas quais as coisas vão ganhando relevância a partir das funções e significações que os feirantes lhes atribuem, podendo se tornarem sinônimo de apego e também objetos biográficos. Do mesmo modo que elas podem revelar a arte, quase sempre criada a partir de recursos muito simples, do que o feirante já dispõe e pode ser aproveitado. Como artistas que são, eles se expressam, assim como expressam seus gostos e suas preferências por meio das coisas transformadas em criações artísticas.

No quarto e último capítulo, defenderei a ideia de que ser feirante é também se sentir ligado ao passado e às gerações anteriores, sobretudo aos seus pais, tidos como aqueles que lhes ensinaram a desempenhar papéis e de quem eles guardam tanto memórias quanto lembranças vivas de ensinamento teórico e prático. Esse olhar do feirante em relação ao passado será apresentado também como uma espécie de lente através da qual eles veem a si mesmo e às suas trajetórias pela feira, permitindo-lhes reflexões e questionamentos acerca do presente e também do futuro, tanto deles quanto da feira enquanto lugar de memória.

Essa última, será analisada enquanto categoria analítica e enquanto vivência, que se revela e se atualiza por meio de comunicações orais e corporais, ou seja, por meio das performances. Ela aparecerá como que impregnada nas coisas utilizadas pelos feirantes, que terminam recebendo suas marcas e as marcas do seu ofício. Desse modo, memória, corpo, performance e coisas aparecerão de maneira interligada e interdependente ao longo desse capítulo.

Importante acrescentar que apesar dessa convencional separação entre os capítulos, existem ideias, práticas e categorias que perpassam todos eles, como é o caso da performance, utilizada aqui como categoria analítica e como instrumento de apreensão da realidade, na medida em que expressa ela mesma como é ser feirante, sua prática e seu fazer cotidiano. Assim, não há como precisar onde termina a conversa e começa o trabalho, ou mesmo quando uma determinada coisa deixa de ser sinônimo de apego e passa a visar o lucro. Tudo na feira e nas rotinas dos feirantes se mistura, se comunica e se relaciona, tal como os capítulos que seguem.

## CAPÍTULO I: TRABALHO E PERFORMANCE

---



## CAPÍTULO I: TRABALHO E PERFORMANCE

### 1.1 Trabalho “a gente enfrenta!”

Pensar acerca das significações do que é ser feirante na Feira Central de Campina Grande implica, antes de qualquer coisa, discorrer sobre o cotidiano e as rotinas de cerca de 16.000<sup>4</sup> pessoas que diuturnamente executam as mais variadas atividades relacionadas ao comércio e ao trabalho na feira. Afinal, é a prática diária, ou mais especificamente o trabalho que decorre da atividade comercial, que sintetiza e ao mesmo tempo define quem é e quem não é feirante. Ainda assim, é preciso especificar desde a generalidade às particularidades que envolvem tanto esse universo quanto as atividades que são ali desempenhadas.

O termo “feira livre” ou “feira de rua” chega a parecer auto explicativo, na medida em que evidencia a inexistência de obstáculos e ao mesmo tempo a liberdade quase que inerente àquele espaço público, onde qualquer pessoa pode entrar, seja para passear, comprar, mendigar, trabalhar ou comerciar, como é o caso do feirante. E, embora esse último seja aqui considerado o protagonista do cenário, criador e artífice do lugar, o fato de trabalhar na feira não se restringe a ele. Isso porque a Feira Central comporta uma multiplicidade de relações de trabalho e de trabalhadores que, embora não sejam considerados feirantes<sup>5</sup>, ajudam ativamente na manutenção e vivificação do espaço público e daquela forma de comércio, como é o caso dos funcionários da prefeitura<sup>6</sup>, os cabeceiros, balaieiros, carroceiros, chapeados, catadores de lixo, limpadores e guardadores de carros.

Abaixo, uma foto do carroceiro Alberto, mais conhecido como Peru, que trabalha há 25 anos exercendo a função de transportar as mercadorias adquiridas pelos fregueses da feira, cobrando um valor que varia de acordo com a distância e a quantidade de produtos transportados. Peru, é indicado por vários feirantes como o primeiro carroceiro da feira:

---

<sup>4</sup> No ano de 2019, o laboratório de pesquisas colaborativas (Labrua), realizou um diagnóstico na Feira Central com o objetivo de verificar tanto o número de feirantes quanto de modais, o que incluiu pedestres, bicicletas, motos e carros. A pesquisa foi realizada em dois sábados consecutivos, no horário das 3h às 15h, constatando que 78.533 pessoas passaram por lá nesse período.

Fonte: [https://www.labrua.org/pdf/Caderno\\_Feira\\_Central.pdf](https://www.labrua.org/pdf/Caderno_Feira_Central.pdf), acesso realizado em: 24/03/2022.

<sup>5</sup> Ver os critérios de inclusão e exclusão apresentados na introdução desse trabalho

<sup>6</sup> Atualmente existem 91 funcionários da prefeitura trabalhando diretamente na feira, sendo eles concursados ou prestadores de serviço contratados provisoriamente. Esses funcionários atuam em três turnos diários e exercem funções de administradores, secretários, garis, vigias e coordenadores de turma.

Figura 1 - Carroceiro da Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022.

Sendo uma atividade comercial que, em sua maior parte, se realiza por entre as ruas, becos e calçadas do espaço público, a informalidade aparece como uma das mais evidentes características do trabalho do feirante. E isso se dá em virtude de a maior parte do trabalho e da atividade mercantil se realizarem de maneira autônoma e sem carteira assinada, tanto que os próprios vendedores se auto definem como trabalhadores “livres” e informais. O que, segundo a feirante Renata, acarreta o benefício de “poder fazer seu próprio horário e não ter patrão”, mas também os deixa inseguros em relação ao futuro.

Tentando amenizar tal insegurança, muitos feirantes encontram como alternativa a realização de cadastro junto ao Governo Federal como micro empreendedor individual (MEI), o que lhes impõe o pagamento de uma taxa mensal de R\$ 55,00, mas garante os benefícios da aposentadoria por idade, invalidez e o auxílio em casos de doença que incapacite o feirante de trabalhar. Além da taxa mencionada acima, os feirantes da feira central estão isentos de qualquer pagamento junto à prefeitura de Campina Grande, não tendo que pagar pela ocupação do espaço público, restando-lhe apenas o pagamento pelo uso de água e energia, para aqueles que fazem uso desses serviços em seu próprio estabelecimento comercial.

Ainda no que se refere à informalidade, ela também pode ser percebida nos tipos de relações que são comumente estabelecidas no ambiente comercial, seja entre os próprios feirantes ou ainda entre esses últimos e os seus compradores, os clientes ou fregueses. Essas

relações são perpassadas e ao mesmo tempo encontram sustentação não apenas nas relações econômicas e comerciais, mas também nas relações interpessoais construídas durante os anos de trabalho e de convivência estabelecida no espaço público. Essas últimas ocupam aqui um lugar privilegiado, sobretudo pela capacidade que elas têm de transformar o ambiente do trabalho e do comércio num lugar que, além de garantir renda e sustento individual ou familiar, cria vínculos e atribui novos sentidos ao “estar” e “fazer parte” da feira.

Tanto é assim que embora essa tese considere a relevância e a contribuição de algumas das análises elaboradas por economistas como Karl Marx e por antropólogos que se afinam com a antropologia econômica, sobretudo aqueles que consideram a produção material como um processo duplo que envolve o trabalho e as relações dos homens entre si (GODELIER, 1976), a abordagem que aqui se realiza caminha no sentido de destacar também que o trabalho não é tão somente uma atividade sobre a qual o trabalhador emprega sua força, com o objetivo de garantir o seu sustento e dos seus familiares.

Ainda que essa seja a razão primordial de a maioria dos feirantes estar e permanecer ali, apesar do cansaço e das inúmeras e árduas tarefas ligadas à prática cotidiana, foi por intermédio da observação e das análises acerca da categoria trabalho que se tornou possível acessar também outras esferas ou dimensões igualmente representativas das várias maneiras de ser feirante na maior feira da cidade de Campina Grande. Tanto é assim que o informante Deca fora taxativo ao afirmar, depois de um dia de muito trabalho: “Eu já estou muito cansado do trabalho na feira, mas se não for assim, como é que eu vou pagar as contas? Tem sexta aqui que eu mato três bois e o povo ainda fica procurando. É muito trabalhoso.” E em seguida acrescentou: “Mas é aqui que está a minha vida, os meus amigos. Eu acho que eu não sei viver sem isso aqui não!”

E foi tentando descobrir como se dá o trabalho de feirantes como o mencionado acima que pude perceber que o fardo das atividades é muitas vezes amenizado por intermédio da partilha e cooperação entre alguns deles, sobretudo entre aqueles que se veem como colegas ou amigos. Exemplos disso puderam ser constatados tanto durante a pesquisa de campo, quando foram observadas trocas de favores e de mercadorias entre eles, quanto através de dados relatados pelos próprios feirantes. Mais uma vez foi o senhor Deca quem melhor conseguiu demonstrar o orgulho e a alegria ao afirmar que depois que acaba o estoque da carne bovina comercializada em sua banca ele passa a comercializar a mercadoria do seu amigo da banca vizinha, conhecido por ele como “coelhinho”, com quem ele estabelece vínculo afetivo desde a infância.

Abaixo uma foto do feirante Deca e de seu amigo Juarez, vendedor de carne suína que no dia retratado estava auxiliando o amigo na arrumação e limpeza matinal de sua banca:

Figura 2 - Feirantes Deca e Juarez



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

O trabalho também é partilhado entre familiares, como é o caso da feirante Renata, que vez ou outra conta com a ajuda da sua mãe para “dar uma olhadinha” em sua banca enquanto ela precisa se ausentar por alguns minutos ou até mesmo horas. Assim como Renata, sua mãe também tem o queijo como um dos produtos mais procurados pela freguesia e suas bancas estão situadas no mesmo setor.

De maneira semelhante acontece também com a família de Dona Elizabeth, que possui três bancas na feira, todas mantidas e organizadas por ela e por quatro dos seus cinco filhos, podendo contar também com a colaboração do seu esposo já aposentado, embora essa contribuição seja menos frequente. Como as suas bancas são adjacentes, foi possível perceber com relativa frequência a passagem de produtos entre uma banca e outra, bem como de fregueses que, não encontrando o produto em uma das bancas, é conduzido por um dos membros da família às outras duas bancas.

Essas vivências deixam a certeza da partilha, mas não escondem o fato de que o trabalho na feira é algo muito custoso, no sentido de que demanda muito tempo, às vezes uma vida inteira de dedicação e esforço físico. Um trabalho que entrelaça não apenas elementos

muito díspares, como o público e o privado, o formal e o informal, mas também muitas pessoas que, embora tenham em comum o fato de trabalharem na feira, possuem histórias e vivências muito distintas e particulares, sonhos que podem ou não coincidirem com os caminhos e percursos criados por entre aquela variedade de coisas expostas. Sonhos esses que, de tão distantes e difíceis de serem concretizados, podem ter sido conformados ou esquecidos diante de mais uma jornada de trabalho, como é o caso do sonho de Andreza, que “queria ser médica ou veterinária”.

Os relatos de Andreza acerca do seu sonho profissional passaram a levantar questionamentos em relação aos outros feirantes, tais como: quais seriam os seus sonhos? estariam eles atrelados ao trabalho e a feira? Embora tais questionamentos não tenham sido direcionados a todos os interlocutores, em virtude dos propósitos e dos roteiros já estabelecidos para a pesquisa, eles foram destinados à feirante Elizabeth, sua mãe, que no momento executava a tarefa de cortar as cascas sujas de um gradeado completamente cheio de cebolas na banca ao lado. Ao ser questionada sobre qual seria o seu maior sonho enquanto feirante, ela prontamente respondeu com um sorriso no rosto, que nem mesmo a máscara facial conseguiu encobrir: “Eu sonhei ontem com milho, era milho demais, vixe! (risos) Eu gosto de trabalhar com milho!”

Comparando os relatos acerca dos dois sonhos, no caso o da mãe e o da filha, vê-se que embora ambos estejam atrelados ao trabalho, eles demonstram concepções e perspectivas bastante distintas. Dona Elizabeth fala do sonho enquanto um conjunto de imagens que se apresentaram em sua mente enquanto ela dormia e que estavam diretamente atreladas ao seu cotidiano e a sua rotina de trabalho, cercada de frutas, verduras e leguminosas, tanto que em seu relato se destacam o milho e o trabalho.

Já Andreza, fala de um sonho atrelado a um desejo que ficou no passado e que, não tendo sido realizado, foi conformado, tanto que ela até já demonstrou ter encontrado uma justificativa para isso: “Mas quando eu penso (em ser médica ou veterinária), eu vendo aquelas coisas, eu não tenho estômago para isso não!”

O momento no qual Andreza justifica e ao mesmo tempo explica as razões pelas quais ela supostamente teria desistido de ir em busca do seu sonho, constituiu-se como um dos momentos nos quais foi possível perceber, a partir da prática e da experiência da pesquisa de campo, aquilo sobre o qual Clifford Geertz (1978, p.15) já teria alertado. A saber o fato de que “(...) o homem é um animal amarrado às teias de significado que ele mesmo teceu(...)” e que enquanto antropóloga, ainda que eu consiga supor muitas outras razões pelas quais o



sonho de Andreza não se concretizou, eu não tenho como sentir o que ela sente ao narrar sobre ser uma feirante que queria ser médica ou veterinária.

Diante da impossibilidade de sentir o que Andreza sente ou sentiu, ficou “o alargamento do discurso humano” (idem, p.24) e a certeza de que:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (idem, p.20).

Na tentativa de encontrar nesse manuscrito algo que pudesse sintetizar o trabalho do feirante ou mesmo um ponto de intersecção entre o que é geral ou habitual e o que é próprio de cada um em sua rotina, foi que me deparei com a constatação de que muito do que se refere a essa categoria é maleável, adaptável às circunstâncias. Isso porque as atividades a serem realizadas variam não apenas ao longo dos dias e horários da semana, como também de feirante para feirante, já que cada um deles possui um jeito particular de trabalhar e desenvolver uma mesma tarefa. Além disso, é o tipo de produto comercializado que termina determinando toda a sua jornada de trabalho, bem como os instrumentos que são por eles utilizados, sendo possível encontrar tanto utensílios de uso tradicional e doméstico, como facas, tesouras e copos dosadores, quanto balanças digitais, tidas como as mais modernas e precisas.

Ainda assim, o feirante Normando narrou com muita alegria o fato de possuir em seu estabelecimento uma balança que se encontra no mesmo lugar há precisos cinquenta anos. Tanto a balança quanto a sua banca de cereais são heranças do seu falecido pai, de quando ele tinha 18 anos de idade, hoje com 68. A seguir, uma foto do seu tradicional e valioso instrumento de trabalho:

Figura 3 - Balança do feirante Normando



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

Essa correlação entre o moderno e o tradicional vai muito além dos tipos de instrumentos de trabalho utilizados na feira, sendo também um diferenciador das maneiras de trabalhar, atender a clientela e receber o pagamento pelo produto vendido. Isso porque pude observar que, mesmo entre as bancas mais antigas ou tradicionais, vem se tornando cada vez mais comum o recebimento do pagamento via cartão de crédito ou “pix”, embora ainda exista a “caderneta dos fiados”, sobretudo para a freguesia de longa data, como a do feirante Biu, que vez ou outra foi visto folheando-a.

Além das facilidades e variedades quanto às formas de pagamento, a modalidade de compra pelas mídias digitais e a entrega de produtos pelo sistema de “*delivery*”, já bastante comuns em outros estabelecimentos da cidade, também estão ganhando espaço entre os feirantes. Inclusive, essas modalidades de compra e de entrega têm sido apontadas como inovações que ajudaram a manter o número de vendas na feira durante os primeiros meses da pandemia relacionada ao covid-19, tendo sido também instrumento de fortalecimento dos vínculos e da solidariedade estabelecida entre eles. Isso porque feirantes como Renata, já mencionada anteriormente, criaram e divulgaram pelas redes sociais catálogos com os mais variados produtos e preços comercializados entre as bancas, o que favoreceu a venda coletiva.

Ainda no que refere aos impactos da pandemia e às vendas na feira, é importante ressaltar que o comércio naquele ambiente só foi interrompido oficialmente em um único

sábado e que os prejuízos, quando mencionados, se deram em relação ao número de fregueses com idade avançada, que diminuíram substancialmente suas idas ao local. Segundo o administrador da feira, o senhor Agnaldo Batista, a pandemia mostrou que, diferentemente do que ele imaginava, “não são os pequenos comerciantes que sustentam os grandes, mas o contrário. São os grandes, que movimentam muito a feira e que terminam ajudando os pequenos. Eles terminam levando uma coisa ou outra da feira”.

Ainda no que se refere a junção entre o tradicional e o moderno na feira, é também Agnaldo que defende a ideia de que, “aquele feirante que não se modernizar, vai ficando para trás”, no sentido de que é preciso inovar, já que a clientela da feira é muito diversa e que começa a procurar, além do melhor preço, um atendimento diferenciado. Na tentativa de explicar melhor essa sua visão, ele cita o exemplo do vendedor João, ao mesmo tempo que indaga e responde: “Como é que ‘João do café’ sobrevive vendendo só café? Ninguém faz um café como o dele, o sabor é diferente. O caro se torna barato!”. E também um exemplo relacionado aos salões de beleza da feira: “Aqui na feira tem corte de cabelo custando 7,8,9, 20 reais. Qual é o diferencial? é que naquele que tem o corte mais caro, o cliente fica ali tranquilo e ainda ganha a balinha de café.”

O senhor Agnaldo está à frente da administração da feira há 13 anos e segundo ele “faz de tudo um pouquinho”, desde gerir o trabalho dos demais funcionários da prefeitura a conversar e tentar assegurar entre os feirantes, ainda que de maneira informal, a implantação do Código de Postura do Município e o Decreto de Feiras e Mercados, encaminhando qualquer ato de infração aos órgãos competentes. Além disso, ele é um divulgador da feira, dos seus produtos e do trabalho do feirante, executando ainda a atividade de “fiscal” dos espaços físicos destinados a cada um deles, bem como de suas delimitações. Sendo essa última, segundo ele, a atividade mais difícil e que mais gera atritos entre os feirantes. Tanto é assim que, vez ou outra, sua presença é solicitada para resolver algum impasse entre os vendedores do local, que de várias maneiras criam alternativas de apropriação de espaços que, mesmo sendo públicos, mais parecem espaços privativos, dada a ocupação e uso que os feirantes fazem deles.

A esse respeito, é relevante acrescentar que, embora o número de bancas tenha se mantido o mesmo ao longo dos anos, o mesmo não ocorre com o número de feirantes, o que se deve, ainda segundo Agnaldo, ao fato de alguns feirantes com poder aquisitivo maior estar

comprando ou repassando<sup>7</sup> as bancas ou pontos comerciais de outros feirantes, sendo esse apenas um dos elementos que apontam para a desigual situação econômica daqueles comerciantes.

Ainda segundo Agnaldo Batista existe um feirante que possui 25 pontos comerciais espalhados pela feira, do mesmo modo que existem feirantes que comercializam os mesmos produtos, embora sob condições financeiras e de trabalho bastante distintas. Esse fato pode ser mais bem verificado em uma de suas falas, colocada logo a seguir: “Aqui a gente vê um comerciante pequeno vendendo verdura no seu carrinho a um real, enquanto tem outro que vende o mesmo produto e anda numa Hilux. Vai depender de cada um né!”.

É evidente que a fala acima aponta para casos isolados e que não devem ser generalizados, já que não é nada comum o feirante comercializar verduras e conseguir adquirir um veículo do padrão mencionado acima. Além disso, é fato que as condições históricas e materiais não são as mesmas para cada trabalhador da feira e que elas terminam por interferir em suas condições socioeconômicas atuais. Nesse sentido, o sucesso ou insucesso financeiro não depende única e exclusivamente de cada um, como a fala acima pode incitar a pensar. Todavia, relatos como esses ajudam a analisar a temática da estratificação social no meio social em que trabalham e vivem boa parte daqueles feirantes.

É com base no que foi exposto acima que a Feira Central deve ser pensada como um espaço que, embora em menor proporção, tende a reproduzir o sistema de estratificação tão evidente na sociedade brasileira, marcado por uma acentuada concentração de riquezas nas mãos de uma minoria que, conseqüentemente, possui um maior poder aquisitivo e de compra, em contraposição a uma maioria pobre e com pouco ou quase nenhum poder de compra.

Análise semelhante a essa foi realizada ainda na década de 1970 pela Cientista Social Marie-France Garcia<sup>8</sup> que realizou etnografias sobre feiras e mercados na região Nordeste do país, mais especificamente no brejo paraibano, e constatou que: “De fato, mais do que um espaço de trocas econômicas, a feira é um lugar de enfrentamento entre os indivíduos que têm finalidades diferentes e recursos desiguais”. Tal desigualdade é muito mais perceptível quando se estabelece uma comparação entre os setores da feira e os produtos comercializados em cada um deles.

---

<sup>7</sup> Importante salientar que, sendo o espaço da feira um espaço público, os pontos de venda não podem ser vendidos, apenas repassados entre seus familiares.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/19/rbcs19\\_08.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/19/rbcs19_08.pdf). Acesso realizado em 31 de agosto de 2021.

Tomando como exemplo o setor de carnes, não é difícil constatar que aquele é o setor que comercializa um dos produtos mais “nobres” e conseqüentemente mais caros da feira, a carne bovina. Não por acaso esse setor está localizado no interior do mercado central, uma grande edificação em alvenaria que teve sua construção concluída no ano de 1942<sup>9</sup> e que abriga e protege os seus comerciantes da chuva e do sol, possuindo ainda as melhores condições de salubridade da feira, como é possível constatar na imagem que segue, de uma de suas principais entradas:

Figura 4 - Uma das vias de acesso ao mercado central



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

Não por acaso também esse setor é um dos setores nos quais a presença masculina se torna mais sobressalente, não sendo comum a possibilidade de encontrar uma mulher à frente da banca e do comércio. Fato esse já verificado e analisado pelo trabalho de Marie-France (idem), que chama atenção à desigual divisão social do trabalho nas feiras de rua, onde os homens estão posicionados nos setores onde circulam uma maior quantidade de dinheiro e as

---

<sup>9</sup> A construção desse mercado, “(...) foi iniciada em 1939 pelo prefeito Bento Figueiredo na parte leste do centro urbano, próximo aos bairros de José Pinheiro e Santo Antônio. Sua conclusão foi por volta do ano de 1942 no governo do prefeito Wergniaud Wanderley.” (DINIZ, 2011, p.67). Já a sua cobertura, segundo o feirante Deca, teria sido colocada no ano de 1994 pelo então prefeito Cássio Cunha Lima. No entanto, ao buscar a confirmação dessa informação pude constatar que nesse ano o prefeito de Campina Grande era Félix Araújo Filho, restando a dúvida quanto a informação exposta, já que nenhuma das fontes históricas que tive acesso mencionam o ano em que o mercado central fora coberto, somente inaugurado.

mulheres naqueles setores que possibilitam a realização de atividades que mais se aproximam daquelas executadas no ambiente doméstico.

Ainda sobre a hierarquização dos setores da feira, a mesma pode ser percebida até mesmo no interior do próprio mercado central, que longe de ser padronizado em termos de estrutura física, possui diferentes espaços com diferentes condições de trabalho, diferentes pisos, bancas e formas de escoamento da água, fatores esses que interferem decisivamente nas condições de salubridade de cada local.

A seguir, a imagem de uma das áreas mais periféricas do mercado, onde são comercializadas desde a carne de ovinos e caprinos, às carnes tidas como menos nobres, tais como as vísceras bovinas e demais partes desses animais que são consideradas não comestíveis pelos humanos, mas que podem ser comercializadas como alimento para outros animais, a exemplo dos cães:

Figura 5- "Feira de bode e de miúdos" - Mercado central



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

Condições semelhantes à essas apresentadas acima podem ser percebidas em outros setores da feira, como é o caso da área conhecida como o “pau do meio<sup>10</sup>”, apontada tanto por

---

<sup>10</sup> A origem do nome se deve ao fato da área ter sido por muito tempo “a única construção a destacar-se em meio a paisagem da feira de verduras”. (Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/10/memoria-fotografica-feira-central-1980.html>)

feirantes quanto por funcionários da administração como o lugar mais insalubre da feira. A seguir uma antiga imagem do referido local, retirada por Antônio Buarque da Costa no ano de 1980<sup>11</sup>:

Figura 6 - O "Pau do meio"



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/10/memoria-fotografica-feira-central-1980.html>. Acesso realizado em fevereiro de 2022

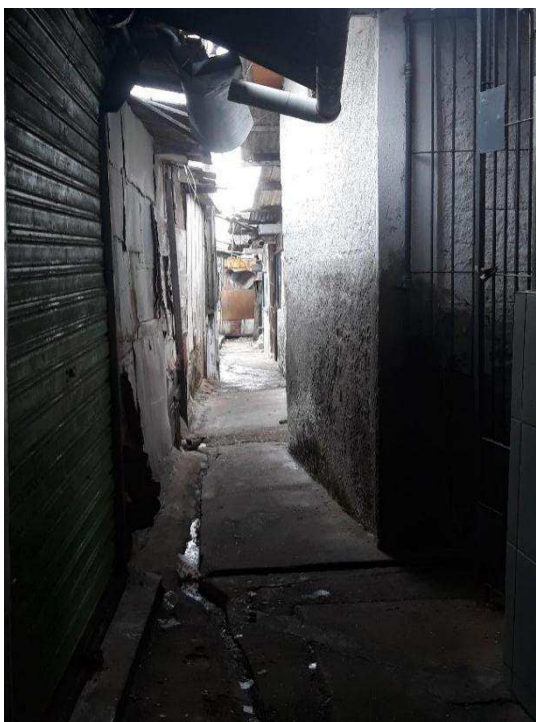
Hoje, esse setor encontra-se quase que “isolado”, ainda que esteja numa área considerada central, posicionado vizinho ao mercado de peixes e muito próximo ao mercado de carnes. Seu relativo isolamento se dá em virtude do fato de destoar dos demais espaços, já que quase não se vê pessoas transitando por entre as suas ruas e corredores, do mesmo modo que muitos dos estabelecimentos se encontram fechados em boa parte dos dias e horários.

Mesmo um passante despercebido consegue perceber que àquele espaço está, em vários sentidos, posicionado à margem da feira, sendo inalcançável a pessoas “de fora” do lugar, seja por receio ou mesmo pelas advertências de alguns feirantes. Segue uma imagem de uma das entradas do lugar, tirada a partir do mercado de peixe, local marcado por muito movimento de pessoas:

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/10/memoria-fotografica-feira-central-1980.html#.Yj2ztufMLIU> (Acesso realizado em 25 de março de 2022).

Figura 7 - Uma das vias de acesso ao "pau do meio"



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

Lá é possível encontrar estabelecimentos comerciais como bares, restaurantes e lanchonetes, sendo também lugar de dormida e apoio, embora a maior parte dos lugares estejam fechados ou com pouco movimento durante o dia, algo muito diferente do que pode ser observado a noite, como será apresentado no próximo capítulo.

A seguir duas fotos tiradas no período da manhã, onde é possível constatar a pouca movimentação tanto de vendedores e funcionários quanto de fregueses em dois dos seus estabelecimentos comerciais:



Figura 8 - Bar e restaurante no "pau do meio"



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

Figura 9 - Estabelecimento comercial no "pau do meio"



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

Esse setor termina funcionando também como uma espécie de área de serviço do mercado do peixe, onde se realiza o trabalho de limpeza do mesmo, sendo comum o descarte de escamas no próprio local, o que torna o ambiente ainda mais deletério. Segue uma foto dos “bastidores” desse mercado e de alguns dos seus feirantes desempenhando as atividades relacionadas à limpeza dos peixes:

Figura 10 - Feirantes trabalhando



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

É importante destacar que todas as idas ao local se deram na companhia de alguém da administração, já que ele é apontado também como um lugar de comércio ilegal e de trabalho para as profissionais do sexo, que encontram nessa modalidade de trabalho o sustento e a garantia da sobrevivência.

Esse olhar sobre a feira enquanto uma realidade particularizada e ao mesmo tempo representativa de algo muito maior, se revela também do ponto de vista da economia da cidade de Campina Grande, na medida em que o tipo de comércio que ali é estabelecido está posicionado no “circuito inferior” da economia local, circuito esse que foi definido e analisado por Milton Santos (2004) na década de 1970 e é considerado enquanto um: “(...) elemento central para se compreender a realidade urbana, ao mesmo tempo em que se apresenta como fonte de trabalho, emprego e renda para parcela significativa da população” (SATO, 2012, p.48).

Não à toa a feirante Socorro, mais conhecida como “Socorro da tapioca”, trabalhadora na feira há mais de cinquenta anos, afirma que “a feira é uma mãe, já sustentou muita gente. E ainda sustenta!”. Essa reflexão se fez presente também com o feirante Gilberto ao relatar como os feirantes enfrentaram os primeiros dias da pandemia decorrente do covid-19: “A gente só fechou aqui um único sábado. A gente fica triste né, vê a mãe da gente sofrendo”. De fato, a feira se constitui enquanto importante segmento do mercado de trabalho, garantindo a manutenção e sobrevivência de inúmeras pessoas e famílias, muito embora seja um ramo propício à oferta de subemprego e ao trabalho informal, como mencionado anteriormente.

No que se refere a qualificação dos feirantes, foi possível constatar que o grau de escolarização formal não aparece como um pré-requisito necessário entre eles, sendo mais relevante o conhecimento da dinâmica desse comércio e dos tipos de produtos que ali são comercializados, conhecimento esse adquirido no dia a dia e na prática cotidiana.

E é no dia a dia também que surgem as dificuldades, cabendo frisar, para além daquelas apresentadas até o momento, aquelas que são comumente evocadas pelos feirantes e que variam desde questões mais pontuais e particulares de cada banca, como por exemplo “o cliente que bagunça e não leva nada” (Elizabeth), à problemas de ordem mais geral, como a obstrução das vias públicas, a não padronização das bancas e dos setores, o número muito reduzido de banheiros e o aparente descaso por parte do poder público diante de muitas das necessidades apontadas por eles. A esse respeito, uma informante chegou a afirmar que: “tudo é política na feira, as autoridades não levam a sério a feira, tem político que mais parece um ET, só aparece aqui no ano de eleição”.

No entanto, para que algumas melhorias possam ocorrer, se faz necessária uma parceria que envolva também os feirantes enquanto principais usuários dos lugares públicos da feira, sobretudo em relação aos cuidados relativos à higiene desses lugares. Isso porque é bastante comum observar o descarte de lixos orgânicos e inorgânicos em ruas e calçadas da feira, o que termina comprometendo as condições de salubridade do espaço como um todo. A importância dessa parceria entre o poder público e os feirantes foi mencionada por Agnaldo Batista, ao considerar que “os dois pilares da feira são o poder público e o feirante” e que “se o poder público não investir na feira não vai ter retorno”.

A seguir, uma imagem que revela grande quantidade de lixo orgânico deixado em uma das passagens da feira, onde até então estavam montadas barracas de frutas e verduras:

Figura 11 - Descarte de lixo na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 24 de março de 2022

Além disso, existem as dificuldades ou tensões que nem sempre são mencionadas com tranquilidade ou que são evitadas de serem ditas, como é o caso da concorrência e também da competição estabelecidas entre os comerciantes. Foram as feirantes Elizabeth e Andreza as que mais se esquivaram de falar a respeito de tais dificuldades, embora tenham deixado evidente que tais temáticas podem ser motivo de conflitos entre eles, tal como se apresenta nas falas que seguem: “Competição sempre tem, não gosto nem de falar” (Elizabeth). E também: “Não gosto de falar desses assuntos não, para não levantar fogueira” (Andreza).

Ainda assim, alguns feirantes como Deca, são taxativos ao afirmar que:

É difícil viver aqui, tem gente que mata para pegar o freguês do outro. O que mantém minha banca é o freguês antigo. Mas tem muitos que ficam oferecendo as coisas a eles, a sorte é que eles dizem: “não eu já tô acostumado com Deca!”

Contudo, é importante ressaltar que mesmo quando alguns feirantes estão apontando os problemas vivenciados por eles naquele ambiente de trabalho, eles não deixam também de reforçar os pontos positivos e de defenderem àquela que é a fonte de renda e de tantas outras benesses para cada um deles. E eles fazem isso chamando a atenção para dimensões e práticas

que nem sempre são vistas ou reconhecidas pelo público que frequenta a feira ou que adquire alguns de seus produtos, como certo dia revelou a feirante Renata:

Ninguém para para ver não, mas é o feirante um dos responsáveis de levar alimento para suas casas (no caso dos fregueses). Ele escolhe o que tem de melhor para o consumidor, na feira é vendido de melhor a melhor. O freguês compra o “produto quente”, carne inspecionada e ainda tem a opção de ver, pegar, escolher.

E assim, cada feirante segue encontrando sua maneira particular de lidar cotidianamente com as dificuldades, estejam elas relacionadas à competição, a diversidade de espaços, de classes sociais ou de condições sanitárias. Mas também, com as muitas facilidades e benefícios decorridos dos seus esforços e do trabalho que é ali realizado dia após dia.

E as dificuldades e os privilégios aparecem também para alguém que como eu decide fazer etnografia na feira. A esse respeito, uma das principais dificuldades encontradas ao longo da pesquisa de campo se deu em relação à diversidade, tanto de pessoas, quanto de pontos de vista, espaços, produtos, atividades, formas de trabalhar. Essa diversidade, ao mesmo tempo que abriu caminho para a percepção da riqueza cultural da feira e da singularidade de cada feirante, também impôs a difícil tarefa de encontrar um ponto de equilíbrio entre o que é geral e o que é particular, a partir de um olhar que tentou perceber a amplitude da feira em suas mais variadas dimensões, sem se afastar da singularidade de cada feirante.

De todo modo, um dos lemas a ser seguido ao longo da escrita dessa tese me foi oferecido por dona Elizabeth ao afirmar que “trabalho a gente enfrenta”. E isso é válido tanto para os feirantes e os múltiplos afazeres que eles precisam enfrentar cotidianamente, quanto para mim enquanto pesquisadora e aprendiz acerca de como é ser feirante em uma das maiores feiras da região Nordeste do país.

## **1.2 O “fazer a feira” e a montagem do cenário**

Depois de apresentadas as características mais gerais acerca do trabalho na feira, cabe agora expor de maneira mais particularizada as principais atividades realizadas por alguns dos feirantes selecionados para essa pesquisa, bem como as várias maneiras através das quais eles

literalmente “fazem” a feira e assim transformam aquele espaço público num grande cenário ao ar livre.

Sendo a feira um lugar de trabalho e de luta diária pela sobrevivência de tantas pessoas e famílias, torna-se necessário para muitos feirantes estar lá, abrir e montar suas bancas em todos os dias da semana, à exceção dos domingos, dia no qual a feira enquanto lugar de comércio encontra-se fechada. Esse fato foi apresentado numa pesquisa desenvolvida por Costa (*apud* ARAÚJO, 2011, p.30), que verificou que 47% dos entrevistados realizavam a feira de segunda à sábado. Esse fato foi confirmado por todos os 21 participantes da pesquisa que realizei para a construção dessa tese.

Em uma das muitas conversas realizadas com a feirante Elizabeth, conversas essas que sempre foram permeadas por atividades como remaçar<sup>12</sup> verduras e pausadas pela chegada ou mesmo pela passagem de algum freguês, ela descreveu com riqueza de detalhes o quanto a feira representou trabalho e sustento para seus pais e o quanto essa representação se reafirma em sua própria história de vida e em sua rotina de trabalho. Isso porque no passado e na vida de trabalho dos pais de dona Elizabeth, a feira era a garantia de ter sempre comida na mesa, já que, segundo ela: “Graças à feira, ao trabalho da gente aqui, dinheiro ninguém tinha não, mas sempre tinha um bode, um peru. Fome a gente nunca passou não”.

Já no que se refere ao presente e ao processo de formação da sua família, a feirante revela ter sido graças à feira e ao trabalho depositado em sua "carrocinha", que ela teria conseguido criar seus cinco filhos. Tal revelação foi feita com demonstrações de emoções e do sentimento de gratidão, mas também com um olhar cansado, próprio de alguém que trabalha desde os cinco anos de idade e que, portanto, tem muitas histórias para contar.

Abaixo uma imagem da referida feirante e de sua banca, onde é possível visualizar os produtos já “remaçados”:

---

<sup>12</sup> Segundo a referida feirante, essa atividade consiste em separar e distribuir o produto em pequenas porções, mais fáceis de serem comercializadas.

Figura 12 - Feirante Elizabeth e sua banca



Fonte: Acervo próprio, 05 de julho de 2019

E as histórias contadas na feira quase sempre se voltam ao passado e ao presente, ambos marcados pelo trabalho que se realiza não apenas durante os seis dias da semana, mas que se estende às madrugadas. Sobretudo às quintas, sextas e sábados, dias de maior movimentação de pessoas e, conseqüentemente, do quantitativo de vendas naquele espaço mercantil.

Ainda segundo a comerciante mencionada acima, por volta das três horas da manhã, ela e boa parte do seu núcleo familiar e dos seus colegas já estão chegando à feira e iniciando o processo de montagem das bancas e organização dos produtos. O que implica em limpar todo o espaço que lhes é destinado, retirar a lona que foi colocada na tarde anterior com o intuito de proteger e guardar os produtos, descarregar, separar, expor as mercadorias e, enfim, decorar suas bancas, pensadas aqui enquanto palcos individuais ou “fachadas” (GOFFMAN, 1985), locais de frente das exposições e apresentações particulares de cada feirante.

Alguns deles dispõem de espaço e segurança para armazenamento das suas mercadorias na própria banca, o que ameniza em muito o trabalho no início do dia. Comprar, organizar, reorganizar, limpar, selecionar, pesar, remaçar, expor e vender os produtos são algumas das atividades diárias e essenciais à boa parte dos feirantes, atividades essas que visam deixar as suas bancas mais atrativas para o freguês, além de garantir um cenário mais convidativo.

No desenrolar do dia, o feirante e seus ajudantes, quase sempre membros de uma mesma família, fazem e refazem algumas dessas tarefas, além das tarefas específicas de cada setor, que foi previamente e informalmente definido segundo o critério de combinação de mercadorias por categorias. Ainda assim, não há um padrão ou um momento definido para a execução dessas e de outras atividades, tudo parece maleável, flexível e adequado à chegada e às demandas da freguesia, que de várias maneiras termina ditando o ritmo do trabalho dos feirantes. Como era de se esperar, a montagem do cenário deve se dar antes da chegada da plateia.

Para que isso aconteça faz-se necessário sair de casa muito antes do nascer do sol, o que ocorre com boa parte dos feirantes. No que se refere a feirante Elizabeth, a saída de casa em direção à feira se dá ainda mais cedo, já que ela reside no povoado Floriano, zona rural da cidade de Lagoa Seca, e isso a obriga a realizar cotidianamente uma pequena viagem de casa ao local de comércio, o que torna o dia a dia de trabalho ainda mais cansativo. No entanto, segundo a historiadora Giovanna Aquino de Araújo (2011), essa realidade não parece se limitar a interlocutora mencionada acima e, ao contrário, compreende cerca de 70% dos feirantes da Feira Central, todos eles oriundos de cidades ou localidades distintas.

Um outro ponto de aproximação entre os feirantes é o fato de terem iniciado suas atividades na feira já na primeira infância, quando desempenhavam o papel de ajudantes dos seus familiares, sobretudo dos seus pais, com quem eles aprenderam, segundo Ozenildo (30 anos trabalhando na feira), o “dom” de serem feirantes. Um trabalho que, segundo ele, tem a grande vantagem de “nunca estar liso”, mas que demanda boa parte do seu tempo e da sua rotina. Isso porque Ozenildo, assim como o seu pai o era, é vendedor de queijos, doces e manteigas, produtos que foram por muito tempo produzidos por ele e sua esposa, o que demandava ainda mais esforço e dedicação.

Segundo ele, além da produção artesanal, que desde algum tempo vem sendo realizada por um primo seu, é necessário também estar atento aos cuidados com armazenamento e conservação dos produtos, sobretudo com os queijos que não foram comercializados durante o dia. Esses últimos, devem ser levados para casa, para que depois de salgados e lavados, possam mais uma vez retornar à feira em perfeita aparência e estado de conservação.

Essa sequência de atividades é muito semelhante àquela desempenhada pela feirante Renata, que ao receber o queijo de um fornecedor do Cariri paraibano passa a realizar o trabalho de pesagem, divisão e proteção com papel filme a cada quilo do produto, o que ela



realiza também com o bolo de batata doce e o famoso doce de coco com açúcar queimado, mais conhecido pelos paraibanos como “quebra-queixo”.

E embora algumas das atividades desempenhadas por Renata e Ozenildo possam ser diferentes daquelas executadas por outros feirantes, todas elas têm em comum o fato de demonstrarem um cuidado permanente com as coisas expostas e vendidas, bem como com a apresentação de suas bancas de uma maneira geral. Isso se revela na disposição e organização dos melhores produtos na parte frontal das bancas, no corte frequente das extremidades das macaxeiras de dona Elizabeth, no fato de somente o feirante Deca “botar a mão no boi”, no sentido de que ele não permite que outra pessoa possa dividir as partes do animal por ele comercializado. Ainda que para isso o feirante tenha que trabalhar em demasia, tanto que ele foi categórico ao afirmar: “Aqui eu trabalho muito!”.

Essa preocupação com a maneira de apresentar a banca e os produtos a serem comercializados, bem como as atividades que decorrem dela, podem ser facilmente percebidas também no ponto comercial do senhor Biu, que todos os dias precisa fechar e cobrir grandes sacos com os variados tipos de feijões e outros cereais que são colocados à venda, para que eles estejam bem protegidos durante a noite e bem apresentáveis no dia seguinte. Quando indagado acerca do trabalho e da variedade de feijões e cereais a serem expostos, prontamente, de maneira simples e metafórica, o feirante justifica sua escolha pela variedade e se faz entender, afirmando que “quanto mais vaca mais bezerro!”.

De fato, os anos de experiência na atividade comercial parecem ter ensinado à feirantes como o senhor Biu que, tanto a variedade de produtos quanto a quantidade de trabalho despendido na feira, são sinônimos de mais vendas e mais dinheiro, sendo essa premissa quase que automática, já que decorre de uma prática e de uma vivência rotineiras.

A seguir, a imagem de uma das bancas ou pontos de venda do feirante Biu. Por intermédio dela é possível visualizar não apenas a variedade de cereais e demais produtos comercializados, mas também imaginar o trabalho que ele mesmo desempenha todos os dias para fechá-la e protegê-la:

Figura 13 - Banca do feirante Bui



Fonte: Acervo próprio, 03 de dezembro de 2019

Uma segunda foto, dessa vez com o seu filho Edvaldo, que no dia estava o ajudando no processo de desmontar a banca:

Figura 14 - Feirante Edvaldo desmontando a banca



Fonte: Acervo próprio, 24 de março de 2022

Essa demonstração acerca do processo de fechar boa parte dos sacos, cobri-los com uma lona e em seguida prendê-la por completo, bem como as descrições das demais atividades realizadas, fornecem um panorama geral acerca do dia a dia de trabalho na feira, ao mesmo tempo que expressam a singularidade da rotina de cada um. Ainda assim, o quadro que segue apresentará com mais precisão a relação de atividades que são comumente desempenhadas por uma categoria específica de feirantes ao longo de um dia de trabalho.

A primeira categoria a ser apresentada é composta por verdureiros e tem como referência as atividades desempenhas nas duas bancas de dona Elizabeth, aqui tomadas como referência para a categoria. Importante destacar que existem exceções relacionadas às especificidades de cada banca e cada feirante em seu modo particular de trabalhar e realizar as atividades que serão apresentadas a seguir, que levaram em consideração cada um dos turnos da jornada de trabalho, tal como é possível observar no quadro que segue abaixo:

**QUADRO1- ATIVIDADES COMUNS NUMA BANCA DE VERDURAS DURANTE A JORNADA DE TRABALHO**

<b>HORÁRIO</b>	<b>ATIVIDADE REALIZADA</b>
<b>Madrugada</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Montagem e abertura da banca:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Retirar a lona e as cordas que mantêm a banca fechada durante a noite</li> <li>○ Retirar os produtos dos caixotes e caixas de papelão</li> <li>○ Retirar os produtos armazenados nos refrigeradores (para aqueles que possuem, o que é uma exceção)</li> <li>○ Colocar os ganchos expositores na parte superior da banca</li> <li>○ Expor alguns produtos nos ganchos</li> <li>○ Organizar produtos e expor sob tábuas, bacias e balaios etc.</li> </ul> </li> <li>• <b>Compra de produtos na CEASA:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ No caso de dona Elizabeth um dos seus filhos se encarrega de comprar na CEASA e levá-los para a banca</li> </ul> </li> <li>• <b>Atendimento da freguesia:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Oferecer e apresentar produtos;</li> <li>○ Pesar os produtos</li> <li>○ Receber pagamento</li> <li>○ Passar troco quando necessário</li> </ul> </li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Embalar as compras dos clientes</li> </ul>
<b>Manhã</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atendimento da freguesia</b> com todas as tarefas implicadas na atividade.</li> <li>• <b>Observar, organizar e repor produtos nos expositores.</b></li> <li>• <b>Organizar e armazenar produtos que vão chegando da CEASA</b></li> </ul>
<b>Tarde</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atendimento da freguesia</b> com todas as tarefas implicadas na atividade.</li> <li>• <b>Desmontagem e fechamento da banca:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Retirar produtos expostos e guardá-los nas caixas, balaios e refrigeradores</li> <li>○ Retirar ganchos expositores</li> <li>○ Colocar a lona sob a banca</li> <li>○ Amarrar a lona com as cordas.</li> </ul> </li> </ul>

A seguir, mais um quadro com as atividades próprias dos vendedores de queijos e doces, aqui representados pela feirante Renata e pelo feirante Ozenildo:

**QUADRO 2- ATIVIDADES COMUNS A UM VENDEDOR DE QUEIJOS DURANTE A JORNADA DE TRABALHO**

<b>HORÁRIO</b>	<b>ATIVIDADE REALIZADA</b>
<b>Madrugada</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Montagem e abertura da banca:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Retirar produtos guardados em armários e/ou refrigeradores</li> <li>○ Expor todos os produtos sob a estrutura de alvenaria etc.</li> </ul> </li> <li>• <b>Atendimento da freguesia:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Apresentar produtos</li> <li>○ Pesar os produtos</li> <li>○ Receber pagamento</li> <li>○ Passar troco quando necessário</li> <li>○ Embalar compras dos clientes</li> </ul> </li> </ul>
<b>Manhã</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atendimento da freguesia</b> com todas as tarefas implicadas na atividade.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Observar, organizar e repor produtos nos expositores.</b></li> <li>• <b>Receber, organizar e armazenar produtos</b> trazidos por fornecedores</li> <li>• <b>Prestar conta com os fornecedores</b></li> </ul>
<b>Tarde</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atendimento da freguesia</b> com todas as tarefas implicadas na atividade.</li> <li>• <b>Desmontagem e fechamento da banca:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Retirar produtos expostos e guardá-los em armários e freezers</li> <li>○ Fechar armários e freezers.</li> </ul> </li> </ul>

Importante afirmar que os dois representantes da categoria apresentada acima possuem bancas de alvenaria, o que diminui o trabalho de montagem e desmontagem das bancas, já que não é preciso cobri-las com lonas, apenas guardar e proteger os produtos em armários e refrigeradores que podem ser fechados com cadeado ao término da jornada de trabalho.

Ao executarem tais tarefas, os feirantes estão não apenas desempenhando funções relacionadas ao trabalho, mas também uma variedade de papéis sociais, que em conjunto, parecem sintetizar suas rotinas e o dia a dia na feira. E vale acrescentar que comumente todas as atribuições relacionadas ao comércio de produtos e aos estabelecimentos são realizadas por eles mesmos, aqueles que dividem e trabalham na mesma banca, quase sempre membros do mesmo grupo familiar.

Nesse sentido, o feirante é ao mesmo tempo produtor, vendedor, estoquista, auxiliar de limpeza, empacotador etc. E cenógrafo, aquele que, mesmo sem muita reflexão à respeito, projeta, coordena, cria e dá vida ao grande cenário público da feira, composto por bancas, balaios, carrinhos de mão, frutas, verduras, carnes, roupas, sapatos, animais, raízes, flores e mais uma infinidade de produtos que são cuidadosamente dispostos, organizados e vendidos cotidianamente por eles.

Desse modo, as ruas e bancas da feira se transformam cotidianamente em um grande cenário que, como em qualquer outro espaço de encenação e representação social, é montado e ao mesmo tempo se destina a uma plateia, aqui representada pelas muitas pessoas que passam pela feira e mais especificamente pelos fregueses, a quem boa parte dos espetáculos ou apresentações se destinam.

Como não poderia deixar de ser, os feirantes são considerados atores criativos e protagonistas do cenário público, cultural e econômico da feira. Atores esses que parecem estar sempre prontos a assumirem os mais diversos papéis sociais, conforme a necessidade ou mesmo a conveniência do momento. Ao desempenharem esses papéis, tal como definidos por Erving Goffman (1985), os feirantes estão não apenas desempenhando as atividades comerciais próprias do seu trabalho, mas também assegurando vida e atribuindo sentidos às ruas e aos espaços públicos por eles utilizados.

Essa perspectiva da representação teatral ajuda a elucidar acerca das maneiras pelas quais os feirantes, ao montarem suas bancas, executarem suas tarefas e atenderem à freguesia, estão desempenhando papéis que encenam ou representam a si mesmos, como é ser feirante. E mesmo quando a plateia não se faz presente, o seu trabalho não cessa, já que não se limita aos momentos de interação com ela, do mesmo modo que não se limita aos momentos de venda propriamente dita, sendo inclusive anteriores e posteriores a eles.

Nesse sentido, o meu olhar não se restringiu aos espetáculos dirigidos ao público em geral, mas a todo o processo que os antecede e procede, já que é o feirante o responsável por todas as etapas artísticas. Logo, muitos dos elementos trazidos para análise nesse momento do texto não estão relacionados aos espetáculos públicos por assim dizer, mas à todas as atividades e a tudo aquilo que emana do trabalho, da disposição e da criatividade deles.

Para que esses elementos fossem percebidos, foi necessário ter acesso e ao mesmo tempo ser aceita nos bastidores, o que implicou muitas vezes em acompanhar a abertura e fechamento das bancas no final da tarde. Afinal, entender como é ser feirante tinha a ver também com “estar lá” e observar todas as etapas do trabalho, que vão desde a preparação e montagem do cenário ao momento no qual a banca é desmontada. Assim, “nosso” trabalho, não terminava junto com o último espetáculo do dia ou quando a freguesia ia embora, mas sim quando o feirante guardava todos os seus produtos e fechava sua banca com a grade, lona ou porta de trilhos, como é o caso da banca do feirante Gilberto, há quarenta anos comercializando roupas íntimas na feira.

A seguir, duas fotos do vendedor Gilberto realizando o processo de desmontagem da sua banca num final de tarde chuvoso:

Figura 15 - Feirante Gilberto desmontando sua banca



Fonte: Acervo próprio, 24 de março de 2022

Figura 16 - Feirante Gilberto guardando coisas de sua banca



Fonte: Acervo próprio, 24 de março de 2022

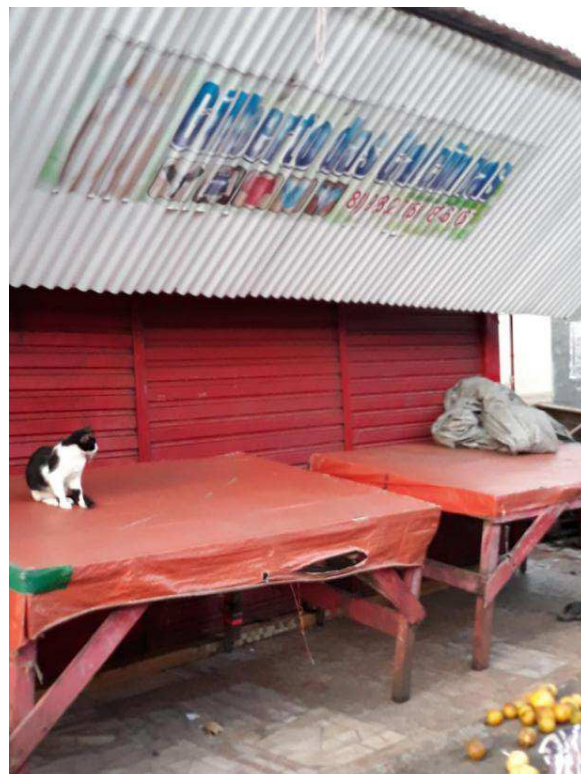
E mais duas fotos, de onde é possível perceber também, a partir da comparação com as fotos anteriores, a mudança no cenário, antes colorido e repleto de peças íntimas:

Figura 17 - Feirante Gilberto fechando sua banca



Fonte: Acervo próprio, 24 de março de 2022

Figura 18 - Banca fechada do feirante Gilberto



Fonte: Acervo próprio, 30 de janeiro 2023



E esse trabalho é repetido todos os dias, cabendo alguns improvisos um tanto quanto comuns naquela forma de comércio. No entanto, o interesse nesse momento se volta àqueles momentos impregnados de um “*savoir-faire*”, de uma labuta que perdura há 50, 60 anos e que torna muitas das atividades quase que automáticas, inconscientes e involuntárias. Logo, em cada atividade se tem e se vê a representação de uma rotina, que pode ser a rotina de Elizabeth, Biu, Deca, Gilberto, Renata ou de muitos outros feirantes.

A ideia é ilustrar, a partir de rotinas específicas, uma das várias dimensões do que é ser feirante, e ser feirante é também experimentar a feira por intermédio do trabalho. Seja “arrumando o que vai chegando, vendo o que tá ficando estragado, o que sobra” (Andreza), seja esperando uma “folguinha” entre uma atividade e outra para almoçar a refeição trazida de casa, ali mesmo no ambiente de trabalho. E se o tempo for curto, o feirante improvisa um lanche com uma maçã, um pedaço de queijo, bolo ou doce, desde que esteja ali à vista, fácil de ser consumido no intervalo que dispõe.

De um modo ou de outro, a realização dessas rotinas e práticas fazem com que os feirantes montem todos os dias um cenário, ainda que cada um siga um ritmo próprio e que não convenha estabelecer um horário que seja comum a todos. Essa maleabilidade se reflete em outras esferas, já que a feira é “livre” em vários sentidos e as regras são, muitas vezes, bastante genéricas e quase sempre construídas ali mesmo entre eles, cada um demarcando seu espaço, organizando e construindo tanto o seu dia a dia quanto um espetáculo muito maior.

A construção mútua, dinâmica e criativa desse espetáculo e desse cenário público se torna facilmente reconhecida quando, ao se deslocarem em direção ao espaço da feira, tanto os feirantes quanto os fregueses afirmam estar indo “fazer a feira”. Tal narrativa aponta não apenas para a compra e venda de produtos, mas também para a existência dos papéis a serem desempenhados, para a tessitura do cenário e das interações sociais que são estabelecidas entre os atores envolvidos.

Nesse sentido a freguesia também ajuda na construção do cenário, comprando, engajando-se nas conversas e brincadeiras, circulando, olhando, experimentando. É ela mesma que dita o tempo da feira, a hora de começar e a hora desmontar as bancas dos feirantes. Se a freguesia aparece, a feira ganha vida e animação, servindo de estímulo para os atores e para acalorar o espetáculo. O freguês pode ser um simples transeunte, mas também pode vir a ser o amigo de longa data, aquele que, através do ato aparentemente simples de “fazer a feira” e escolher alimentos, encobre uma infinidade de significados que ultrapassam a razão prática (SAHLINS, 2003).

Importante ressaltar um momento de reflexão e alegria vivenciado num dia de conversas com o feirante Gilberto, quando ao ajudá-lo no processo de fechamento de sua banca ele pediu que eu desamarrasse umas das tiras que prendiam a lona à mesa que servia como expositor e em seguida afirmou: “Essa daí mesmo (se referindo à tira), isso mesmo. Essa ‘faz a feira’ viu!”. Tal vivência fez com que eu me desse conta do fato de que muitos outros atores sociais estão inseridos e contribuindo ativamente com a feitura do cenário. Inclusive eu, que naquele momento, me senti empírica e ativamente partícipe do processo de construção cenográfica.

Sendo assim, o ato de “fazer a feira” é pensado aqui como um ato coletivo, interdependente, que envolve não apenas os espaços públicos, os feirantes e os fregueses, mas também pesquisadores, passantes, moradores de ruas, catadores de lixo etc. Sendo assim, “fazer” implica participar, interferir diretamente nas interações que os atores e atrizes ali presentes estabelecem nos dias de feira, acionar dimensões e fazer parte delas.

### **1.3 “No sábado muda tudo”: trabalho e o tempo**

Depois de apresentadas as especificidades do trabalho de alguns dos interlocutores da pesquisa, segue agora uma discussão acerca de como as atividades dos feirantes definem o tempo cronológico e como simultaneamente esse mesmo tempo termina por nortear o que deve ser executado tanto em cada dia da semana quanto em cada turno do dia. Interessante perceber também que, à medida que o tempo passa e as atividades vão sendo realizadas, o “espírito” da feira e dos feirantes também vão sofrendo variações.

Como apresentado anteriormente, quase tudo o que se vê e se realiza na feira tem o feirante como principal criador. Para que isso seja possível, ele precisa estar constantemente planejando e executando tarefas, o que se dá tanto no decorrer de um dia quanto de uma semana de trabalho. No que se refere a um dia em particular ou a uma jornada de trabalho<sup>13</sup>, percebi que a mesma pode ser pensada em três etapas, sendo que a primeira delas tem início com a chegada à feira e o processo de montagem e organização das bancas.

---

<sup>13</sup> A jornada de trabalho deve ser entendida como o período diário durante o qual o feirante encontra-se na feira e mais especificamente em sua banca, o que comumente implica em uma duração que varia entre 8 e 10 horas corridas de trabalho, podendo ultrapassar esse número, como ocorre geralmente aos sábados. A esse respeito, a feirante Andreza afirmou que nesse dia ela chega a feira por volta de 1h e ali permanece até às 16h, o que compreende um período de 15 horas.

A segunda etapa compreende o momento do auge das movimentações dos fregueses e consequentemente de vendas, o que varia de acordo com os dias da semana. Mas, segundo o diagnóstico realizado pelo LabRua, o fluxo de entrada na feira é crescente das 3 até as 9 horas, iniciando sua diminuição somente após as 13 horas, quando se inicia a terceira etapa, que serve como sinal de que o comércio, ao menos naquele dia, está terminando e os feirantes já podem começar o processo de desmontagem ou fechamento das bancas.

Embora não seja possível precisar a hora que se inicia e se conclui cada uma dessas etapas, já que elas variam tanto de feirante para feirante quanto em relação aos dias da semana, foi possível constatar que ao longo de todos os dias a percepção que os feirantes têm do tempo está sincronizada com a execução de suas tarefas, já que eles empiricamente sabem o tanto de tempo necessário para realizá-las. Do mesmo modo, a noção de tempo parece atrelada às atividades de outros feirantes, chegando mesmo a impressionar a confluência de ações entre eles.

É nesse sentido que as práticas dos feirantes, seja executando atividades ou interagindo entre eles, terminam por si constituírem enquanto marcadores importantes de tempo. Do mesmo modo ocorre com a presença e o movimento da freguesia, que ao interagir com o feirante, seja passando, perguntando, provando ou comprando, também está servindo como parâmetro para suas ações e, consequentemente, seus processos constantes de planejamento e replanejamento de cada uma das etapas que compreendem o dia de trabalho na feira. Dia esse que não está necessariamente programado pelas horas marcadas no relógio, mas pelo conjunto de atividades que o trabalho exige e que cada freguês demanda.

Sendo assim, têm-se o tempo marcado no relógio, o tempo cronológico onde se desenrolam as atividades próprias do trabalho e o tempo social, que é o tempo da socialização tanto entre feirantes quanto entre eles e a freguesia. O primeiro deles, talvez pelo fato de ser mais secundário e menos perceptível, por vezes chega a surpreender algum feirante, como foi o caso do feirante Bui, que numa tarde de conversas ao me indagar a respeito da hora e saber que eram 15h, respondeu surpreso: “Já??? Aqui o dia passa ligeirinho!”. Essa sensação do tempo corrido muito provavelmente se deve ao fato do feirante estar quase sempre envolvido em alguma tarefa, restando pouco tempo para a inatividade.

Ainda no que se refere à divisão de tarefas por etapas, embora ela seja de fundamental importância para o feirante, tendo como principal função facilitar e dinamizar o seu dia a dia e a sua semana, certamente ela escapa aos olhos de alguém que simplesmente passe pela feira ou que não faça parte da dinâmica de trabalho ali existente, como é o caso do freguês. Ainda

que esse último seja um cliente assíduo, que mantenha uma rotina de idas semanais àquele lugar de comércio e que interaja com certa frequência com os feirantes, ele só irá conseguir dispor de elementos que favoreçam uma comparação superficial entre os dias e horários da semana, sendo capaz de identificar os horários de maior movimentação e os dias em que os produtos estão mais novos ou mais bem conservados. Mas dificilmente ele irá conseguir perceber o planejamento, a ordem, a organização e as etapas do processo de trabalho que ali se concretizam.

E, embora a feira seja “livre” em vários sentidos e haja sempre um lugar para o imprevisto, as atividades dos feirantes são facilitadas pela existência dessa organização e dessa rotina quase que previsível, que fazem da feira um lugar ordenado, tanto de maneira particular quanto coletiva. Parte desse ordenamento se dá em virtude das regras consuetudinárias, cristalizadas desde algum tempo.

Tanto é assim que a feirante Renata, num momento de queixas acerca do trânsito e das dificuldades enfrentadas pelos fregueses ao tentarem caminhar em meio a carroças, carrinhos de mão e até automóveis, já há algum tempo proibidos de circular pelas ruas da feira, afirmou: “tudo bem que é feira, mas peraí!”. Com essa fala, a referida feirante não apenas coloca em evidência o grau de condescendência há muito estabelecido naquele espaço público e a coexistência da diversidade de possibilidades nos mais variados aspectos, mas também deixa claro, que mesmo ali, existem regras e existem limites a serem seguidos e respeitados.

Ainda a esse respeito, foi o interlocutor Francisco Pereira, vendedor ambulante há mais ou menos vinte e cinco anos, quem mais ajudou a agregar elementos analíticos acerca das regras e da organização interna dos feirantes, bem como das várias maneiras de planejar e agir de acordo com o tempo.

Francisco é proprietário de uma carrocinha que de segunda a sexta feira no período da manhã ele mantém posicionada defronte à conhecida feira de queijos, mudando-se para a feira de peixes no período da tarde. Segundo ele, essa transitoriedade se deve ao fato de o quantitativo de vendas ser maior nos referidos dias, horários e lugares. No entanto, aos sábados ele e sua carrocinha são “obrigados” a mudarem mais uma vez de lugar, indo para a chamada “feira de galinha”, onde nem sempre o movimento é tão bom quanto nos demais lugares que ele está acostumado a realizar o seu comércio de frutas, verduras e tubérculos. Questionado a respeito desse deslocamento e dessa quase que obrigatoriedade, ele prontamente afirmou: “Aqui (no caso em frente a feira de queijos, onde estávamos no momento) já tem gente no sábado, já tem dono. No sábado muda tudo!”

O relato acima é esclarecedor em vários sentidos. Primeiro, ele incita a refletir acerca de como os feirantes veem estabelecendo regras informais que pautam e facilitam a convivência entre eles. Segundo, que essas regras estão cristalizadas de tal maneira que, mesmo num espaço que é público e que poderia ser utilizado por qualquer vendedor, existem “donos” que há muito se apropriaram de cada passagem, rua ou pedaço de calçada do espaço geográfico que limita a feira. Isso porque, como afirmado mais acima, o referido feirante já realiza comércio nas ruas da feira há mais ou menos vinte e cinco anos.

Por último e não menos importante, o relato do feirante Francisco revela a organização, repetição e, portanto, a previsibilidade não somente das suas ações, mas também de outros feirantes e da freguesia. Isso porque ele sabe que no sábado outros feirantes irão estar ocupando o mesmo lugar que ele ocupa ao longo dos outros dias da semana, sendo capaz de reconhecer também os lugares e horários da feira com maior e menor movimentação de fregueses. A partir desses elementos, ele consegue prever, planejar e realizar o seu movimento e o seu deslocamento pela feira, sendo essas umas das grandes vantagens de não possuir uma banca fixa, mas móvel, tal como pode ser observada na imagem que segue:

Figura 19 - Carrocinha do feirante Francisco



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

Sendo assim, é possível afirmar que, para além dos improvisos e arranjos espontâneos, muito do que se faz e se produz naquela forma de comércio é cautelosamente planejado, executado e aperfeiçoado pelo tempo e pelas várias gerações que por ali já passaram. Desse modo, a lógica e a organização internas são encontradas tanto nas atitudes individuais, como por exemplo nas repetições de atividades relacionadas ao trabalho, como nas regras criadas, apropriados e partilhados pelos feirantes, fazendo da feira uma realidade organizada. É nesse sentido que a jornada de trabalho e o ciclo semanal são referências importantes de tempo para os feirantes, demarcando quais atividades devem ser realizadas em determinados dias e horários da semana.

É importante destacar que, do ponto de vista da movimentação de pessoas “de fora” da feira, a segunda feira, no caso o primeiro dia de trabalho da semana, parece ser o dia mais tranquilo. Tanto que os feirantes sempre indicaram esse dia a tarde como o melhor dia e horário para conversarmos, estando eles bem mais tranquilos em relação às atividades e ao movimento da freguesia.

No entanto, a movimentação nesse dia se dá nos bastidores, sobretudo entre feirantes e fornecedores, sendo o dia comumente dedicado a reposição dos produtos e de grande circulação do dinheiro “apurado” ao longo da semana e, principalmente, do sábado anterior. Foi Agnaldo Batista, o administrador da feira, quem primeiro chamou atenção acerca da “aparente” tranquilidade que se dá às segundas feiras, afirmando que: “Na segunda feira de manhã é um ‘múido’ grande na feira. Tem muito dinheiro, dinheiro que circula demais”.

Já a quarta feira aparece como o segundo maior dia de comércio, ficando atrás somente do sábado. Segundo o senhor Gilberto esse fato ocorre em virtude da Feira de Gado do Ligeiro, distrito localizado na zona sul do município de Campina Grande, que se realiza prioritariamente nesse dia e que termina atraindo muitos comerciantes de cidades e regiões vizinhas, que também aproveitam para fazer compras na Feira Central.

Sendo o sábado o dia da “grande feira” propriamente dita, boa parte do que se pretende realizar em relação ao comércio tem esse dia como referência e culminância, já que é a partir dele que o feirante programa e ordena suas atividades dentro de um ciclo semanal. Assim, algumas escolhas de ordem prática, como por exemplo o dia de repor os estoques de mercadorias ou o tempo que elas levam para serem comercializadas, são escolhas pautadas pelos dias que faltam até a chegada e o comércio realizado no sábado.

Como ele se constitui enquanto o final de um ciclo e, portanto, o momento mais esperado, ao término desse dia o feirante dispõe de elementos suficientes para avaliar a

semana em termos trabalho, venda e lucro. A feirante Renata de maneira muito simples e abreviada exemplificou a existência desse ciclo, de como ele pauta sua rotina e do que ele representa em termos de sucesso ou insucesso ao longo de uma semana de trabalho: “Meu fornecedor me entrega o queijo na segunda e pago no sábado, o que sobrar é lucro”.

E não é somente o lucro que se almeja e que emana do trabalho. O sábado também se constitui como o dia no qual, de diversas formas, os feirantes rompem com a rotina vivenciada ao longo da semana e passam a experimentar o estar na feira e fazer parte dela de uma maneira diferente daquela observada nos dias decorridos entre a segunda e a sexta feira. Em parte, isso se deve ao aumento substancial tanto do número de bancas quanto de vendas, coisas, feirantes e fregueses. E, em parte, porque eles mesmos, ainda que de maneira pouco refletida, se preparam e se programam para fazerem desse dia não somente o dia de maior movimentação do comércio, mas também o dia das suas maiores encenações no cenário da feira.

Tal como Dawsey (2005, p.22) descreveu e analisou o trabalho de um grupo de boias frias num canavial no interior do estado de São Paulo na década de 1980, os vendedores da Feira Central também tentam, sobretudo aos sábados, “impedir a naturalização do cotidiano” e passam vivenciar a feira e a encenar o papel de feirantes de uma maneira muito mais criativa, empolgada e divertida. Essa nova maneira de atuar se concretiza a partir de uma estreita correlação e sintonia com os demais personagens e com o cenário, naquele dia muito mais agitado e animado, embora não sejam acrescentados elementos novos ou desconhecidos. O que ocorre, na prática, é que os feirantes passam a super dimensionar as atividades que costumeiramente eles realizam em outros dias da semana, valorizando ainda mais suas habilidades artísticas e seu potencial criativo.

É nessa perspectiva que aos sábados a feira é transformada num espaço-tempo liminar e os feirantes passam a experimentar o estado de liminaridade, que segundo Víctor Turner (2012, p.10) pode ser definida em termos de episódios ou situações nas quais outros modelos se tornam proeminentes, num “solo fértil de criatividade cultural”. Não por acaso nesse dia, sob a diversidade de bancas, pessoas e coisas, emergem no cenário da feira uma multiplicação de encenações e imagens, incluindo a do próprio feirante, agora mais falante, brincalhão e animado. E mesmo que todos os sábados tudo isso se repita, a impressão que se tem é a de que o feirante vivencia cada sábado como se fosse único.

A seguir duas imagens que retratam uma mesma via de acesso à feira, conhecida pela “feira de queijos”. As fotos foram tiradas num mesmo dia de sábado, embora em horários

diferentes. A primeira delas revela a via completamente tomada por pessoas, barracas e coisas, já a segunda revela o final de tarde, quando as bancas foram fechadas, as barracas desmontadas e a freguesia já tinha ido embora:

Figura 20 - Rua da "feira de queijos" num sábado pela manhã



Fonte: Acervo próprio, 18 de fevereiro de 2023

Figura 21 - Rua da "feira de queijos" num sábado a tarde



Fonte: Acervo próprio, 18 de fevereiro de 2023



Embora as imagens consigam retratar a transformação do espaço, elas não conseguem dar conta do quão distintas são as experiências do “estar lá” em momentos e circunstâncias tão adversas. Para além da transformação do espaço físico, têm-se a transformação do “espírito” da feira e dos feirantes, que ao menos temporariamente passam a atuar quase que numa realidade paralela, denominada por Victor Turner (idem) de antiestrutura. Vale ressaltar que essa última não é aqui pensada enquanto algo extraordinário ou excepcional, mas como um deslocamento momentâneo de uma estrutura consolidada e ordenada, a qual será retomada já no início do ciclo semanal seguinte, no caso na segunda feira.

É como se na própria dinâmica da feira, gerida a partir de um ordenamento e de rotinas previsíveis em relação às atividades que o comércio exige, o sábado surgisse como um dia que desacomoda a continuidade do cotidiano. Um dia não apenas de trabalho, mas também de lazer, divertimento e interações jocosas, como será apresentado no próximo capítulo dessa tese. Um dia no qual as atividades e os comportamentos dos feirantes são hipertrofiados ou exagerados, tanto no que se refere ao trabalho em si, já que não se pode esquecer que essa categoria se faz presente mesmo nos momentos de lazer e divertimento, quanto nas brincadeiras e interações recíprocas entre feirantes e entre eles e a freguesia.

Ainda segundo Victor Turner (idem), o deslocamento da estrutura (os demais dias da semana com suas rotinizções) para a antiestrutura (o sábado) pode ou não fazer emergir eventos subversivos, no sentido de uma mudança de papéis sociais, o que em parte não foi observado na feira, já que o feirante encena sempre o mesmo papel, o de ser feirante. No entanto, o deslocamento realizado aos sábados pelo feirante Francisco e sua carrocinha, mencionado no sub item anterior desse capítulo, não se restringe a um deslocamento físico e geográfico, havendo também o deslocamento ou a mudança provisória de seu status social (GOFFMAN, 1985), já que aos sábados ele deixa de ser o “dono” do espaço físico localizado no setor de queijos. A sensação e a constatação que ficam, tanto para mim quanto para o interlocutor é a de, como ele mesmo afirmou, no sábado “muda tudo”. E isso se deve tanto a alternância de status quanto ao processo de vivificação da feira, no sentido de que ela ganha ainda mais vida.

Assim, aquela forma de comércio abre espaço para que as ruas que comportam a feira adquiram um movimento singular e bastante diverso, tanto em relação aos dias da semana quanto em relação ao movimento de outras ruas da cidade. E, dessa maneira, no espaço físico da feira vai sendo impresso um cenário e uma infinidade de possibilidades quer do ponto de vista das atividades comerciais ou ainda do ponto de vista das relações sociais. Quem passa

pela Feira Central em Campina Grande, logo consegue sentir a dificuldade em caminhar em meio às barracas, frutas, verduras, roupas, carrinhos de mão e pessoas, das quais se destaca o feirante. Como bem observou a feirante Renata, “na feira tem de tudo”.

E nessa dinâmica não somente as pessoas se movem, a feira parece se mover o tempo inteiro conforme o dia e o horário da semana, pouco a pouco as ruas se transformam em mercado e esse se transforma num grande cenário de trabalho, práticas e interações as mais diversas. Afinal, é também isso que se pode esperar de uma forma de comércio que se dá na rua, que se deixa pautar pela informalidade e que tem como base primordial de sustentação a troca, não apenas de produtos e mercadorias, mas também de gentilezas, jocosidades e significações que favorecem uma diversidade de formas de interação e de relações sociais. E para que esses muitos eixos de significação tenham espaço na feira um palco é montado:

E é esse palco que cria as condições para que os muitos eixos de significado coexistam. Folclore, arte, brincadeira, comércio e trabalho são atividades que se encontram emaranhadas. Por vezes, uma se faz mais proeminente do que outras, mas todas coexistem o tempo todo. (SATO, 2012, p.95)

Importante ressaltar ainda que nesse palco não há dualismo ou dicotomia, do mesmo modo que não há pensamento sobre a prática. O feirante enquanto protagonista desse cenário e desse palco é, ao mesmo tempo, agente transformador e ator desempenhando seu principal papel. Mas, isso não o impede deixar-se mover pela dinâmica da feira.

#### **1.4 “Chamados” e performance como expressões do trabalho**

Buscando uma melhor compreensão acerca da multiplicidade de dimensões que são acionadas pelos feirantes no cenário da feira, essa tese vem assumindo a perspectiva da representação teatral que, para além do que já foi apresentado, ajuda a perceber “como o indivíduo apresenta a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas” (GOFFMAN, 1985, p.09). No caso dos feirantes enquanto atores sociais, como eles se apresentam ou apresentam os produtos por eles comercializados aos fregueses da feira, aqui representados pela plateia.

Lembrando que, ainda na perspectiva do autor acima citado, autor esse que observou toda a ritualização<sup>14</sup> envolvida nas mais diárias interações sociais, a plateia desempenha especificamente a função de ajudar, contribuir com os desempenhos dos atores sociais em atuação. A análise que realizo, ao menos nesse ponto de vista, parece ir mais além, considerando que, no jogo das interações sociais estabelecidas no cenário da feira, a plateia também pode atuar, como poderá ser observado posteriormente. De uma maneira ou de outra, o certo é que juntos e interagindo atores, atrizes e plateia definem situações e “fazem” o cenário da feira.

E esse cenário é montado em lugares públicos, característica comum às feiras, que segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013, p,24), se caracterizam:

[...] pelo aglomerado de pessoas, pela multiplicidade de vozes, de pregões, de falas, de ditos que se misturam, se confundem e terminam por gerar uma verdadeira algaravia de vozes. Ela também remete à multiplicidade de apelos em torno das distintas mercadorias que se tenta vender. Os diferentes anúncios que aí se fazem significam a colocação do mercado dos mais disparatados artefatos para serem consumidos.

Todas essas características definem não apenas as feiras de um modo geral, mas também parte do trabalho dos feirantes, que para venderem precisam comunicar os produtos que comercializam e convencer a freguesia, garantindo assim a eficácia do seu desempenho. A maneira específica com a qual eles realizam essa comunicação singulariza os feirantes e é aqui entendida como arte, a arte de criar rimas, de chamar a atenção dos clientes, de oferecer produtos de maneira envolvente e criativa, podendo inclusive ser mais direta e incisiva.

Essa arte expressiva que analiso e apresento é de caráter individual, específica para cada feirante, já que reflete o seu movimento e a sua criatividade. Desse modo, ela varia de feirante para feirante e pode variar também de acordo com o contexto, a depender das circunstâncias inerentes aos dias e horários da semana. Sendo assim, existem os feirantes que mais facilmente expressam sua arte e existem dias e horários nos quais ela tende a convencer mais.

Esse desempenho ou essa maneira singular de comunicar o produto e atrair a clientela é também sinônimo de performance, que segundo Diana Taylor (2013, p.16):

---

<sup>14</sup> É importante esclarecer que, embora não seja discutida aqui a noção de ritual, sobretudo por uma questão de ordem prática e espacial, tal noção também facilmente seria adaptada ao texto, já que assim como o teatro, eles “requerem hora e lugar certos para existirem, exigem interações corporais plenas, constituem encontros diretos entre as pessoas” (CAVALCANTI, 2015, p.10)

Traz consigo a possibilidade de desafio, até mesmo de auto desafio. Uma vez que o termo implica simultaneamente um processo, uma práxis, uma episteme, um modo de transmissão, uma realização e um meio de intervir no mundo, ele (no caso o termo performance) em muito excede a possibilidade dessas outras palavras oferecidas em seu lugar.

É a partir desses pressupostos que os feirantes são apresentados aqui como performers, atores com habilidades para se comunicarem e encenarem. Importante ressaltar que existe a possibilidade de a feira representar para alguns apenas local de trabalho, comercialização e sustento familiar, o que faz com que esses não participem das performances. Muito embora essa não seja uma escolha consciente e racionalizada, mas fundamentada na experiência prática. De um modo ou de outro, são os performers que chamam a atenção e que são aqui colocados à investigação e apreciação.

Esse esforço analítico encontra inspiração e embasamento teórico nas performances narrativas apresentadas por Richard Bauman (2009), que a partir da perspectiva da sócio linguística, apresenta a performance como o desenvolvimento da poética em ação, a partir de observações empíricas em mercados do México e em Cuba. Ainda assim, muito do que está pensado e colocado aqui se deve à pesquisa de campo e a percepção de como os feirantes estão expressando suas vivências e seu trabalho.

De todo modo, tanto em Richard Bauman quanto aqui, a ênfase especial se volta às relações que interligam a forma linguística, a função social e o significado cultural, considerando que o “fazer” do feirante se dá também no pleno sentido do verbo, na prática discursiva e no “fazer coisas com palavras” (idem, p.4). Para esse autor, a poética performativa realizada pelos vendedores que ele observou é polifuncional na medida que tem como objetivos:

[...] dar voz ao falante que o produz, estabelecer contato com seus destinatários e outros receptores, trazer à tona efeitos do mundo, olhar para os discursos anteriores e antecipar os futuros, chamar atenção para as propriedades do próprio ato de expressão. (idem, p.05)

Essas funções foram evidenciadas também entre os feirantes da Feira Central, destacando-se a performance a partir dos “chamados”<sup>15</sup> que atraem a freguesia para suas

---

<sup>15</sup> Enunciados breves, condensados, que seguem uma fórmula. “Sendo criados para capturar a atenção de compradores potenciais num mercado onde os arranjos espaciais podem mudar de semana em semana e onde pode haver vários vendedores do mesmo produto”. (BAUMAN, 2009, p.07)

bancas, divertem os fregueses e criam processos criativos na feira, que em muito ultrapassam os limites da utilidade econômica. Assim, expressão linguística, beleza e brincadeiras são categorias que não divergem com a categoria trabalho, mas sim que fazem parte do próprio trabalho.

No que se refere aos chamados, foi possível perceber que quase sempre eles têm a finalidade de transmitir aos fregueses informações relevantes sobre os produtos que estão colocados à venda, tais como suas qualidades e preços. Logo, eles devem ser entendidos como “cenas de performance cultural: eventos destacados, intensificados e participativos nos quais o valor é materializado e colocado em exibição” (BAUMAN, idem, p.06). Uma outra característica deles é que geralmente são breves e diretos, sobretudo quando as bancas estão situadas em ruas ou passagens e os possíveis clientes estão transitando por elas. Tal brevidade garante fluência e a certeza de que, mesmo que os caminhantes passem muito rápido, terão ouvido a divulgação e a propaganda dos produtos.

Os exemplos abaixo são representativos do modo como os feirantes utilizam-se dos chamados para apresentarem as qualidades e os preços dos produtos, assim como a brevidade dessas anúncios:

- ✓ “Faço três por 20!” (Elizabeth)
- ✓ “O queijo está bem novinho!” (Ozenildo)
- ✓ “O abacaxi tá bem docinho!” (feirante desconhecido)
- ✓ “É dez reais o feijão, terminei de desbulhar agora minha linda!” (Elizabeth)

Eles almejam também induzir os fregueses à compra:

- ✓ “Pode botar quatro, pra terminar mesmo!” (Elizabeth)
- ✓ “Vai levar o que hoje?” (Biu)

E buscam um envolvimento participativo dos fregueses, convidando-os a fazerem uma seleção dos produtos que podem vir a ser deles:

- ✓ “Vamos levar o que hoje?” (Ozenildo)
- ✓ “Tem queijo, doce!” (Renata)
- ✓ “É 11 reais para você, olha como tá bonito” (Renata)
- ✓ “Chegue, tome mais um bocadinho!” (Elizabeth)

Desse modo, esses chamados não apenas apresentam os produtos como também conseguem agregar a dimensão do engajamento sensorial, convidando os fregueses a sentirem o cheiro e/ou o sabor dos produtos, a conhecida “prova”, tão comum nas feiras de rua e mais especificamente nas bancas que dispõem de produtos que podem ser consumidos ali mesmo, como é o caso das frutas, bolos, doces, queijos, etc. A ideia do feirante é justamente ressaltar e comprovar a qualidade do que está sendo oferecido, além de estimular os sentidos olfativos e degustativos dos fregueses, transportando-os à experiências sensoriais, como é possível observar nas falas abaixo:

- ✓ “Prove ai pra você ver como o queijo tá fresquinho!” (Ozenildo)
- ✓ “Meu amor quer dar uma provadinha?” (Renata)

No que se refere a fala de Renata colocada imediatamente acima, percebe-se nela uma maneira bastante afetuosa de tratar a freguesia, o que é muito habitual na feira. De modo que tratamentos elogiosos e até íntimos, como “minha linda”, “minha querida”, “abençoada”, “meu amor”, não significam que os feirantes estejam galanteando alguma freguesa, já que essa forma de se dirigir à clientela é muito mais direcionada às pessoas do sexo feminino, sem que haja qualquer outro interesse além de agradar e garantir a eficácia do seu desempenho. Sobre esse último é pertinente acrescentar que há sempre alguém avaliando como o feirante está desempenhando o seu papel, no caso os clientes ou a plateia, que como anunciado anteriormente, também pode realizar performances.

Sendo assim, esses chamados e essas performances sonoras terminam interferindo no movimento da feira e afetando de alguma maneira aqueles que passam por perto, seja pelo convite à compra, seja pelos estímulos sensoriais que provocam. Com isso, eles fazem com que tanto a feira quanto as práticas dos feirantes interfiram não apenas na economia monetária do lugar e da cidade, mas também na comunicação, nas interações e no divertimento. Isso porque esses chamados têm também a função de divertir, brincar com os fregueses e tornar o momento da troca comercial uma troca no duplo sentido do termo, enquanto uma ação recíproca, de mão dupla. Sendo assim, a feira também é um lugar de divertimento, do mesmo modo que trabalhar vendendo e se divertindo são sim parcerias e possibilidades possíveis e reais no dia a dia daquela forma de comércio.

Um outro ponto que merece ser analisado em relação às falas dos feirantes é que elas não são destituídas de expressões, ainda que por vezes sejam falas estereotipadas,

padronizadas. Elas podem divergir de acordo com a forma, o contexto e a participação ou não dos fregueses, mas são sempre atreladas a movimentos corporais e gesticulação. Essas últimas terminam sobrecarregando o próprio corpo, que é repetidamente forçado e tecnicamente propício a desenvolver alguma ou muitas habilidades.

Dessa forma, a fala e os gestos devem ser vistos como maneiras de seguir e ao mesmo tempo interferir na dinâmica da feira, ao passo que os feirantes se envolvem, se engajam, se permitem sentir e reproduzir no próprio corpo as várias formas de experimentar aquele que é o seu lugar de trabalho, mas também de encenações, divertimento e lazer, tal como será apresentado no próximo capítulo dessa tese. E esse envolvimento pode ser percebido também em relação aos fregueses e a outros feirantes, na medida em que, segundo Viviana Vedana (2020, p.144-145):

Tudo o que é falado guarda um sentido que se revela ou expressa em alguma coisa que está acontecendo: um freguês escolhendo suas compras já dá ensejo para o início de um anúncio sobre determinado produto, a informação de que há uma promoção na banca; cada fala se direciona ao freguês e ao mesmo tempo cumpre o papel de informar a todos dentro da banca como andam as coisas, alguém olha para o moranguinho, é hora de reafirmar a qualidade, o preço baixo, a beleza e o sabor desta fruta, é hora também de avisar que é preciso colocar mais moranguinhos na banca, é hora de fazer uma brincadeira, de chamar o colega a ocupar seu lugar na banca.

Sendo assim, a experiência de estar e trabalhar na feira pode ser vivenciada de maneira individual e/ou coletiva. De uma maneira ou de outra, ao desempenharem as atividades relacionadas ao trabalho, os feirantes colocam em cena um personagem, com suas performances comunicativas e corporais. E ainda que essas últimas sejam sempre diferentes, propiciam um entendimento acerca das relações entre os corpos, os gestos, as palavras e as trocas na vida social.

Destaco ainda o fato de que tudo isso emerge num cenário marcado por outras vozes, outros chamados, barulhos de carrinhos de mão, corredores tumultuados, passagens apertadas, bancas amontoadas de coisas e pessoas, como é o caso dos agentes de limpeza, funcionários da administração, passantes, fregueses e feirantes. Sendo esses últimos os atores capazes e atuantes no processo de transformação de um simples momento de comércio e venda de produtos em experiências as mais diversas.

Cenário esse que ganha vida a cada nascer do sol e a cada banca que se abre, que tem suas encenações concluídas a cada porta ou lona que se fecha ao final de uma semana ou

jornada de trabalho, indicando uma etapa ou um ciclo que chegou ao fim. Mas, que logo será reiniciado, seja na manhã seguinte ou a cada segunda feira.

Segue agora um exemplo de como o trabalho do feirante se concretiza e se torna eficaz a partir das performances, tal como analisadas até aqui.

### **1.5 Performance cultural e performance como comunicação habilidosa no palco do feirante Ozenildo**

O autor Richard Bauman (2008), destacando o amplo alcance das abordagens orientadas pela noção de performance, elucida acerca de três abordagens que segundo ele são mais evidentes nos trabalhos antropológicos. A primeira e mais antiga delas é a abordagem que se debruça sobre as performances culturais. Sua concepção central é a de que:

As performances são ocasiões nas quais os significados e valores mais profundos de uma sociedade recebem forma simbólica, são corporificados, performados e exibidos perante uma audiência para contemplação, manipulação, intensificação ou experimentação. (2008, p.03)

Tal abordagem é retomada aqui com o objetivo de apresentar as maneiras através das quais os chamados e as performances se expressam a partir das atividades cotidianas realizadas na feira. Foi na banca do feirante Ozenildo que empiricamente tornou-se possível constatar como isso se dá tanto com feirantes quanto com fregueses.

A seguir uma foto do ator, do cenário e do palco individual ou “fachada” onde as performances foram apresentadas:



Figura 22 - Feirante Ozenildo e sua banca



Fonte: Acervo próprio, 05 de julho de 2019

E mais uma, dessa vez apresentando o feirante e sua filha atuando em outro momento, apresentando os produtos aos fregueses que estavam diante de sua banca:

Figura 23 - Feirante Ozenildo e sua filha atuando



Fonte: Acervo próprio, 19 de fevereiro de 2023

A encenação teve início quando uma senhora, que parecia passear pelas ruas da feira, olha rapidamente em direção à sua banca e aos queijos que ali estavam sendo exibidos. Para mim, que não sou feirante e não tenho qualquer domínio acerca da arte da negociação e do comércio, aquele olhar repentino, passageiro e quase que acanhado, pouco ou quase nada anunciava.

No entanto, esse mesmo olhar serviria como porta de entrada para que o referido feirante abordasse a passante com uma sugestão: “Vamos levar o queijo hoje!”. Faria ele aquele convite a todos que passassem de frente à sua banca? Indago o vendedor Ozenildo depois de concluída a sua apresentação. Ele responde de pronto que tal sugestão ou convite é direcionado somente àqueles que, assim como a senhora em questão, direcionam o olhar à sua banca ou aos produtos por ele comercializados. Transcrevo aqui suas palavras: “O comerciante tem um dom né, como eu já lhe falei, vem dos pais. A gente não chama todo mundo que passa não, se olhar é que a gente chama”.

A resposta do feirante ao meu questionamento demonstra que o corpo, assim como os usos que as pessoas que passam pela feira fazem dele, são símbolos que emitem mensagens aos feirantes, cabendo a esses últimos a sensibilidade e o treino para diferenciar um olhar do outro, ou um simples “piscar de olhos” de uma “piscadela”, tal como sugere Clifford Geertz (1989).

Sim, feirantes como o senhor Ozenildo, com vasta experiência na feira, empiricamente percebem que algumas das ações humanas são repetidas, treinadas e transformadas em “técnicas corporais” (MAUSS, 2003), mesmo que não se tenha a consciência desse fato. Certamente, a maneira de olhar da senhora em questão foi semelhante à maneira de olhar de outras pessoas que igualmente demonstraram interesse em comprar o seu queijo. E ele, com sua experiência, treino e técnica, facilmente conseguiu reconhecer a semelhança. É nesse sentido que as atividades rotineiras e os anos de trabalho e experiência adquiridos na feira servem como base para as suas práticas ou performances.

Voltando a encenação aqui descrita, depois do “vamos levar o queijo hoje!”, a senhora recuou algumas passadas e se posicionou em frente ao palco do feirante Ozenildo a perguntar o preço do produto oferecido. Depois de respondida a pergunta, ela anunciou que iria “dar mais uma volta pela feira”, como que desistindo da compra. No entanto, essa fala não desanimou ou desestimulou o feirante, do mesmo modo que não pôs fim ao diálogo estabelecido entre os dois. Ao contrário, é a partir desse momento que a retórica ou a arte de usar a linguagem de maneira performatizada começa a ganhar forma, o que conduz esse texto

também na direção dos estudos de performance como “comunicação habilidosa”, igualmente observada por Richard Bauman (2008).

O feirante então oferece à senhora um pedaço de queijo, “a prova” como ele mesmo define e pode apresentar anteriormente, e de pronto pergunta se o queijo é para viagem, para muito longe, ao que recebe uma resposta positiva. Sim, o queijo que a senhora agora já demonstrava pretensão em comprar iria ser levado ao Rio de Janeiro. Ozenildo, quase que como pretendendo resolver todos os questionamentos e anseios da senhora, que se diga de passagem nada tinham de secreto para ele, a tranquiliza informando que seria feita uma embalagem adequada e que o referido produto chegaria em perfeito estado ao seu destino final.

A perspicácia do feirante despontou mais um questionamento, que também foi realizado e respondido após a sua performance. Como saberia o feirante que o queijo iria ser levado para viagem e para longe? Mais uma vez a experiência, a vivência e a sensibilidade no olhar do feirante fariam a diferença. Segundo ele, a suposição se dava em virtude da época do ano, era mês de junho e ele empiricamente já havia constatado que durante esse mês a feira atrai muitos turistas, que sempre retornam às suas cidades de origem levando na bagagem alguns produtos adquiridos na feira.

O certo é que no fluir das performances e das comunicações expressivas tanto de falas quanto de gestos, a senhora é transformada em freguesa e termina adquirindo não apenas um quilo de queijo, mas também dois quilos de doce. O que serviu como prova da eficácia de todo o trabalho e do envolvimento do feirante.

A partir de uma encenação como essa é possível avaliar positivamente tanto performance cultural quanto a performance da retórica e da comunicação habilidosa do feirante, que terminaram cumprindo algumas de suas funções, como por exemplo o convencimento da plateia e a garantia da eficácia. Além disso, a encenação ajuda também a elucidar acerca de como as performances revelam elementos essenciais acerca do ser feirante da Feira Central de Campina, como é o seu trabalho, o que ele pensa, como ele age e experiência a feira na vida cotidiana.

Já o feirante Ozenildo, de maneira prática, ativa e criativa terminou revelando os muitos porquês de os feirantes serem aqui considerados artistas e atores protagonistas do cenário da feira. Bastou deixar o informante falar, encenar e seguir a dinâmica do cenário e da freguesia.

Não é possível deixar de analisar também a atuação da freguesa tomada como exemplo. Talvez ela saiba racional e empiricamente que o seu olhar quase que despretenso pode despertar no feirante, motivado pela possibilidade da venda, o desejo de convencê-la e de facilitar a sua compra. E talvez essa seja também uma estratégia utilizada por alguns fregueses da feira, já que em momentos distintos uma outra freguesa da Feira Central, de nome Mônica, afirmou que gostava de perguntar o preço dos produtos e imediatamente após a pergunta continuar a caminhada pela feira, como que fazendo de conta que o preço do produto ou mesmo a própria mercadoria não a interessavam tanto. Segundo essa freguesa, essa “tática” quase sempre fazia com que o feirante repensasse o preço e propusesse um novo valor, mais adaptado às suas necessidades e anseios.

Diante de um relato como o mencionado acima fica evidente que, muitas vezes, é a plateia, tal como pensada aqui, que assume ou reatualiza a performance do feirante, sendo ela mesma capaz de estabelecer o comando das encenações. O que faz da plateia, composta prioritariamente pela freguesia, não apenas um público que interfere ou simplesmente auxilia no desempenho de alguns atores sociais, mas também um conjunto de atores e atrizes, sejam eles coadjuvantes ou até mesmo protagonistas.

Ao longo do próximo capítulo, o leitor poderá perceber outras formas de atuação da plateia e dos feirantes, bem como as maneiras pelas quais os feirantes transformam a Feira Central em palco de diversos arranjos sociais, que em muito ultrapassam a dimensão do trabalho.

## CAPÍTULO II: SOCIABILIDADES NA FEIRA

---



Fonte: Acervo próprio

## **CAPÍTULO II: SOCIABILIDADES NA FEIRA**

### **2.1 Feira é também festa**

Como apresentado ao longo do primeiro capítulo, o trabalho do feirante cria condições que possibilitam a realização das atividades ligadas ao comércio na Feira Central de Campina Grande. Ainda assim, o trabalho e a esfera econômica são somente algumas das muitas dimensões que devem ser levadas em consideração ao tentar conhecer tanto o feirante quanto o espaço sócio geográfico da feira, aqui analisada também enquanto um tipo de ambiência que permite o entrelaçamento de vínculos, sentimentos e jocosidades entre os atores envolvidos. Tanto é assim que alguns feirantes, entre eles o feirante e informante Deca, há 40 anos estabelecendo comércio na feira, acha difícil imaginar a sua vida senão ali naquele espaço. Em virtude de tal apego, ele criou o hábito de também ir à feira aos domingos, dia no qual a maior parte dos estabelecimentos se encontram fechados e o comércio se torna praticamente inexistente.

Segundo ele, esse deslocamento se dá em virtude do fato de encontrar ali algumas das principais fontes de seu divertimento e amigos, sejam eles outros feirantes ou até mesmo fregueses de longa data. De um modo ou de outro, a feira representa para ele a possibilidade de experimentar tanto a dimensão do trabalho quanto a dimensão das interações sociais e do divertimento, sendo enfático ao assegurar que a feira seria a sua “própria vida” e que mantém sua clientela porque sempre gostou de “fazer amizade” e ir “levando sempre na esportiva”.

As assertivas do interlocutor acima e o fato dele ir à feira mesmo quando a possibilidade de comercializar algum produto é remota, servem de amostra do quanto um mesmo ator social aciona e é acionado pelas várias dimensões da feira, do quanto o “estar lá” e dividir experiências, não apenas voltadas ao comércio, terminam, por vezes, sendo mais importantes que a própria venda de produtos e o lucro que decorre dela. Não é que a venda e o lucro não sejam importantes, tanto os são que incentivam os feirantes a encontrarem e até mesmo criarem as mais diversas estratégias para atrair a freguesia e ampliar o comércio.

No entanto, um olhar para além das questões de ordem prática e algumas conversas mais prolongadas com feirantes revelaram a existência de outras dimensões igualmente importantes para eles, dimensões essas que apontam para a criação de vínculos e de relações

sociais, que abrem espaço para o novo e fazem acontecer na feira, incluindo o fluxo de pessoas pelas ruas e bancas, as interações sociais, as amizades, brincadeiras e conversas.

Esse fazer acontecer e esse criar vínculos parecem sintetizar uma vez mais o significado, tanto para feirantes quanto para fregueses, da narrativa utilizada por eles quando ao se deslocarem na direção daquele modelo de comércio de rua afirmam estar indo “fazer a feira”. De fato, esse fazer não se restringe às atividades relacionadas ao trabalho e à montagem do cenário, tal como apresentado no capítulo anterior. Ao interagirem, se divertirem, criarem e reafirmarem laços sociais feirantes e fregueses estão criando um lugar diferente, tanto do ponto de vista urbano quanto das interações sociais.

Esse criar e recriar constantemente corresponde aqui à prática da performance, que utilizada como um instrumento de apreensão e compreensão da realidade, não apenas torna visível algumas das dimensões acionadas pelos feirantes como revela também a propensão que esses atores sociais têm de fazerem com que coisas aconteçam ou sejam criadas, que novas experiências e vínculos possam emergir a partir de um espaço que lhes é habitual, corriqueiro.

Como não poderia deixar de ser, a realização dessas performances num modelo de comércio tradicional, como é o da feira, tem suas especificidades. Antes de qualquer coisa, ela prevê que o contato e a interação social, entendida aqui como sendo “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (GOFFMAN, 1985, p.23), se deem, primordialmente, com o objetivo da venda de produtos, o que implica muitas vezes em convencer o cliente.

Sendo assim, para que o feirante obtenha sucesso na negociação com o freguês e consiga apresentar um bom “desempenho” (idem) ou uma boa performance, ele precisa apresentar suas habilidades como vendedor, sendo capaz de descrever bem o produto que deseja comercializar, suas qualidades, vantagens e preços. Mais ainda, ele precisa utilizar-se das dimensões e estratégias mencionadas acima, tendo que conciliar o trabalho com a capacidade de entreter e a habilidade de interagir de maneira criativa com a plateia ou a freguesia. O que significa, muitas vezes, brincar com ela, se divertir.

É nessa perspectiva que entretenimento e eficácia se tornam elementos dependentes e complementares na Feira Central. Fato esse já percebido em alguns estudos de Antropologia da Performance, que apontam para a união e tensão entre ambos como uma forma de chamar a atenção da plateia, no caso os fregueses da feira, e dar vazão às performances, que possuem

várias finalidades, “(...) incluindo entretenimento, ritual, construção de uma comunidade e socialização” (SCHECHNER, 2012, p.83).

O certo é que as performances que envolvem interações e brincadeiras com a freguesia são acionadas pelos feirantes como práticas capazes de garantir a atenção dos fregueses e a consequente venda dos produtos que ali são comercializados, possuindo ainda a finalidade de aproximá-los, tornando as relações entre eles mais “amigáveis” e até mesmo prazerosas. É nesse sentido que criar vínculos, abrir espaço para o novo e para as novas formas de sociabilidade produzem uma dupla eficácia. Elas garantem de um lado a venda e o lucro e, de outro, criam as condições necessárias para o entretenimento. É trabalho e estratégia de venda sim, mas é também socialização, brincadeira e divertimento.

Vale ressaltar ainda que essas performances, bem como as formas de entretenimento que elas propiciam, não se limitam às relações entre feirantes e fregueses. Entre os próprios feirantes são selecionados momentos e espaços públicos (que de muitas formas e sentidos se tornam também espaços privativos) que fazem do dia a dia na feira uma experiência positiva e divertida.

Em boa parte do tempo, sobretudo durante as segundas e terças feiras, quando o movimento e o comércio são consideravelmente mais reduzidos, os feirantes estão envoltos em atividades que mesclam trabalho e divertimento. Entre a limpeza dos espaços que lhes são destinados, a seleção e exposição de produtos a serem comercializados sempre sobra um tempinho para um jogo de damas ou cartas entre os feirantes, além, é claro, das muitas brincadeiras e conversas triviais, sejam sobre suas próprias vidas ou ainda sobre vidas alheias, sendo comum também se entreterem entre lanchonetes e passeios por entre as ruas da feira. Abaixo, a imagem que revela uma cena lúdica, muito comum na Feira Central:



Figura 24 - Feirante dançando



Fonte: Acervo próprio, 18 de fevereiro de 2023

Entretanto, é relevante destacar que cada um dos feirantes, fregueses e transeuntes vivencia essas dimensões do estar e fazer parte da feira de uma maneira diferente, singular, já que ela é “livre”, transcorre no ambiente público e está aberta a qualquer um que deseje comercializar ou passear. O que faz com que coexistem nela uma multiplicidade de pessoas, objetivos, sentidos, atividades e interações sociais.

Sendo assim, ela pode representar o lugar do trabalho, do comércio e do sustento, mas também o lugar para encontrar pessoas, adquirir produtos e, quem sabe até reencontrar ou fazer novas amizades. De uma maneira ou de outra, aquela forma de comércio permite que as ruas que comportam a feira adquiram um movimento singular, bastante diverso do movimento de outras ruas da cidade. E dessa maneira, no espaço físico e geográfico vai sendo impresso um cenário e uma infinidade de possibilidades quer do ponto de vista das atividades comerciais ou ainda do ponto de vista das relações sociais.

Tais características não parecem exclusivas da Feira Central, mas intrínsecas às feiras de rua de uma maneira geral. Tanto é assim que a origem da palavra feira advém do termo latim “feria” que pode significar “dia de festa” ou “dia de férias”<sup>16</sup>, numa alusão aos dias de

---

<sup>16</sup> Fonte: MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

feriado santo nos quais se realizavam grandes encontros comerciais e festivos em regiões e praças públicas da Europa, ainda durante a Idade Média.

A esse respeito, é relevante destacar que a historiografia aponta a realização dessas feiras de rua como um dos principais fatores que propiciou o surgimento das primeiras cidades. E isso se deu não apenas no continente europeu, mas também e posteriormente nos demais continentes e respectivos países, como foi o caso do Brasil e mais especificamente de Campina Grande<sup>17</sup>, que reuniu condições favoráveis para o desenvolvimento da atividade comercial em virtude do fato de se constituir como “importante via de ligação entre o interior e os centros urbanos litorâneos da região” (DINIZ, 2011, p.24).

Para além dos relatos historiográficos, é importante pensar como o significado da palavra feira ainda hoje mantém uma proximidade com alguns aspectos festivos presentes no dia a dia e nas várias maneiras de experimentar a singularidade daquele espaço citadino. E isso se deve ao fato das ruas, passagens e pontos de venda serem vivenciados de um modo diferente de outros espaços ou ruas da cidade, seja pelo número de pessoas, pelos barulhos ou ainda pelo clima agitado e entusiasmado que é ali evidenciado. Quando se está imerso naquele cenário multifacetado, torna-se difícil perceber que para além das bancas, frutas, verduras, roupas e mais uma infinidade de coisas, há ali ruas, calçadas e até mesmo moradias.

A seguir, a imagem de um estabelecimento comercial de artigos religiosos e artesanais, de onde é possível se ver não apenas a variedades de coisas expostas, mas também a porta que dá acesso à moradia de seus proprietários, na parte final da imagem. O referido estabelecimento está localizado em umas das principais vias de acesso à feira, a rua da chamada “feira de flores”.

---

<sup>17</sup> “A origem de Campina Grande está intimamente imbricada com o desenvolvimento da feira de gado e de cereais, como era conhecida pelos comerciantes da região. O surgimento deste comércio no povoado explica-se também pela presença das casas de farinha de mandioca no povoado e nas suas cercanias. A concentração da produção de farinha e de outros cereais como o feijão e o milho, vindos dos Brejos e de outras regiões, em Campina Grande, propiciou a expansão da atividade criatória nos Cariris e Sertão, e determinou, sobretudo, o crescimento da feira de gado do Marinho, que se localizava próximo a Campina Grande, fortalecendo assim o seu comércio.” (Fonte: DINIZ, 2011, p.23)

Figura 25 - Banca de artigos religiosos e artesanato



Fonte: Acervo próprio, 18 de fevereiro de 2023

É assim que facilmente alguns lugares se “escondem” e outros se transformam na feira. Onde habitualmente se vê uma rua ou lugar de passagem logo pode ser transformado em “outra coisa”, o que aponta não apenas para uma ressignificação dos espaços da feira, mas também para a própria tessitura do ser feirante, já que a transformação cotidiana das ruas está direta e dinamicamente entrelaçada ao seu trabalho e a sua vivência cotidiana.

Quem tão bem expressou a capacidade que os cidadãos e em especial os feirantes têm de transformar ou ressignificar a cidade, bem como a ligação entre o feirante e os lugares onde exercem desde o trabalho às várias formas de sociabilidades, foi a antropóloga Viviana Vedana que ao realizar etnografia em feiras livre de Porto Alegre percebeu dentre outras coisas que:

O estar na rua e fazer dela um outro lugar durante um determinado período do dia, ocupar esse espaço de circulação anônima dos habitantes da cidade e transformá-la em um espaço de intimidade e sociabilidade, de encontros e de trocas configura esse fazer-se feirante (...). (2013, p.16)

Logo, o ato de "fazer a feira", já discutido no primeiro capítulo, merece ser retomado aqui e ser pensado também para além do utilitarismo ou da dimensão do trabalho, constituindo-se enquanto um fazer que também está vinculado à transformação de espaços públicos em espaços de convivência, trocas afetivas, afirmação e reafirmação de laços sociais e intensa sociabilidade tanto entre feirantes quanto entre esses últimos e os fregueses.

Essa última categoria é analisada e apresentada nesse capítulo a partir do embasamento teórico propiciado por obras de Georg Simmel (2006, 2014) e Heitor Frúgoli Júnior (2007), ainda que algumas de suas assertivas mereçam uma reflexão crítica e aprofundada. Isso porque esse último autor concebe a sociabilidade como:

[...] um tipo ideal entendido como o ‘social puro’, forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécie de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais. (2007, p.09)

Desse modo, tal concepção não pode efetivar-se na realidade, tanto que Frúgoli Júnior deixa claro tratar-se de uma idealização ou de um tipo ideal, tal como definido por Max Weber (1999). Mesmo assim considero relevante apresentar, no caso específico dos feirantes, as razões pelas quais essa conceitualização idealizada carece de problematização.

Em primeiro lugar, as formas de sociabilidades vigentes na Feira Central e vivenciadas sobretudo pelos feirantes se dão num lugar de comércio, que tem como principal objetivo a venda e o lucro. Como era de esperar, esse fato encontra motivação na existência de interesses, destacando-se o interesse econômico. Afinal, mesmo quando os feirantes estão oferecendo e apresentando os produtos que eles comercializam de maneira atrativa e divertida não é possível esquecer que sua maior motivação é obter o sucesso na negociação. Sendo assim, há interesses claros.

Do mesmo modo, por intermédio dos chamados e das brincadeiras que atraem e envolvem a freguesia há que se perceber algo que extrapola ou vai além do simples desejo da interação. Isso porque as formas utilizadas para atrair a clientela e apresentar os produtos tendem a agregar valor ao que está sendo colocado à venda (“O feijão tá bonito hoje”, “Abacaxi docinha”) e a acarretar benefícios aos feirantes. Esses benefícios não deixam de estar associados à realização da interação e da sociabilidade, mas nem por isso chegam a anular a satisfação pela eficácia do seu trabalho e desempenho, do mesmo modo que não descartam o interesse motivador de suas intenções, à saber a concretização da venda. A

capacidade de unir a dimensão da sociabilidade e a dimensão econômica é que faz do feirante um artista na arte da negociação, tal como ele é aqui concebido. Da mesma maneira que faz da feira uma ambiência alegre e festiva.

Ainda no que se refere à sociabilidade entre feirantes e fregueses, é importante pontuar que mesmo nos momentos de brincadeiras e descontração estabelecidos entre eles, as hierarquias e os papéis sociais continuam a existir, demarcando inclusive posições e padrões de comportamento. Prova disso é que as brincadeiras dos feirantes se voltam prioritariamente às mulheres e assim mesmo dentro de limites e regras de cordialidade implícitas, que não são externadas verbalmente, mas que nem por isso pode-se questionar sua existência.

Além disso, entre os feirantes existe uma desigual estruturação econômica, tal como apresentada no primeiro capítulo dessa tese. E as interações não apenas não conseguem eliminar tal desigualdade como tendem a refleti-las, ainda que no lugar da feira eles desempenhem um mesmo papel social. Vale ressaltar que dadas as posições e as divergências entre os feirantes, esses papéis sociais são sempre desempenhados de diferentes maneiras e isso só reforça o fato de que eles não devem ser considerados “iguais”. Essa possibilidade só seria possível no plano das idealizações ou dos “tipos ideais” e, justamente por isso, tanto Frúgoli Júnior quanto Georg Simmel apelam para o instrumento de apreensão da realidade definido por Max Weber (idem) ao tentarem definir a sociabilidade. É como se eles estivessem querendo atentar para as sensações causadas e partilhadas diante dos momentos de intensa sociabilidade. Talvez por isso Frúgoli Júnior (idem) faça referência às interações vividas em forma de jogos.

Entre os feirantes e entre eles e a freguesia um claro exemplo desses jogos da interação se faz proeminente, trata-se do jogo do “faz de conta”, por intermédio do qual os atores sociais parecem “fingir”, ao menos nos momentos de descontração e sociabilidade, que as hierarquias, os papéis e as regras sociais não existem, o que pode causar a falsa sensação de igualdade ou mesmo de amizade entre eles. Essa assertiva pode ser melhor percebida por intermédio do hábito que alguns feirantes têm de tratar as freguesas de maneira afetuosa e até mesmo íntima já que, como foi apresentado no primeiro capítulo, são comuns tratamentos como “minha linda”, “meu amor”, “minha querida”, etc.

Por meio dessas interações sociais informais eles conseguem invisibilizar momentaneamente as diferenças existentes entre eles, podendo até encobrirem o interesse comercial e a lógica fria que tende a se impor sobre as relações tipicamente econômicas. Indo ainda mais longe, talvez essas interações vividas em forma de jogos a que se refere Frúgoli

Júnior (idem) e mais especificamente esse jogo do “faz de conta” a que faço referência seja um elemento capaz de diferenciar os feirantes dos vendedores de outras formas de comércio que não os de rua, além de se constituir também como um dos principais atrativos das feiras livres. Isso na medida em que o espaço da feira permite e acolhe os improvisos, a informalidade e as formas de brincadeiras comumente realizadas pelos feirantes, que dificilmente conseguem ser ou manterem-se “*blasé*” na feira.

É nessa perspectiva e a partir do que está colocado acima que considero que entre os atores sociais envolvidos nessa pesquisa, a sociabilidade se dá a partir de “determinados impulsos ou da busca de certas finalidades”, como aponta Georg Simmel (2006, p.59), estando elas estreitamente direcionadas tanto ao trabalho e ao lucro quanto ao desejo de relacionar-se, dividir experiências e se divertir na feira.

Desse modo, a sociabilidade deve ser entendida aqui como a forma lúdica da sociação, sendo que essa última categoria analítica é pensada e definida por Georg Simmel como “a forma, que se realiza de inúmeras maneiras, na qual os indivíduos se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam” (SIMMEL, 2006, p.60-61). Tal definição induz a considerar a sociabilidade como uma das maneiras pelas quais os vínculos entre feirantes e entre eles e a freguesia se estabelecem e ao mesmo tempo se fortalecem a partir do “estar junto” e da convivência diária. O que faz com que essa forma lúdica da sociação seja revelada não apenas por intermédio do trabalho ou do interesse em vender determinados produtos, mas também pelo anseio, mesmo que inconsciente, de fazer dos momentos de troca comercial momentos de trocas afetivas, conversas, brincadeiras e jocosidades.

Interessante destacar que no decorrer desse processo criativo e aglutinador os vendedores estão empírica e mutuamente desenvolvendo habilidades e maneiras de ser e de experienciar como é ser feirante na Feira Central. E ser feirante é também se divertir com os colegas de trabalho, com os fregueses esporádicos e com os fregueses transformados em amigos. Sem deixar de lado ainda os passantes, que também são convidados à interação e a possibilidade de fazerem de um momento trivial e fugidio um momento de diversão.

Em relação a essa possível unidade mencionada por Georg Simmel e transcrita logo acima, ele mesmo se encarrega de revelar que ela nada mais é que “um jogo de cena” ou mesmo um jogo do “faz de conta” como assim o defino. Isso na medida em que, segundo ele, “a sociabilidade cria, caso queira, um mundo sociologicamente ideal”, onde a “alegria do indivíduo está totalmente ligada à felicidade dos outros” (2006, p.69).

Sendo assim, tanto o interesse voltado à venda quanto as dificuldades relacionadas à competição e à concorrência não deixam de fazerem parte daquele rico universo relacional. Mas, por vezes, esses elementos se tornam secundarizados diante da multiplicidade de elementos e circunstâncias transcorridas em boa parte dos dias e quiçá das vidas dos feirantes, que dividem aquele espaço público com tantas outras pessoas e que, por isso mesmo, são provavelmente impelidos e motivados a fazerem dele um lugar agradável e de convivência amistosa. Não à toa o tema da concorrência, quando colocado em pauta, é logo deixado de lado ou evitado, como será apresentado mais adiante, ainda nesse capítulo.

Analisando a feira e o feirante pelo viés da sociabilidade e da ludicidade há que se pensar e se perguntar também acerca do que lhe é diverso ou destoante. Se o momento sociável se assemelha à alegria e cria a sensação da igualdade e da ausência da hierarquia, qual o lugar ou os lugares que a lógica direcionada ao cálculo frio e racional, ou mais especificamente o dinheiro, ocupa naquela forma de comércio e nas relações protagonizadas pelos feirantes?

Mais uma vez Georg Simmel (1896 *apud* SOUZA e OELZE, 2014), em outro momento e a partir de outras discussões, chegou a afirmar que o dinheiro pode conferir um caráter impessoal às relações sociais, embora e ao mesmo tempo ele também tenha a capacidade de gerar “uma ligação extremamente forte entre os membros de um setor econômico pela necessidade de trocar dinheiro” (p.26). Isso porque o mesmo não pode ou não tem como ser consumido imediatamente, logo “(...) ele aponta para outros indivíduos, dos quais se pode exigir o que se quer consumir” (p.27).

A partir dessas premissas, ficou fácil perceber que os feirantes também se relacionam a partir das necessidades inerentes ao próprio sistema comercial e capitalista do qual fazem parte, tendo, portanto, que serem também fregueses de outras bancas e consumidores de outros produtos que não somente àqueles comercializados por eles. Logo, o fato de encontrarem na feira grande parte do que necessitam do ponto de vista material, faz com que entre os mesmos feirantes existam tanto laços afetivos quanto laços pautados nas trocas capitalistas, da mesma maneira que se pode ir de um vínculo a outro, ou seja, amigos se transformarem em clientes e vice-versa.

É desse modo que boa parte dos vínculos e das relações societárias estabelecidas entre os feirantes são intimamente dependentes do espaço geográfico, comercial e cultural da feira, podendo depender também das trocas comerciais que ali se efetivam. Nesse caso, o dinheiro pode funcionar como um mediador das relações sociais, aparecendo aqui como uma das

portas de entrada para pensar acerca dos fios invisíveis que vinculam as pessoas que fazem a feira.

Um bom exemplo disso foi observado entre os feirantes Deca e Luiz, sendo esse último proprietário de um comércio de miudezas na feira, de onde o vendedor de carnes adquire desde perfumes a utensílios de uso doméstico. Mesmo assim, o interlocutor Deca afirmou que a relação estabelecida entre eles não se restringe ao comércio e está pautada sobretudo na confiança e amizade, tanto que ele não apenas seleciona e separa como também oportuniza a entrega da carne bovina comprada por Luiz, garantindo que ela está sempre “do jeito que o senhor gosta”. Ainda segundo Deca, as relações comerciais e os vínculos de amizade perduram entre eles porque ambos conseguem manter a clareza e a separação entre “negócio e amizade”.

Uma última questão que merece ser pontuada em relação às formas de sociabilidade vigentes na feira é o fato de que essas últimas se constituem também a partir da habilidade que alguns feirantes desenvolveram de se relacionar tanto com outros feirantes quanto com os transeuntes, passantes e possíveis fregueses. Tal habilidade se impõe pelas necessidades inerentes ao trabalho, que requer uma interação e uma agradável apresentação de si mesmo e dos produtos colocados à venda. Logo, essa sociabilidade deve ser pensada também como um prolongamento do trabalho, algo quase que inerente a ele. A questão que se impõe como primordial é a de que em meio ao trabalho e às diversas atividades, o feirante criativamente consegue fazer da feira e do seu lugar de comércio também um lugar lúdico, de acolhimento e de interações sociais as mais diversas.

É como se cada dia de feira ou cada negociação pudesse abrigar ou criar um evento, no sentido de um acontecimento ou mesmo uma comemoração, seja porque mais um dia fora vencido, seja porque as vendas e o comércio prosperaram, o que depende intrinsecamente do movimento da freguesia. Se os fregueses aparecem a feira ganha animação, os feirantes se empolgam, os encontros acontecem, o barulho e os chamados aumentam, as conversas se sobressaem e a sociabilidade se consolida.

Logo, de várias maneiras e em diversos sentidos a feira merece ser analisada a partir de seu sentido mais originário, enquanto festa<sup>18</sup>. Enquanto uma ambiência onde se faz amizades, conhece pessoas, revê conhecidos e amigos, conversa, brinca e passa o tempo de

---

<sup>18</sup> A palavra festa é utilizada aqui enquanto “(...) fuga do enfadonho pelo divertimento, busca do desconhecido pela criação” (PRADO, 1977, p.82). Momento no qual “(...) o distante vira próximo tanto no sentido espacial quanto no humano, pois além de reavivar laços antigos ela produz novas alianças” (idem, p.83). Com isso, não estou desconsiderando o caráter contestatório e até mesmo destrutivo (SANCHIS, 1983) inerente a essa categoria. Ao contrário disso, estou priorizando a sua dimensão criadora e aglutinadora.



maneira prazerosa e divertida. Um espaço onde várias dimensões se entrelaçam e atribuem sentido às vidas dos feirantes, destacando-se para o momento a dimensão da sociabilidade.

Análises semelhantes a essa foram realizadas por Camila Aude Guimarães ao tentar investigar e aprofundar as ligações existentes entre as feiras livres, a cultura popular brasileira e as festas. Segundo ela:

No geral, o evento pode se apresentar como um momento de rever conhecidos, como uma mistura de lazer e cotidiano – ainda que estejam sendo realizadas atividades rotineiras, necessárias, é uma oportunidade de viver algo diferente, uma comemoração dentro do dia a dia. Um local lúdico e transgressor. Um ambiente alegre e unido, um espaço de liberação através da interação social – por meio de dança, riso, conversas, ditos populares, músicas etc. (2010, p.11).

Isso tudo sem que o feirante perca de vista o seu trabalho e as atividades laborais que ele deve realizar. Sim, o entretenimento existe no dia a dia daquela forma de comércio, mas ele está diretamente imbricado, entrelaçado às atividades laborais e aos dias e horários da semana, do mesmo modo que está sempre sendo influenciado pela chegada e presença da freguesia.

Ainda assim, quando o trabalho não cumpre a finalidade ou não produz a eficácia almejada, o esforço diário do feirante pode ser compensado pela convivência ali criada, pela alegria de criar na feira uma ambiência divertida e prazerosa, sendo ele mesmo parte integrante e fundamental dessa criação. Vale lembrar que a criação e organização do momento festivo demanda esforço, de modo que o término da feira do dia em muito se assemelha a um “fim de festa”, aquele momento no qual o cansaço ganha forma e é facilmente percebido, seja por intermédio dos olhares fatigados ou dos silêncios, tanto dos feirantes quanto do cenário como um todo.

Ao longo dos próximos sub itens serão apresentados de maneira detalhada alguns exemplos de sociabilidades vivenciadas pelos feirantes, destacando-se as brincadeiras, conversas e amizades. Tais exemplos tornam-se mais evidentes em alguns lugares da feira, àqueles que terminam servindo também como pontos de encontro, conversação e lazer. Tal empreitada permitirá perceber os usos e formas de apropriação dos espaços públicos, que de várias maneiras são (re) significados no dia a dia do comércio de rua.

## 2.2 “O pai dizia: ‘Tem que conversar!’ Vendia de tanto conversar”.

Estar com os feirantes, acompanhando suas rotinas e a realização de suas atividades, foi aos poucos se constituindo como um aprendizado a partir do qual tive a oportunidade de apurar o olhar e adaptar técnicas de pesquisa. Paulatinamente fui percebendo que as entrevistas não poderiam ser agendadas, que as conversas, ao menos comigo, tinham hora para acontecer e que dificilmente se dariam sem interrupções, já que o movimento e a interferência constante de pessoas, sejam outros feirantes ou fregueses, demandavam muita atenção dos interlocutores. E não havia como ser diferente, eles estavam em seus locais e horários de trabalho, cabia a mim transformar esse fato em benefício para a pesquisa.

Não é que esse fato tenha se constituído como entrave ou dificuldade, apenas impôs a necessidade de adaptação e replanejamento constantes, o que fez com que a técnica da observação fosse gradativamente ganhando ainda mais espaço e aproveitamento. Quando não era possível conversar eu me detinha a observar a execução das atividades, os atendimentos à freguesia, as conversas e interações com todos os que passavam pelas bancas onde eu estava.

Um ponto muito positivo em tudo isso foi o fato de que, ao menos em algumas bancas e com alguns feirantes, eu já havia conquistado o lugar de espectadora e minha presença, ainda que prolongada, não lhes causava mais algum incômodo. E estar como espectadora era, muitas vezes, o que eu mais precisava, pois me possibilitava perceber como as interações se processavam “in loco”, na prática, sem mediação. Restava apenas estar atenta às evidências e sensações que aos poucos foram se tornando mais nítidas.

E uma dessas sensações era a de que os feirantes estavam sempre em estado de alerta e à espera de alguém, que podia ser um freguês habituado a realizar compras em suas bancas (e que por isso mesmo sua chegada era previsível), um transeunte que demonstrasse interesse em algum dos produtos colocados à venda, ou mesmo um outro feirante, com quem ele poderia conversar e partilhar de algo que aconteceu pelos corredores da feira. O certo é que ser espectadora numa banca da feira era quase como que estar à mercê das várias influências e estímulos tão comuns àquele ambiente social.

Nas primeiras incursões alguns feirantes chegaram a demonstrar preocupação e incômodo com a minha presença, sobretudo pelo fato de terem que constantemente interromper nossas conversas, de modo que pareciam me pedir licença cada vez que alguém se aproximava de suas bancas. Depois de um tempo, eles já sabiam que isso não incomodava e conseguiam agir “como se eu não estivesse ali”, o que significava priorizar o atendimento à

clientela e sentirem-se à vontade para conversarem e atenderem a todos que demandavam suas atenções. Ainda assim, alguns poucos feirantes pareciam não se dispor ao diálogo, seja por estarem envolvidos em algum afazer, seja porque não queriam ser observados ou estabelecer conversações.

Foi o que aconteceu com o senhor José Francelino Bento Neto, mais conhecido como Neto, que apesar de conceder alguns minutos de atenção e diálogo logo demonstrou pouco ou nenhum interesse em conversar e responder alguns dos meus questionamentos. Isso tornava-se evidente em sua maneira apressada de responder, seu olhar fugidio e mais explicitamente em seu jeito de pôr fim à conversa, já adiantando os protocolos de despedida, ainda que de maneira cordial, com a frase: “obrigado doutora!”, quando os agradecimentos comumente partiam de mim, ao término dos diálogos ou entrevistas com os feirantes.

Apesar do incômodo, momentos como esses ajudaram a perceber as maneiras pelas quais a minha presença podia “desorganizar” a percepção do tempo e do trabalho do feirante e do quanto essas percepções podiam ser distintas, a partir das posições que ocupávamos. Isso se passava também em relação à percepção do espaço, pois enquanto eu transitava pela feira e podia construir uma visão global e panorâmica, o vendedor de uma banca fixa percebia o tempo e o espaço a partir da sua banca e do movimento do setor no qual ele estava inserido. Desse modo, algumas vezes eu considerava que a feira estava movimentada e o vendedor a definia como fraca ou com pouco rendimento.

E o contrário também se apresentava, já que em algumas bancas localizadas no interior da feira, como é o caso das bancas da feirante Renata, Elizabeth, Deca e Biu, apesar do adiantamento da hora, o movimento da freguesia animava o proprietário da banca e fazia parecer que a feira como um todo estava satisfatória, o que de fato nem sempre se confirmava e eu podia constatar nas bancas dispostas nas ruas de acesso à feira, muitas das quais já se encontravam fechadas. Em casos de discordâncias como as mencionadas acima, eu sempre considerava ter muito o que treinar e aprender com os feirantes.

E alguns desses ensinamentos vieram por intermédio do senhor Bento Neto que, a partir de situações adversas impostas pelo campo de pesquisa, como as mencionadas acima, me ajudaram a constatar não apenas o fato de que as distintas posições tendem a gerar distintas percepções, mas também a perspicácia do feirante e algumas das formas pelas quais eles demonstravam certa habilidade com as palavras, ainda que isso pudesse não agradar ao ouvinte, como foi o meu caso naquela manhã de sábado.

Em se tratando de tal habilidade, vale descrever o ocorrido na banca do feirante José Aires, que há 34 anos possui uma lanchonete dentro do mercado central, o conhecido mercado de carnes. Era uma manhã de sábado, único dia no qual ele abre seu estabelecimento com o objetivo de vender lanches, sobretudo aos feirantes do local, “e conversar com eles durante a noite”, como ele mesmo chegou a revelar.

Seu trabalho se estende por aproximadamente 18 horas seguidas, já que ele costuma abrir sua banca por volta das 22h da sexta feira e só retorna para sua casa e para o seu lugar de descanso às 16h do sábado, quando o movimento na feira já tem chegado ao fim. Sua lanchonete me serviu de apoio e ponto de observação em alguns sábados, sobretudo quando o movimento de pessoas ainda era pequeno e eu poderia sentar e receber um pouco de sua atenção.

Naquela manhã, depois de alguns minutos de conversa e dele ter me servido um copo de chá, percebo que sua freguesia começa a aumentar e antecipo as palavras de despedida, lhe perguntando o preço da bebida que me foi servida, ao que ele sorridente e prontamente responde: “A senhora não tem dinheiro para pagar não!”. Para minha surpresa, nesse mesmo momento um freguês se aproxima e fala: “Sendo assim eu vou aproveitar a deixa e pedir uma coca-cola também”. Antes mesmo que eu pensasse em alguma coisa, o feirante José Aires retruca: “Acontece que chá né coca-cola não!”. E em seguida todos os que estavam na banca começaram a sorrir, inclusive eu, que tinha acabado de receber do referido feirante não apenas gentileza em forma de chá, mas também um belo exemplo de como os feirantes podem ser habilidosos e brincalhões em suas maneiras de conversar e se relacionarem com outras pessoas, mesmo quando as situações não lhes convém.

Foi a partir de momentos como os descritos em relação aos feirantes Bento Neto e José Aires que pude ir percebendo as várias formas de interação existentes entre os feirantes e entre eles e os fregueses, suas motivações e sobretudo as maneiras pelas quais as falas e as conversas paulatinamente demarcam lugar e relevância naquele espaço de sociabilidade. Não me refiro com isso a longos diálogos ou conversações, mesmo porque nem sempre eles dispõem de tempo livre suficiente para isso. Mas, a tipos de comunicações que se estabelecem a partir de falas breves e pontuais, que quando direcionadas aos possíveis fregueses consistem sobretudo em chamados e anúncios diretivos de produtos, e quando se voltam aos demais feirantes quase sempre são impulsionadas pelo desejo de alertar o colega da banca ao lado acerca de algo que está acontecendo, de alguém que está passando.

Mais uma vez as pesquisas da antropóloga Viviana Vedana (2008, p.43) servem de embasamento teórico e inspiração, agora para pensar a temática da sociabilidade e da conversação entre os feirantes, como é possível perceber em uma de suas afirmações abaixo:

Uma das principais feições das formas de sociabilidades dos mercados de rua é a circulação da palavra. Os pequenos diálogos entre fregueses e feirantes, as conversas e negociações, as piadas e jocosidades, os anúncios e pregões, têm um lugar fundamental na emergência das trocas sociais que fazem o mercado, e, neste sentido, a feira livre é um constante fazer-se.

Um fazer-se que se dá não apenas a partir de falas breves e pontuais, mas também a partir de gestos, olhares e sinais indicadores dos feirantes quando desejam demonstrar ao colega da banca ao lado como está sendo a feira naquele dia ou como está o quantitativo de vendas. Sim, de várias maneiras eles se comunicam e fazem da feira um ambiente riquíssimo de comunicação e sociabilidades.

Outro ponto que merece relevância é o fato de muitas das conversas estabelecidas na feira não possuírem pautas específicas e alternarem substancialmente entre assuntos gerais, como por exemplo a inflação dos preços no atual cenário político e econômico do país, e assuntos mais locais, como acontecimentos recentes na feira e até mesmo a vida particular deles próprios e de outros feirantes. De uma maneira ou de outra, as conversas terminam funcionando como instrumento de socialização e forma de sociabilidade, na medida em que elas aproximam não apenas os feirantes entre si mas também a freguesia, quase sempre de maneira prazerosa e aglutinadora.

Vê-se assim que a pauta ou o “conteúdo”, como define Georg Simmel (2006) não constitui a razão de ser das conversas entre os feirantes e entre eles e a freguesia, que tenderá sempre a existir, mesmo que não haja assuntos considerados relevantes ou essenciais para isso. Nas palavras desse mesmo teórico, não é “(...) que o conteúdo da conversa sociável seja indiferente: ele deve ser totalmente interessante, cativante e até mesmo significativo. Mas não pode se tornar a finalidade da conversa.” (SIMMEL, 2006, p.76). Isso porque o interesse maior não pesa ou não deve pesar sobre o “conteúdo” e sim sobre a “forma” da conversa, sobre a maneira como se fala e como se dá vazão aos pensamentos e sentimentos preponderantes no momento sociável.

Algo que pude claramente perceber na lanchonete do feirante José Aires, que de maneira breve e divertida esclareceu a um freguês, que diga-se de passagem tentava tirar proveito de uma de suas falas, que os produtos que ele comercializa, assim como os

contextos, são diferentes e eles, os feirantes, sabem muito bem como adequar fala e contexto de maneira lúdica e gentil. Como ele mesmo chegou a afirmar num outro momento: “conversando a gente se entende”.

É nessa perspectiva que a conversação estabelecida na feira, pensada aqui enquanto um exemplo de sociabilidade, ou mais especificamente uma “outra modalidade básica de sociabilidade” (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, p.10) aparece no dia a dia dos feirantes como um “meio pelo qual o vínculo social se mantém enquanto forma”, ou seja, uma maneira através da qual os vínculos sociais são revelados e externados pelos feirantes de maneira divertida, prazerosa e habilidosa. Assim, a feira é para eles também um lugar de encontros entre amigos, de fazer novas amizades, se divertir, estar junto e relacionar-se, seja a partir da conversa ou da partilha de bons e alegres momentos. Com certo dia revelou o feirante Deca, “O melhor daqui é que todo mundo compra, se ‘enterte’, bate papo”.

Logo, por meio da troca não apenas econômica e comercial mas também das palavras, os feirantes e os fregueses fazem da feira um lugar de manutenção, reafirmação e construção de relações sociais as mais diversas. E uma das formas pelas quais se torna possível acessar essas relações e os laços sociais que ali se tecem cotidianamente é por meio da sociabilidade e mais especificamente por meio da palavra em ação, do bate papo e da conversa, aqui analisada como um fim em si mesma, tal como defendido por Georg Simmel (2006, p.76).

Essa manifestação da sociabilidade através da conversação e do entretenimento foi observada também entre os fregueses, que muitas vezes se deslocam até a Feira Central não apenas com o objetivo de adquirir novos produtos. Mas, também de trocar informações, tomar conhecimento das notícias e é claro, rever lugares, conversar com amigos, conhecidos e também com desconhecidos, como tão bem percebeu a antropóloga Viviana Vedana e pode ser verificado na transcrição que segue abaixo:

[...] Fazer compras na feira não é apenas escolher os alimentos que vão compor a despensa da casa durante a semana, mas é também despender um tempo para conversas, para trocar impressões, e mesmo para falar com desconhecidos. (VEDANA, 2017, p.51)

O que pôde ser comprovado no dia em que conheci o ex feirante Paulo Roberto da Rocha, que mesmo residindo atualmente na cidade de João Pessoa-PB frequentemente retorna à feira com o objetivo de encontrar e reencontrar pessoas, lugares, sabores e memórias, como ele mesmo fez questão de revelar em um de seus relatos, como o que segue:

Eu mandei ele matar um peru (se referindo ao proprietário do estabelecimento no qual ele se encontrava no momento da entrevista) e vim com uns oito amigos pra cá, comer aqui. Vamos dizer assim, de dois em dois meses eu mando ele matar e a gente vem pra cá tudinho, entendesse. Eu fui feirante aqui até meus quinze anos de vida, de oito aos quinze. Hoje eu venho para me divertir, conversar, gastar o que eu ganhei. Porque depois de coroa só o que leva da vida é isso, é gastar o que ganhou [...].

A partir desse depoimento, bem como da emoção revelada pelo ex feirante e hoje freguês, é possível perceber que ele ressignificou a feira e fez dela um lugar de resgate de boas lembranças e de encontro, seja com os amigos que lá permaneceram ou com os que naquele dia o acompanhavam, todos motociclistas advindos de cidades circunvizinhas. É possível conhecê-los por intermédio da imagem que segue e que registra um dos seus muitos momentos de lazer e diversão na Feira Central:

Figura 26 - Fregueses em momento de lazer e descontração na feira



Fonte: Acervo próprio 14 de maio de 2022

Essa percepção de que não somente a Feira Central, mas as feiras de rua de maneira geral se constituem enquanto espaços valiosos de comunicação, partilha e interações foi realizada também por outros pesquisadores, como é o caso de Alexandre Oviedo Gonçalves e Mônica Chaves Abdala (2013), que ao analisarem as formas de sociabilidade comuns às feiras livres reconheceram que:

[...] Por mais utilitaristas que possam parecer, as feiras-livres agregam sentimentos, significados e hábitos engendrados no ‘bate-papo e na conversa-fiada’ entre aqueles que a frequentam. Um sentir comum, quase festivo, é compartilhado. (p.02)

Esse sentir comum e quase que festivo a que os autores acima se referem e que venho apresentando, é nitidamente visível nos muitos bares e lanchonetes espalhadas pela feira, locais onde a sociabilidade se expressa, muitas vezes, por meio das conversas, que podem ser rotineiras ou esporádicas, mas que se constituem enquanto experiências fundantes na tessitura do ser feirante. De tal modo que, apesar das tentativas de muitos filhos de tirarem os pais da feira, como pude perceber através dos relatos de Deca, Normando e Fernandino, eles permanecem lá, sobretudo porque naquele lugar e por entre àquelas bancas e corredores sempre há a possibilidade de encontrar e conversar, seja com os amigos seja com os fregueses.

Importante destacar ainda que a prática da conversa é apontada também como instrumento de convencimento e entretenimento da freguesia, podendo garantir a eficácia do empenho e do trabalho dos feirantes, tanto que o comerciante Ozenildo, quando questionado acerca da eficiência da conversa em suas vendas e em sua maneira de atender a clientela afirmou: “Tem que conversar!”. E em seguida acrescentou: “O pai dizia: ‘tem que conversar!’ Vendia de tanto conversar”. Informações essas que foram confirmadas também pelo feirante José Francelino Bento Neto, que atribui à brincadeira a capacidade não apenas de atrair a freguesia, mas também de estabelecer diálogo e interação entre eles, tal como se vê na fala que segue: “A gente brinca e o freguês para para conversar com nós aqui!”

E quando o número de vendas não for satisfatório ou a conversa não tiver garantido a eficácia almejada, terá restado a alegria pelo momento vivido e pelas interações estabelecidas. Foi isso que pude perceber numa manhã de sábado entre a feirante Renata e um de seus mais antigos fregueses, o senhor Aluísio que, de tão próximo, estava sentado na parte interna de sua banca saboreando alguns pedaços dos queijos e doces que ela comercializa.

A referida feirante, ao observar a degustação realizada pelo seu amigo e freguês, em meio a muitas risadas e num clima de brincadeira e descontração afirmou: “Acabasse comigo hoje visse Aluísio! Olha a boca cheia de queijo e de doce. Só me deu prejuízo hoje!”. E ele, sem muito conseguir falar com a boca cheia de queijo, respondeu em forma de risadas, que de tão espontâneas e reveladoras da singularidade daquele momento sociável mereceram ser registradas, o que fiz também em forma de fotografia, que agora serve como testemunho de



um instante lúdico e amigável entre uma feirante e um freguês, como os que seguem na foto abaixo:

Figura 27 - Feirante Renata e freguês Aluísio



Fonte: Acervo próprio, 09 de julho de 2022

Merece esclarecimento o fato de que o exemplo acima não deve ser considerado como se fosse único. Isso porque tem sido comum e até corriqueiro ouvir relatos e presenciar expressões de amizade tanto entre feirantes quanto entre eles e a freguesia. Inclusive, essa última parceria é comumente indicada como uma das responsáveis pela manutenção das vendas e daquela forma de comércio, como certo dia asseverou o feirante Deca: “Nesse ramo, se não tiver amizade com o cliente não vende não”, sendo ainda mais enfático acerca do lugar que um de seus clientes ocupa em sua vida: “Primeiramente Deus, segundo ele. Ele me compra muito, me liga, mando deixar. Muito gente boa ele, tanto ele quanto a filha, que também me compra aqui”.

De maneira muito semelhante se deu com a feirante Renata ao ser questionada em relação à possibilidade de ter estabelecido vínculos afetivos e laços de amizade com alguns dos seus fregueses. Deixo que ela mesma narre a esse respeito: “Sim, tenho muitas amizades aqui na feira, muitos vínculos com os clientes, clientes antigos. Alguns me trazem até

presentes, me ligam, me escrevem no zap” (referindo-se à rede social e virtual de nome wats app).

No que se refere às amizades constituídas entre os feirantes, muitos deles chegaram a afirmar que se mantêm na feira não apenas pelo fato de possuírem um ponto comercial lá, mas em virtude dos amigos e das amizades que foram ali construídas e ainda se mantêm. Quem melhor sintetizou essa narrativa foi o feirante Antônio Luiz de Araújo, mais conhecido como “Sarney”, apelido<sup>19</sup> que segundo ele “os amigos colocaram, na época da caristia” e que na atualidade expressa mais uma das dimensões da sociabilidade transcorrida entre os feirantes.

Cedo espaço para que ele mesmo revele porque, mesmo depois de passados 60 dos seus 72 anos de idade, ele ainda permanece com sua banca na feira, ainda que um dia na semana: “Eu só abro a banca no sábado, venho só por causa dos amigos, da amizade. E também para tomar uma. Eu gosto de tomar uma, tomo em qualquer lugar daqui!”. E ele mesmo completou: “Tá vendo aquele ali?” apontando para um dos homens que naquele momento estava num bar localizado ao lado de sua banca. E prossegue: “Aquele das carnes, Beto, eu estudei com ele, era criança ainda”. Nesse momento o feirante convida Beto a vir até a sua banca pedindo que ele confirmasse o vínculo estabelecido entre eles desde a infância. A seguir, uma foto do referido bar e dos amigos e colegas que ali se faziam presentes:

---

<sup>19</sup> São muito comuns os apelidos na feira e quase sempre eles inspiram ludicidade e revelam não apenas a criatividade dos feirantes e as permissões que eles dão uns aos outros ao interagirem, mas também as escolhas divertidas que eles conscientemente fizeram e fazem para renomear seus amigos e ao mesmo tempo sobressaltar as características de cada um, mesmo aquelas que poderiam ser tidas como negativas.

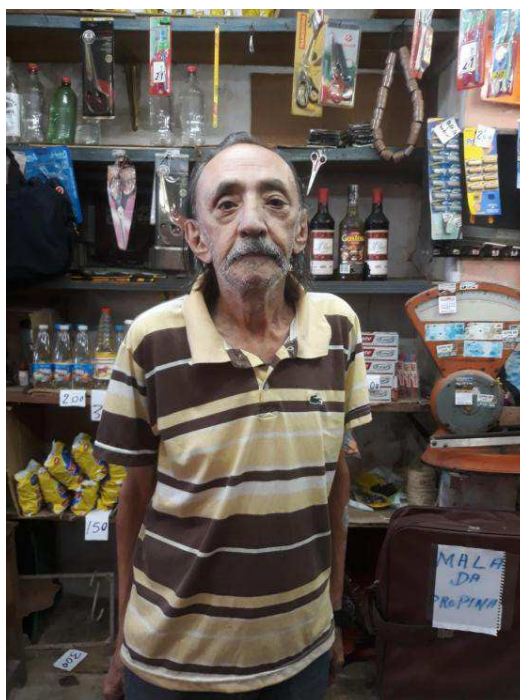
Figura 28 - Feirantes e fregueses conversando num bar da feira



Fonte: Acervo próprio, 09 de julho de 2022

E mais uma, dessa vez com a imagem do referido feirante e de parte da diversidade de coisas que estão dispostas à venda em sua banca:

Figura 29 - Feirante "Sarney" e sua banca



Fonte: Acervo próprio, 14 de maio de 2022

A partir do exposto, é possível perceber que muitas das formas de sociabilidade e dos vínculos socioafetivos se misturam e se fortalecem na feira. Sobre esses últimos vale acrescentar ainda que grande parte das bancas são mantidas por familiares, o que faz com que, de várias maneiras, o universo doméstico também se faça presente ali. Esse fato foi percebido a partir de conversas entre familiares e de atividades domésticas que são realizadas no ambiente da feira, mais especificamente no interior das bancas, destacando-se o croché, as atividades escolares de alguns dos filhos de feirantes, etc.

Esse entrelaçamento entre as esferas públicas e privadas tornam-se ainda mais evidentes a partir de narrativas que assemelham a feira à figura materna, aquela que protege, acolhe e alimenta seus filhos, tal como apresentei brevemente no capítulo anterior dessa tese. Tais narrativas sempre se dão no sentido de afirmar e ao mesmo tempo demonstrar gratidão à ela, essa forma de comércio que já garantiu e ainda garante o sustento de inúmeras pessoas e famílias, como pode ser observado nas falas que seguem:

**“A feira é uma mãe. Já sustentou muita gente, muitas famílias. Ainda sustenta”  
(Socorro da tapioca)**

**“A gente fica triste vendo a mãe da gente sofrendo. A feira é uma mãe né?”  
(Gilberto)**

Quando a figura materna não é acionada, é a noção de família que é trazida para ressaltar a importância dos vínculos estabelecidos entre os feirantes e o fato de boa parte deles passarem mais tempo na feira que em suas residências, como aparece na fala do feirante Ozenildo: “A gente se acostuma com a feira, logo passa o dia todinho aqui, é a nossa casa né? A feira é uma família”.

As narrativas acima ajudam a pensar as várias maneiras pelas quais a feira e o fato de nela se misturarem dimensões ou elementos comumente atribuídos aos espaços públicos e privados pode ser pensada como uma “sociedade relacional”, tal como definida por Roberto DaMatta (1991, p.28) ao analisar a sociedade brasileira a partir de duas categorias ou modos de vida, definidos por ele como “casa” e “rua”. Em suas análises, “(...) a casa tanto pode definir o espaço íntimo e privativo de uma pessoa- por exemplo: o seu quarto de dormir- quanto um espaço social máximo e absolutamente público, como ocorre quando nos referimos ao Brasil como sendo a ‘nossa casa’”. (idem, p.18). No caso das percepções dos feirantes,

mesmo a feira se constituindo como um local público, aparece para eles como um espaço íntimo, privado, de cuidado e de sustento, tanto que eles a assemelham à figura materna, do mesmo modo que assemelham seus amigos à noção de família.

Esse entrelaçamento ou essa mistura entre vínculos e espaços (público X privado) deve ser entendida aqui de maneira relacional e não enquanto oposições, já que ainda segundo DaMatta (idem) “(...) sem entender a sociedade (ou a feira) com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (p.34). E conceber o espaço da feira tem sido, entre outras coisas, um olhar para a dinâmica e para o entrelaçamento, tentando não perder de vista o fato de que ela não está dada ou pronta em nenhum sentido. Ela está sim sendo construída dia após dia a partir da espacialidade, das práticas, reorganizações, conversas, amizades, percepções e ressignificações dos feirantes. E isso implica também em sua auto construção, como dependentes que são um do outro.

Por hora e para finalizar esse sub item, cabe acrescentar que essa mistura e entrelaçamento entre esferas públicas e privadas foram experienciadas também por mim, que por inúmeras vezes segui atenta a relatos e queixas acerca de dramas familiares, relacionamentos amorosos, sentimentos como a solidão decorrida da viuvez etc. Tais relatos foram capazes de revelar não apenas a não separação rigorosa entre o público e o privado, mas também o quanto aos poucos eu pude ir conquistando a confiança dos feirantes. E a confiança é para eles um dos valores mais apreciados e significativos. Além de se constituir como uma das principais representações dos laços estabelecidos não somente entre eles, mas também com a freguesia.

E é exatamente porque se estabelece a confiança que muitos fregueses podem até pagar mais caro por um determinado produto que é comercializado na banca do feirante conhecido de longa data, aquele que ele conhece, confia e sabe que preza pela qualidade do produto que está sendo negociado. Essas virtudes tendem a ser reforçadas por meio dos próprios feirantes e suas falas, como as que foram proferidas pelo comerciante Deca em um momento de apresentação e negociação em torno de uma carne, tal como apresento a seguir: “Essa carne tá boa viu, pode confiar!”. E em seguida ele mesmo continua: “Eu num tô dizendo à senhora, é de primeira qualidade!”. Depois de realizados alguns poucos diálogos e efetivada a venda, a freguesa termina esquecendo o produto adquirido em cima do balcão e se afastando da banca, ao que o feirante Deca reage: “Senhora, a carne senhora, a senhora ia esquecendo. Mas comigo tava guardada, viu!”

O significado e a relevância de valores como os apontados acima podem ser melhor compreendidas pelo significado da palavra freguesia, “(...) que tem sua origem na relação dos fiéis de uma determinada paróquia com a igreja local. Freguesia é a igreja paroquiana” (SATO, 2012, p. 127-128), aquela que consegue criar, ao menos na feira, um sentido amplo de comunidade, proximidade e confiança tanto entre os vendedores e a sua clientela quanto entre os colegas e amigos daquele diverso espaço público.

### **2.3 “Aqui é uma terapia”: lazer e prazer na feira**

Os anos de pesquisa na Feira Central foram se constituindo a partir de uma junção e de um alternar constante entre conversas, observações e caminhadas pelas ruas, becos e passagens daquele grande cenário público. E foram essas observações e caminhadas que me permitiram estabelecer uma visão panorâmica da feira, tanto do ponto de vista físico e geográfico quanto sócio relacional. Aos poucos, o mapa com as ruas e pontos comerciais paulatinamente foi se desenhando mentalmente, da mesma maneira que os dias e horários de maior e menor movimentação foram ficando mais nítidos e boa parte das atividades dos feirantes tornaram-se previsíveis.

Isso tudo passou a remeter uma vez mais à Erving Goffman (1971 *apud* INGOLD, ANO, p.83) e às suas descrições acerca do ato de andar, considerado por ele uma atividade quase que exclusivamente visual e intrinsecamente social, na medida em que o pedestre usa os olhos como guia tanto para o itinerário quanto para o seu próprio corpo, que de várias maneiras se torna sensível aos movimentos das pessoas ao seu redor. Esse processo denominado por ele de “varredura” fez com que eu pudesse refinar o olhar para uma realidade inicialmente pouco conhecida, para lugares velados e para caminhos que se estendem para além daqueles que eram habituais.

Indo mais além, ele propiciou a constatação de que, assim como afirmara David Le Breton (2020, p.6): “A experiência da caminhada urbana envolve o corpo inteiro, é um acionamento constante do sentido e dos sentidos.” Já que ela, seja cidade ou a feira, “(...) não está fora do homem, ela está nele, ela impregna seu olhar, sua audição e seus outros sentidos”. Desse modo, as caminhadas tornaram inteligíveis não apenas o dia a dia dos feirantes e a feira enquanto realidade exterior, mas também as várias sensações e percepções experimentadas ao “estar lá” e se permitir refletir acerca dos muitos entrelaçamentos existentes entre as realidades exteriores e interiores.

Assim, aos poucos eu fui criando meus próprios percursos e descobrindo que cada pedaço de chão protagoniza e ao mesmo tempo é palco de inúmeras histórias de vida, algumas das quais pude presenciar, ouvir ou simplesmente sentir. Foram gestos, olhares, sorrisos e silêncios que somados à própria configuração do cenário, fizeram do caminhar também inspiração e descoberta, como a de que tudo naquele cenário se mistura, se interliga e pode se transformar.

E é isso o que ocorre com muitos dos pontos de venda da feira, sobretudo aqueles que comercializam bebidas e gêneros alimentícios, como é o caso dos bares, restaurantes e lanchonetes. Embora esses estabelecimentos sejam abertos à toda a população eles terminam servindo maioritariamente aos feirantes, funcionários e prestadores de serviço da localidade, seja em forma de refeições, lanches, cafés ou até mesmo bebidas alcoólicas. De um modo ou de outro, alguns deles estão sempre abertos ao longo dos três turnos de funcionamento da feira, o que garante segurança e conforto aos feirantes.

Esses lugares de comércio se constituem também enquanto fontes de vivacidade da feira e dos feirantes, na medida em que funcionam como pontos de encontro e entrosamento entre eles, que à essa altura já podem ser vistos não apenas como fregueses mas também como promotores do entretenimento e da diversão naquela modalidade de comércio. Nesse sentido, os bares, restaurantes e lanchonetes além de serem lugares de comércio são também palcos de diversão e lazer.

Importante esclarecer que essa última categoria não é pensada aqui em oposição à categoria trabalho, amplamente discutida e apresentada ao longo do primeiro capítulo dessa tese. Ao contrário, ela representa um conjunto de vivências que complementam e ao mesmo tempo acaloram o dia a dia dos feirantes, que entre uma atividade laborativa e outra criam e incorporam coletivamente momentos de diversão, recreação e entretenimento. Nesse sentido, as práticas de lazer fazem de suas jornadas de trabalho experiências prazerosas.

Ideias semelhantes a essa veem encontrando terreno fértil nos estudos de Antropologia Urbana, que desde algum tempo passaram a considerar o lazer para “além da mera necessidade de reposição das forças de trabalho”, podendo representar também “uma oportunidade de estabelecer, revigorar as regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede de sociabilidades” (MAGNANI, 1996, p.31). O que de várias maneiras se estabelece e foi possível observar na Feira Central, já que nos espaços mencionados acima os feirantes não apenas se divertem mas também reforçam os vínculos sociais estabelecidos entre eles. Como afirmara José Guilherme Cantor Magnani (1996, p.32), “nesses espaços se tece a trama do

cotidiano”, sendo esse último uma grande miscelânea entre trabalho, sociabilidade, divertimento e lazer.

Mas, assim como o conteúdo da conversa não é necessariamente o que a torna prazerosa, não é exatamente o conteúdo do lazer que faz dele um elemento relevante no processo de compreensão de como é ser feirante e de quais dimensões são acionadas por eles cotidianamente. Mesmo porque intencional e conscientemente eles não param para refletir acerca das suas práticas e capacidades criativas, as mesmas que transformam a feira e alguns dos seus espaços em fontes de distração e diversão. Eles simplesmente se divertem, se distraem e brincam ao longo do dia.

Nessa perspectiva, o que coloquei sob investigação e agora me proponho a analisar é onde ou em quais lugares da feira são criadas práticas de lazer visíveis e desfrutáveis por aqueles que as engendram, no caso os feirantes. Essa questão ou mesmo a sua resposta devem necessariamente passar por um processo de desconstrução de ideias apressadas e superficiais tanto em relação à feira quanto aos seus comerciantes. Ideias essas que, quando relacionadas à feira, poderiam porventura concebê-la como um lugar onde só há espaço para trabalho e só se realiza comércio, seja de produtos ou de serviços. E quando relacionadas ao feirante, o tomariam como um vendedor que se distinguiria de qualquer outro pelo fato de seu ofício se realizar de maneira coletiva, autônoma e quase sempre a céu aberto. É evidente que tais ideias não estariam equivocadas, apenas não dariam conta do “algo mais” que cotidianamente se cria e se realiza naquela ambiência marcadamente coletiva, grupal.

E o lazer ou mais especificamente as práticas de lazer aparecem aqui como criações dos feirantes, que fazem de alguns pontos comerciais e da própria feira como um todo lugares de encontros, conversas, risadas e até mesmo suas principais fontes de divertimento, como tão bem expressou o feirante Deca ao se referir àquela ambiência e pode ser observado abaixo:

É difícil imaginar a vida fora daqui, até no domingo eu venho pra cá, faço uma coisa e outra, converso com um e com outro. Isso aqui é meu divertimento. Logo eu não bebo, não fumo. É minha vida. Com 62 anos eu quero mais o quê? Vou ficando por aqui.

“Ficar por aqui”, ao menos para o feirante acima, é sinônimo não somente de manter sua banca aberta e em funcionamento, mas também de vez ou outra ficar na banca ao lado conversando com seu amigo e também feirante “coelhinho”. De dedicar minutos e até mesmo horas, a depender do dia e do movimento, “jogando conversa fora” com os amigos, seja em sua banca, pelos corredores ou ainda em alguns dos muitos bares espalhados pela feira, como



o de “Dona Nenê”, localizado a menos de trinta metros de sua banca e ponto de encontro entre ele e muitos dos seus colegas.

No estabelecimento mencionado acima, cujo nome faz referência à sua proprietária, que há vinte e dois anos é feirante, é possível encontrar de segunda à sábado refeições comumente atribuídas ao café da manhã e ao almoço, além de alguns petiscos e feirantes dispostos a conversar e se divertir, como é possível visualizar na foto que segue:

Figura 30 - Bar e restaurante de "dona Nenê"



Fonte: Acervo próprio, 06 de maio de 2022

E mais uma, dessa vez retirada de dentro do restaurante:

Figura 31 - Fregueses no bar e restaurante de "dona Nenê"



Fonte: Acervo próprio, 06 de maio de 2022

Segundo dona Nenê, a ida dos feirantes ao seu restaurante tem se constituído quase como que uma rotina e uma obrigação, já que eles mesmos afirmam estar indo ao “escritório”, o que faz dele um lugar de encontros entre amigos e um “pedaço”, categoria criada pelo antropólogo José Guilherme Cantor Magnani que ajuda a perceber quando um determinado espaço “é, ao mesmo tempo, resultado de práticas coletivas e condição para seu exercício e fruição” (1996, p.32), sendo ainda um “(...) lugar de encontrar seus iguais” e “exercitar-se no uso dos códigos comuns” (idem, p.40). O que acontece não apenas com Deca e seus amigos, mas também com o feirante Biu, que criou o hábito quase que diário de frequentar o referido lugar.

Esse último feirante, quando questionado acerca dos lugares onde costumava almoçar e encontrar seus amigos para conversar, respondeu de imediato que o “almoço é lá em dona Nenê” e que “só as vezes” deseja “mudar o esquema”, o que significa fazer suas refeições em outros espaços coletivos da feira, como o “Bar do Petrônio”, que se apresenta por intermédio da foto que segue:

Figura 32 - Bar do Petrônio



Fonte: Acervo próprio, 06 de julho de 2022

Nos espaços como os mencionados acima os feirantes têm, além da possibilidade de encontrar refeições que lhes agradam, a oportunidade de desfrutarem momentos de lazer a partir dos tipos de relações que eles instauram e dos encontros que são favorecidos, sem que para isso tenham que despender algum esforço ou planejamento prévio. Na verdade, o imprevisto e a casualidade tornam os lugares, os momentos e as vivências mais agradáveis e descontraídas, já que representam também um relaxamento e uma escapadela das tarefas e afazeres próprios do seu labor.

Tudo parece motivado pelo simples fato de estar ou “ir ficando” na feira e poder, dia após dia, manter ou criar novos “esquemas”<sup>20</sup>, tal como definiu o feirante Biu ao utilizar-se de maneira apropriada de um termo que, desde o seu significado original, serve para demonstrar de maneira simplificada e precisa a representação do processo de criação dos momentos de lazer na feira. Processos esses que são realizados por ele e por tantos outros feirantes.

---

<sup>20</sup> Esquema: substantivo masculino. 1. Figura que dá uma representação simplificada e funcional de um objeto, um movimento, um processo, etc. Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=esquema&oq=esquema&aqs=chrome..69i57j0i433i512i2j0i131i433i512j0i512j0i433i512j0i512j46i433i512j0i512i2.3101j1j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso realizado em: 03/06/2022.

Importante frisar que no decorrer desses processos criativos não há uma rígida separação entre o tempo despendido com as atividades voltadas ao trabalho e o tempo despendido em vivências de lazer. Isso porque, diferentemente da lógica trabalhista que opera em outros tipos de comércio, como aqueles pautados no trabalho assalariado e formal, os feirantes<sup>21</sup> têm a possibilidade de alternar ou mesmo combinar trabalho e lazer, já que eles podem fazer do momento da negociação um momento de conversa e divertimento, do mesmo modo que entre uma venda e outra um colega se aproxima e a conversa ganha espaço e notoriedade.

E assim, os espaços de trabalho vão cedendo lugar ou mesmo sendo ressignificados por práticas de lazer, o que faz com que o ponto comercial do senhor João, mais conhecido como “João do café”, seja ao mesmo tempo seu lugar de trabalho, de lazer, ponto de encontro e divertimento entre amigos de longa data. Como ele mesmo afirmou: “Aqui é tudo junto, tem horas que é um tumulto, fala um, fala outro, sirvo um café. Ai daqui a pouco volta ao normal de novo.”

Abaixo, uma foto do estabelecimento comercial de “João do café”, onde é possível conhecer tanto ele quanto um dos seus fregueses, o senhor Jurandir, que é um dos fornecedores de queijo na feira. Entre eles, está um senhor conhecido como “Baiano”, funcionário da prefeitura, quem o senhor João considera amigo e possuidor da “maior língua da feira”, “um linguarudo”, “que faz de tudo aqui, é três em um”:

---

<sup>21</sup> Importante frisar que, ao menos nesse momento, faço referência aos feirantes ambulantes e/ou proprietários da banca, que em sua maioria não possuem funcionários com carteira assinada e que devem seguir horários e normas previamente definidos e acordados, o que exclui os funcionários de supermercados, cerealistas, farmácias e outros estabelecimentos que estabelecem vínculos empregatícios de maneira formal e legalizada.

Figura 33 - Feirante "João do café" e freguês Jurandir



Fonte: Acervo próprio, 06 de julho de 2022

E mais uma foto, dessa vez com o freguês Gleiton, que na ocasião chegou a afirmar de maneira extrovertida que “o charme da banca do seu João é o seu abuso”, o que, ao menos naquele dia não estava sendo demonstrado. Ao contrário, o feirante João se apresentou de maneira muito brincalhona, sorridente e divertida, muito embora a foto que segue não tenha conseguido dar conta de tais características, tal como é possível verificar abaixo:

Figura 34 - Feirante "João do café" e freguês Gleiton



Fonte: Acervo próprio, 06 de julho de 2022

É assim que as práticas dos feirantes, estejam elas voltadas ao trabalho, ao lazer ou à essas duas categorias momentaneamente, reorganizam as temporalidades e as espacialidades. De modo que as noções de tempo e de espaço devem ser pensadas a partir da dinâmica e da mútua dependência que estabelecem entre si, já que elas se imbricam e se interpenetram. Logo, não é possível perceber uma cisão ou uma falta de harmonia entre os tempos voltados ao trabalho e os momentos de lazer. Ao contrário, as distintas temporalidades se entrelaçam em espaços igualmente diversos, já que o tempo na banca nem sempre é dedicado exclusivamente às atividades ligadas ao trabalho, lá também se conversa, se diverte e dá risadas, seja com fregueses ou com outros feirantes. Do mesmo modo que nos estabelecimentos como os de dona Nenê e do Petrônio não apenas trocam-se amenidades e vivenciam momentos de descontração, mas também se fala sobre trabalho, sobre o movimento da feira naquele dia, os afazeres e o número de vendas.

Nesse sentido, é possível afirmar que o tempo para o feirante é algo que não é vivenciado de maneira rígida e linear, mas sim como algo que se desloca, que se adapta e se desmembra ao longo dos espaços, como se houvesse tanto uma fragmentação como uma justaposição ou aglutinação. Essa dinâmica temporal e a possibilidade de tempos que antes eram tomados como contrastantes se entrelaçarem e se entrecruzarem foram muito bem pensadas e sistematizadas por José Machado Pais (1998, p.03), que ao analisar o contexto urbano lisboeta percebeu que, assim como ocorre na Feira Central, “nos locais de trabalho, por exemplo, os tempos rígidos e obrigacionais coexistem com lazeres de resistência”,

voltados a “(...) discutir futebolis e telenovelas, segredar bisbilhotices (...)” e, no caso específico do feirante, conversar com amigos e falar sobre acontecimentos cotidianos.

Esse mesmo sociólogo chamou atenção ao fato de que também os tempos exteriores e interiores se misturam e se imbricam, ao afirmar que: “Os tempos exteriores invadem os tempos interiores, da subjetividade e vice-versa.” (PAIS, 1998, p.3), algo que pude vivenciar com o feirante Deca, que por inúmeras vezes partilhou comigo de algumas das suas angústias e da solidão decorridas da viuvez<sup>22</sup>, das dores vivenciadas nos últimos dias de convívio com sua esposa e, posteriormente, dos namoros que vinham lhe causando ainda mais desilusão. Em momentos como esses, eu não apenas me sentia grata pela confiança depositada, mas também podia constatar como os tempos de conversa com ele eram tempos que lhes permitiam também desabafar, externar aquilo que ele vivenciava interior e exteriormente no tempo presente.

Sendo assim, nos tempos de trabalho os feirantes podem desfrutar do lazer, da conversa e até mesmo do desabafo, que também pode ser considerado uma forma de alívio, alento, uma forma de prazer. O que induz a pensar que o fato de estar na feira, fazer parte dela e dos processos que ali são engendrados já é, para muitos, um acontecimento e uma forma de lazer, pois no contato com os fregueses e com os colegas de comércio os feirantes trocam jocosidades, fazem piadas, se divertem e aliviam as tensões, estejam elas relacionadas ao ambiente de trabalho ou à vida íntima e pessoal. Afinal, essas dimensões estão correlacionadas e interdependentes na feira, que de várias maneiras representa para os feirantes a possibilidade de experimentar cotidianamente algo diferente a partir da coletividade e do contato com outras pessoas, que podem ser tanto seus colegas de trabalho quanto fregueses e até pesquisadoras como eu.

No que se refere ao fregueses, eles também devem ser pensados como participantes no processo de criação do lazer e da diversão na feira, na medida em que se dispõem a interagir com os feirantes e com as formas de ludicidade que eles promovem. Tanto é assim que o comerciante Bento Neto foi eficiente ao afirmar que: “às vezes os fregueses chegam aqui tudo de cara ‘emburrada’, ai começam a brincar com a gente e pronto, já se animam”.

Além de evidenciar a influência positiva e a eficácia imediata que as brincadeiras exercem sobre a freguesia, esse mesmo vendedor apresentou aquela que parece ser a característica que melhor sintetiza grande parte do que esse capítulo vem se propondo a analisar. Isso porque, de maneira categórica o referido feirante se auto definiu e definiu os

---

<sup>22</sup> Sua esposa Mariluce faleceu no dia 20 de abril de 2021, vítima de um câncer no colo do útero.

seus colegas como pessoas brincalhonas, que possuem a habilidade para brincar e entreter. Tal habilidade aparece em suas falas como algo inerente e ao mesmo tempo essencial ao seu “*metier*”, como é possível perceber no trecho que segue: “O feirante é brincalhão! Tem que brincar na feira, a gente tem que brincar. Trabalhar com raiva não ganha freguês não!”.

As falas acima são reveladoras não apenas de uma das características dos feirantes, mas também das razões pelas quais a dimensão da brincadeira e do divertimento devem ser pensadas como relevantes nos processos de constituição da feira enquanto lugar de lazer e dos feirantes enquanto seus principais promotores. Isso sem esquecer ou deixar de lado a dimensão do trabalho, tanto que em duas frases sucintas e objetivas o senhor Neto foi capaz de revelar a interdependência e a centralidade de ambas no dia a dia daquela forma de comércio. Sendo assim, é possível afirmar que é a partir da junção entre trabalho e divertimento que o feirante consegue criar espaços não apenas de lazer, mas também do seu sinônimo, tal como definido Gustavo Luiz Gutierrez (2001), enquanto busca pelo prazer.

Abaixo imagens que revelam momentos de diversão na feira, expressos pela dança ou pelos emboladores de coco<sup>23</sup>, comuns animadores da Feira Central, sobretudo aos sábados:

Figura 35 - Fregueses dançando na feira



Fonte: Acervo próprio, 09 de julho de 2022

---

<sup>23</sup> “Os emboladores de coco usam o pandeiro, enquanto que os repentistas tocam a viola de sete cordas. Outro traço marcante que difere o embolador do violeiro são as rimas. Na embolada são livres e sonoras, mas na cantoria exige-se construção métrica rigorosa e igualdade nas sílabas. Os emboladores têm mais liberdade e rimam palavras de sons semelhantes como “ceará e cantar”, “aparecer e você” ou até mesmo ‘mãe com banho’”. (Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/diferencas-separam-emboladas-e-repentes-1.770621>. Acesso realizado em 19 de fevereiro de 2023.



Figura 36 - Emboladores de coco na feira



Fonte: Acervo próprio, 09 de julho de 2022

Esse prazer é comumente vivenciado também em forma de encontros, conversas e brincadeiras, sendo ainda definido e assemelhado a uma sensação de bem estar, descanso e relaxamento mental pela feirante Renata, que ao se referir ao peso do seu trabalho e de tantos outros feirantes não hesitara em colocá-lo numa posição subordinada em relação aos benefícios decorridos do simples fato de ser feirante e estar na feira, como é possível observar na fala que segue: “Que dá trabalho dá, mas você pode perguntar, pergunte a qualquer um aqui como é o dia a dia aqui na feira, se ele quer deixar.” Ao que ela mesma responde: “Quer nada. Aqui é uma terapia!”.

Sendo assim, a feira representa para a feirante Renata um espaço onde ela encontra seus amigos, reencontra conhecidos, conversa e se diverte com ambos. Ainda assim, é importante destacar que do ponto de vista mais geral da freguesia ou mesmo dos feirantes que não “fazem a feira” todos os dias, alguns daqueles lugares podem se constituir como “manchas”, “(...) lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores” e que possui uma “base fixa mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências.” (MAGNANI, 1996, p.40).

Ao longo da pesquisa foi possível verificar algumas dessas “manchas”, onde se realizam determinadas atividades relacionadas ao comércio mas não necessariamente se produzem práticas constitutivas do lazer, como é o caso da lanchonete de Dona Socorro, mais conhecida como “Socorro da tapioca”. O fato dessa lanchonete não dispor de muitos assentos e estar localizada num trecho de ampla circulação de pessoas faz com que ela venha a se

constituir sobremaneira como um lugar de encontros casuais e conversas breves entre pessoas de “dentro” e de “fora” da feira. Algumas das quais podem estar de passagem ou mesmo se dirigindo ao seu local de trabalho, que não necessariamente está localizado na própria feira. Essas pessoas estabelecem contato e interações recíprocas enquanto aguardam a preparação da sua tapioca, que pode ser consumida ali mesmo ou embalada para viagem. A seguir, uma imagem da banca de dona Socorro e de alguns dos seus fregueses:

Figura 37 - Fregueses na barraca de dona Socorro



Fonte: Acervo próprio, 09 de julho de 2022

E mais uma, dessa vez retratando a parte de trás de sua banca com alguns clientes à espera:

Figura 38 - Fregueses na parte de trás da barraca de dona Socorro



Fonte: Acervo próprio, 09 de julho de 2022

Um outro exemplo de “mancha” pode ser visualizado na feira de trocas, ocorrida semanalmente em uma das ruas adjacentes ao mercado central, mais especificamente na rua Manoel Pereira de Araújo. Essa feira ocorre somente aos sábados e parece reveladora de como a questão da troca se realiza de várias maneiras, chegando mesmo a extrapolar a dimensão econômica e material, sendo também um momento revelador das interações sociais. Isso porque entre os muitos expositores que lá se encontram<sup>24</sup>, troca-se não apenas produtos mas também conversas e informações, que variam desde às qualidades e utilidades dos produtos expostos às questões de ordem mais geral, como por exemplo o clima ou as dificuldades do comércio.

A seguir duas imagens da referida feira, através das quais é possível perceber não apenas a grande variedade de produtos colocados à venda como também a informalidade do comércio, a substancial circulação de pessoas e até mesmo alguns possíveis exemplos de breve interação entre os que têm produtos a oferecer e os que podem vir a demonstrar interesse em adquirir algo que esteja colocado à exposição:

Figura 39 - Feira de trocas na Feira Central

---

<sup>24</sup> Alguns dos quais não devem ser considerados feirantes, já que ela abre espaço e ao mesmo tempo permite que pessoas de fora da feira coloquem à venda algum produto, utensílio ou mesmo animal.



Fonte: Acervo próprio, 14 de maio de 2022

Figura 40 - Movimentação na feira de trocas



Fonte: Acervo próprio, 14 de maio de 2022

Como é possível observar nas imagens acima, boa parte dos produtos colocados à venda são expostos no chão e de maneira improvisada, o que muito se assemelha aos lugares tradicionalmente conhecidos como “pedra do feijão” e “pedra da farinha”, que se constituíram durante algum tempo como pontos de venda, sobretudo aos sábados. Tais lugares eram formados por vendedores com origens bastante distintas, quase todos pequenos comerciantes rurais que tinham a feira como um lugar de encontro e comércio. Atualmente, embora esses lugares continuem sendo mencionados por vários feirantes, os vendedores esporádicos não estão mais concentrados lá, restando apenas os lugares físicos e as memórias relacionadas ao comércio e aos comerciantes.

Pelo que pude perceber a partir de observações e relatos, uma das principais diferenças entre a “feira de trocas” e o comércio que ainda se estabelece nas conhecidas “pedras”, se dá em relação às suas finalidades, que no caso das segundas não se destinam à troca de produtos, mas à venda de uma variedade de feijões e farinhas. Importante destacar que, embora o comércio tenha se restringido substancialmente no lugar conhecido como “pedra do feijão”, o pedaço de chão que lhes foi destinado permanece atestando a existência de um ponto de comércio tradicional, improvisado e bastante característico da Feira Central.

Ambas as formas de comércio foram e ainda são marcadas pela interação social e pela possibilidade de reunirem pessoas que casualmente fazem da feira um lugar de comércio e também de diversão, na medida em que se abrem à conversação e ao bate papo. Ainda assim, tais espaços, como “manchas” que se assemelham, têm o propósito de realizar a troca, seja entre produtos, seja entre esses últimos e o dinheiro.

A partir do que foi exposto até o momento, é importante acrescentar que a feira, assim como as cidades e bairros etnografados por Magnani (1996, p.43), não devem ser pensadas como “(...) um aglomerado de pontos, pedaços, manchas excludentes”, mesmo porque as pessoas e mais especificamente os feirantes “circulam entre eles, fazem escolhas entre as alternativas” e seguem caminhos que em muito ultrapassam as possibilidades que aqui estão apresentadas.

Do mesmo modo que esses lugares extrapolam as definições e possibilidades analíticas inerentes às categorias mencionadas, tanto que ao conhecê-los vieram questionamentos acerca da extensão geográfica da feira como um todo, de suas margens e da quantidade de “feiras” que cabem dentro da superficial e genérica nomeação “Feira Central”, para além do que está delimitado formalmente. Isso porque não é uma tarefa das mais fáceis

determinar onde ela começa e onde termina, já que todo o entorno parece emaranhado à ela ou dela ramificar-se.

Os estabelecimentos comerciais de cereais, os atacadistas, as lojas de produtos agrícolas e veterinários, os muitos vendedores ambulantes circulando com suas carrocinhas, as bancas afastadas e até o ISEA (Instituto de Saúde Elpídio de Almeida), mais conhecido como a “maternidade da feira”, deixam a sensação de que os seus limites formais são imprecisos ou mesmo que ela se prolonga por toda aquela área central da cidade. Nesse sentido, qualquer tentativa de aproximação entre lugares da feira ou entre a própria feira e categorias analíticas antropológicas, como as mencionadas acima, as tornam insuficientes e limitadas, frente à grande extensão, diversidade e riqueza cultural da Feira Central.

Ainda assim, esse momento da etnografia tentou revelar e descrever diferentes maneiras de uso e de apropriação daquele espaço público, que diuturnamente é palco das mais variadas formas de sociabilidade e práticas de lazer. Essas duas últimas parecem expressar algumas das dimensões do que é ser feirante, o que implica, ao menos para alguns, em brincar com a freguesia, com os colegas, ser amigo de todo mundo ou ao menos considerar que assim pode ser, como acredita o senhor José Aires ao afirmar que: “Todo mundo aqui é amigo meu, eu pelo menos considero assim. Quem que quiser me considerar inimigo tudo bem, mas eu não me considero não.”

Ser feirante, é também acreditar que por meio da conversação a feira termina sendo um lugar onde “todo mundo sabe da vida dos outros” (Deca). É poder brincar a partir dos elementos que estão à disposição, como certo dia fez o feirante Sérgio, que enquanto fazia picadinho de uma das línguas de boi dispostas em sua banca, e percebendo minha admiração em relação ao seu tamanho, afirmou que sim, que a língua do referido animal é mesmo muito grande, “grande igual à língua de sogra!”

Ser feirante, é fazer de sua banca um lugar de intimidade, de comércio e de garantia da sobrevivência, mas também de interação, seja com amigos, fregueses ou passantes. É ausentar-se dela por alguns instantes sem perdê-la de vista, ou até mesmo deixá-la sob os cuidados do feirante da banca ao lado enquanto faz uma refeição e se distrai em alguns dos bares, restaurantes e lanchonetes existentes na feira. Alguns dos quais, de tão próximos, são conhecidos pelos nomes de seus proprietários, o que expressa a personalidade tão evidente naquela forma de comércio e o entrosamento entre eles e a freguesia. Entre os muitos exemplos dos estabelecimentos comerciais que são conhecidos pelos nomes de seus

proprietários e/ou dos produtos que eles comercializam cabe destacar o “Bar de dona Nêê”, o “Restaurante do Petrônio”, “Socorro da tapioca” e “Biu da gelada”, entre outros.

Ser feirante é também sinônimo de convivência e interação constantes com o novo e com o diverso, acreditando e defendendo a necessidade de fazer daquele espaço público também um palco permeado pela segurança e pelo cumprimento de algumas regras de convivência social. Só assim as práticas de lazer poderão ser vivenciadas de maneira mais tranquila, como bem afirmou a feirante Renata: “Eu queria que as pessoas começassem a entender que feira não é lugar de moto, de carro, mas de caminhar com sua sacolinha tranquilo, passear, falar com um e com outro e comprar onde lhe agrada”.

#### **2.4- Conflitos e tensões na feira, onde “tudo pode!”**

Como tem sido possível observar, a Feira Central de Campina Grande se constitui como um lugar heterogêneo, que reflete as amizades e aproximações estabelecidas entre os feirantes. Do mesmo modo, ela reflete as relações sociais menos amistosas, marcadas por divergências, tensões e conflitos, sejam eles velados ou ostensivos. Sendo assim, ela não é e não pode ser pensada enquanto unidade, merecendo ser analisada também enquanto uma realidade plural, a partir de suas fragmentações, hierarquizações e os permanentes processos sociais dissociativos.

A primeira forma de sociabilidade menos amistosa se estabelece entre os colegas de feira, àqueles que comumente dividem pedaços de chão muito próximos e que, por isso mesmo, se veem compelidos a dividir também o olhar e a preferência da clientela. E muito embora alguns vendedores tenham evitado falar sobre o assunto (muitas vezes porque o colega da banca ao lado estava próximo a ponto de ouvir a conversa, o que tenderia a aumentar a animosidade entre ambos), a temática da concorrência foi desde o primeiro momento da pesquisa muito evidente. Tal evidência se deu tanto por meio de relatos dos feirantes, que ao estabelecerem queixas relacionadas ao comércio sempre faziam questão de apontá-la em primeira mão, quanto por meio dos muitos olhares curiosos, atentos e desconfiados sempre que as negociações se davam entre fregueses e os colegas da banca ao lado.

Esses olhares eram comumente dirigidos não apenas ao seu concorrente, mas também à freguesia e àqueles que, ao transitarem pela feira, terminavam fazendo a escolha por outro

feirante, outro produto ou mesmo outra banca. E não teria como ser diferente, tendo em vista o fato de que as bancas estão situadas muito próximas umas das outras e os produtos oferecidos, quando dispostos no mesmo setor, são muito semelhantes, senão iguais. É exatamente aí que a maneira de abordar a clientela, os chamados e as ofertas aparecem como elementos atrativos e diferenciais, sendo capazes de gerar a desejada eficácia.

É nessa seara que o feirante vivencia a tênue tensão entre os polos antagônicos da competição e o da cooperação, já que o colega com quem se estabelece uma conversa, que pode ajudá-lo “dando uma olhadinha” na banca ou emprestando algo, é o mesmo com quem ele divide os espaços e a freguesia. Logo, se faz importante pensar acerca dos limites dessa polarização e até que ponto ela pode ser considerada aceitável, no sentido de não ocasionar ruptura dos vínculos estabelecidos e, ao mesmo tempo, manter a convivência social possível e harmônica. Uma das possíveis escolhas é evitar falar sobre o assunto, sobretudo para não “levantar fogueira”, como certo dia chegou a afirmar a feirante Andreza.

Além da concorrência, a convivência cotidiana termina fazendo com que existam discordâncias nas maneiras de pensar e divergências nas maneiras de agir dos feirantes, as quais terminam incomodando e gerando insatisfações ou críticas. Prova disso é que alguns feirantes chegaram a relatar o incômodo causado por condutas e posicionamentos de outros negociantes, como por exemplo daquele que “nunca vendeu um quilo de feijão certo”, que “só vive bêbado”, que “tem o produto mais caro da feira”, “que é ruim de não ter quem queira por perto”, etc.

E existem ainda os conflitos diretos, transformados em enfrentamentos, como o que ocorreu entre o proprietário de uma lanchonete e o de uma cerealista. O primeiro deles teria pago o valor equivalente a 1kg de feijão e em seguida constatado que estava faltando 200g do referido grão, fato esse que o fez retornar à cerealista com o objetivo de esclarecer o possível equívoco. Feito isso, o dono da cerealista teria afirmado: “Eu não sei por que ainda faço negócio com miserável!”. Ao que o cliente insatisfeito e agora ofendido teria respondido: “E eu não sei por que invento de comprar à ladrão!”. Depois do ocorrido, ambos os feirantes deixaram de estabelecer tanto relações comerciais quanto relações sociais, estando sem se falar até os dias atuais.

Narrativas e ocorrências como as mencionadas acima revelam alguns exemplos de conflitos na feira, sejam eles latentes ou explícitos. Conflitos esses que, quando sob relativa vigilância, podem servir como instrumento de regulação e de manutenção das regras de



convivência estabelecidas entre eles, que embora sejam bastante genéricas e informais ajudam a manter as divergências sob controle.

Ao mesmo tempo, esses conflitos terminam por elucidar acerca dos limites impostos às amizades, às relações comerciais e ao fato de ambas estarem intrinsecamente relacionadas à confiança, sempre mencionada e vivenciada como um valor inegociável. E isso ocorre tanto em relação ao produto que é comercializado quanto ao feirante. De tal modo, que a perda da confiança pode pôr fim a qualquer uma das duas formas de interação social, como de fato ocorreu com os comerciantes mencionados acima.

Assim, o espaço público vai sendo palco também de hostilidades. Algo que já foi percebido por alguns urbanistas, antropólogos e sociólogos, como é o caso de Rogério Proença Leite (2002, p.131), que dialogando com ideias de Jacques Rancière (1996) defende ser justamente “(...) na vida pública que as pessoas reafirmam suas diferenças e legitimam suas visões de mundo”, vindo ele mesmo a complementar que:

[...] o espaço público não se ergue na harmonia das falas, mas na comunicabilidade política do ‘desentendimento’ (RANCIÈRE, 1996), da qual emergem diferentes inteligibilidades sobre fatos sociais, e torna factível a possibilidade democrática.

O maior exemplo da análise mencionada acima se deu, segundo interlocutores da pesquisa, quando o então prefeito Ronaldo Cunha Lima se propôs a realizar uma delimitação formal dos espaços da feira<sup>25</sup> e liberar a construção de bancas de alvenarias. Segundo informantes, o referido processo se deu de maneira a respeitar e ao mesmo tempo priorizar aqueles comerciantes que já faziam uso de determinados lugares, não tendo se constituído como grande fonte de conflito entre os feirantes.

Contudo, segundo o administrador Agnaldo Batista, tem sido comum a disputa por metros e centímetros daquele espaço público, já que comumente algum feirante alega que o seu vizinho está invadindo a parcela de chão que lhe foi destinada. Como era de se esperar, essa ocorrência gera atritos e precisa de mediação, que pode vir por parte dos dirigentes administrativos da feira ou da Associação de Feirantes (FEMEC), que atualmente é presidida pelo vendedor de carnes Cicero Rodrigues.

A demarcação de lugares como esses, segundo Roberto DaMatta (1991, p.37) se dá “quando alguém estabelece fronteiras, separando um pedaço de chão do outro”. Definição

---

<sup>25</sup> Essa informação foi fornecida e confirmada por informantes, mas não foram encontrados registros formais, nem em referências bibliográficas nem em consultas à internet.

essa que merece ser pensada à risca no chão da feira, que é milimetricamente demarcado, utilizado e vigiado por seus usuários e concessionários. Ainda assim, muitas bancas encontram-se fechadas ao longo dos primeiros dias da semana, o que se passa também aos sábados, embora em menor proporção.

Para muitos feirantes, isso se deve ao fato dos respectivos proprietários terem desistido de negociar na feira e/ou não terem conseguido alugar o ponto, seja pela falta de motivação, seja pelo fato de não terem encontrado inquilinos interessados. O fato é que a não ocupação de algumas bancas e a diminuição de feirantes aparecem como algo que preocupa a todos os vendedores e reacende as impressões e as afirmações de que o comércio “está acabando” e de que “a feira está abandonada”, tal como irei apresentar no último capítulo desse trabalho.

As duas narrativas acima são bastante evidentes, sendo que a última delas recai sobre o poder público e mais especificamente à prefeitura, instituição à qual a feira está diretamente dependente, sendo de sua competência a regulamentação, fiscalização e destinação tanto de recursos quanto de medidas que possam garantir desde às necessidades mais primárias, como a limpeza e administração, às políticas de incentivo, desenvolvimento, divulgação e promoção cultural. A esse respeito, uma busca rápida em sites de notícias da internet revelam denúncias<sup>26</sup> antigas e recentes de descaso por parte do poder público municipal, sobretudo em relação às condições de manutenção e infraestrutura de áreas que compreendem a Feira Central.

Essa possível invisibilidade é mais claramente verificada em lugares como o “pau do meio”, de onde saem relatos de prostituição e venda de drogas. Um lugar quase que invisível durante o dia e desassistido e negligenciado durante a noite, já que embora não se voltem olhares reparadores para ele, não faltam elementos denunciadores de sua presença e das práticas que ali se realizam. Nessa perspectiva, o largo do “pau do meio”, apresentado no primeiro capítulo dessa tese, merece ser analisado como um “não lugar”, tal como definido por Marc Auge (2012) e por David Le Breton (2020, p.7). Esse último autor, destaca o fato de existirem nas cidades “(...) numerosos ‘não lugares’ em termos de sociabilidade e de sensorialidade”, sendo eles “espaços (...) abandonados pelos pedestres”, tal como ocorre com o referido lugar da feira, sobretudo durante o dia.

---

<sup>26</sup> <https://agendapb.com.br/olimpio-denuncia-descaso-administrativo-na-feira-central-de-campina-grande;> Acesso realizado em 12 de julho de 2022.  
[https://www.carlosmagno.com.br/noticias/13999,presidente\\_da\\_associacao\\_dos\\_feirantes\\_atesta\\_descaso\\_da\\_pr\\_efeitura\\_de\\_campina\\_grande\\_com\\_a\\_feira\\_central\\_e\\_al.html](https://www.carlosmagno.com.br/noticias/13999,presidente_da_associacao_dos_feirantes_atesta_descaso_da_pr_efeitura_de_campina_grande_com_a_feira_central_e_al.html). Acesso realizado em 12 de julho de 2022.  
<http://www.vladimirchaves.com.br/2017/05/abandonada-feira-central-de-campina.html>. Acesso realizado em 12 de julho de 2022.

No que se refere às sociabilidades que lá se instauram, elas se configuram e podem ser pensadas enquanto “sociabilidades alternativas ao projeto dominante, que se desenvolvem marginalmente(...)”, como tão bem percebeu Mascarenhas e Dolzani (2008, p.75) ao analisarem a territorialidade popular em feiras livres nas metrópoles contemporâneas e, mais especificamente, na cidade do Rio de Janeiro. Sob a perspectiva apontada por esses autores, a feira livre “(...) torna-se um território desprezado pelas políticas públicas por não estar em compasso com as novas tendências econômicas e culturais mundiais” (p.81), acarretando a invisibilidade tanto do lugar como um todo quanto das pessoas que dela se tornam dependentes.

Mas a reprodução social da cidade requer lugares para os excluídos da ordem dominante realizarem sua sobrevivência material cotidiana. Requer também espaços de sociabilidade para além do confinamento confortável das modernas opções de consumo. Por isso as feiras resistem na paisagem urbana contemporânea: a grosso modo, pode-se dizer que por um lado há os que precisam sobreviver materialmente, por outro aqueles que, resolvida a questão material, zelam pela sobrevivência sociocultural. (idem, p.83)

Nesse sentido, o lugar conhecido como o “pau do meio” e a rua Manoel Pereira de Araújo, mais conhecida como a “rua boa”<sup>27</sup> ou “rua dos cabarés” e “do Eldorado”, existem e persistem enquanto lugares onde os mais desassistidos e invisibilizados da sociedade encontram alternativas de trabalho e formas de garantir a manutenção dos recursos necessários à sobrevivência. Logo, as profissionais do sexo que atuam na “rua boa” e no “pau do meio”, bem como os dependentes químicos que tanto repassam quanto consomem drogas ilícitas naqueles lugares, devem ser vistos como pertencentes a essa parcela da sociedade que é invisibilizada e desassistida do ponto de vista das políticas públicas.

Mas, em ambas as localidades essas pessoas promovem, quando comparados os horários do dia aos horários da noite, uma transformação dos lugares públicos que frequentam e/ou que são seus lugares de trabalho. Pois, se durante o dia a movimentação de pessoas e as

---

<sup>27</sup> Segundo o historiador Antonio Clarindo Barbosa de Souza (2005, p.03), por volta da década de 1960: “Entre as ruas mais movimentadas estava a Manoel Pereira de Araújo, que congregava os melhores “cabarés da cidade”, ficando imediatamente conhecida como “Rua Boa”. Algumas memórias construídas em torno daquela rua a descrevem como sendo “um esplendoroso mercado de luxúrias, que sobrevivia graças a um tipo de comércio confiscado pelas leis divinas, mas legalizado pela liberdade inconsciente dos humanos.”E ele mesmo continua: “A Manoel Pereira de Araújo e suas adjacências foi sem dúvida um dos locais mais freqüentado por prostitutas, populares, desocupados de todos os tipos e boêmios de classe média e alta. No auge da produção algodoeira ali existiam as melhores pensões de “mulherdama” de Campina Grande (...)” (p.04). Uma realidade que ainda hoje pode ser observada, embora em menor proporção e sem a pompa observada durante os anos de prósperos do “ouro branco”.

formas de sociabilidades são quase que inexistentes, durante a noite a situação se inverte e os bares encontram-se abertos, atraindo pessoas que comumente não frequentam a feira em outros horários e com outros objetivos, senão o da diversão relacionada ao sexo, ao consumo de bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas. Sendo assim, a modificação dos lugares mencionados é propiciada pela ação recíproca entre pessoas “de dentro” e “de fora” da feira, que terminam por “(...) transformar um espaço ‘vazio’ num espaço cheio de vida social” (PAIS, 1998, p.151)

A transformação de lugares da feira e dela como um todo se dá também no nível da representação social. Isso porque alguns a assemelham ou a apelidam de “Carandiru”, em alusão à conhecida casa de detenção da cidade de São Paulo que foi alvo da maior chacina e intervenção policial ocorrida no Brasil, sendo implodida em julho de 2005. Tal aproximação, embora seja totalmente desproporcional ao que se vê e se vivencia na Feira Central, não deve ser vista como algo disseminado e abrangente, mas atribuída a visões isoladas que, diante das tensões ocasionadas pela convivência cotidiana, pelas múltiplas formas de sociabilidades apresentadas e pelo fato da feira estar dividida espacialmente em setores ou “alas” a faz ser “apelidada” dessa forma.

Foi o administrador Agnaldo Batista quem mais claramente conseguiu explicar o porquê de tal nomeação, afirmando que: “No presídio não tem favela? Aqui também tem”, referindo-se ao “pau do meio”, tal como a localidade é conhecida<sup>28</sup>. E ele mesmo prossegue: “lá não está separado por alas, aqui também. Tem a ala vermelha, que é a ala da carne, tem a ala das verduras, da galinha!”

Para além das nomenclaturas que a feira e alguns dos seus lugares recebem, o administrador e alguns outros feirantes asseveram que, em termos de violência, atualmente a sensação que prevalece é a de calma e tranquilidade, sobretudo em relação aos casos de roubos e furtos. O que se deve, em parte, ao fato de existirem vigias noturnos e seguranças particulares contratados pelos próprios feirantes, que vez ou outra são acionados por algum comerciante que percebe a presença de pessoas suspeitas, tanto de fora como de “dentro da feira”.

Foi o que pude presenciar em uma conversa estabelecida entre a feirante Renata e um dos agentes de segurança da feira, que havia sido alertado por ela e por outros feirantes de que havia “uma movimentação estranha” numa localidade bem próxima à sua banca, “de um albergado que está por ali rondando, querendo roubar. Uma pessoa daqui da gente”. Tal

---

<sup>28</sup> Importante esclarecer que embora ele tenha feito menção a essa nomenclatura posteriormente afirmou não concordar com ela.

afirmação, parece reveladora de como a vigilância e o sistema de proteção se estabelecem e se fortalecem pelos próprios feirantes e pelo conhecido “boca a boca”, tão evidente e eficaz naquele espaço público. Essa afirmação revela ainda a existência das fronteiras e dos critérios estabelecidos para definir quem é “de dentro e de fora” da feira.

E ser “de dentro” é também sentir-se dono do espaço público, formado por ruas, calçadas e bancas que são montadas e utilizadas muitas vezes de maneira a desconsiderar os espaços de circulação de outras pessoas, no caso daquelas consideradas “de fora da feira”. Essa apropriação dos lugares públicos foi apontada por um funcionário da Superintendência de Transportes Públicos (STTP), que já teria verificado “carros estacionados por três dias na feira”, assim como carros e motos circulando sem respeitar as placas de sinalização. Fatos esses que o levaram a afirmar e concluir que “na feira não existe mão e contra mão” e que lá “tudo pode” (Kyrb).

Essas constatações levaram esse mesmo servidor a definir a localidade e as pessoas que fazem uso dela como uma “sociedade adormecida”, já que:

Os comerciantes não reagem, três funcionários da STTP não conseguem dar conta<sup>29</sup> e tem político mesmo que desfaz o trabalho da gente. Eu falo que não pode estacionar, tem a placa de sinalização aí o comerciante vai e fala com um político, que manda retirar as placas.

Com base nas informações acima, é possível afirmar que existem as regras e normas, da mesma maneira que existem formas de fiscalização e regulação da convivência coletiva na feira. No entanto, aquele lugar de “livre” comércio parece abrir espaço também para a ilegalidade, para a violência e para a apropriação indevida dos lugares públicos. Lugares esses que são utilizados por pessoas que, mesmo sendo consideradas “de dentro” da feira, não a concebem como um espaço que deve servir à coletividade, e não apenas aos interesses particulares. Como tão bem afirmou a feirante Renata, “a feira é um vício”, no sentido de que é difícil mudar os hábitos estabelecidos desde algum tempo.

Para além dos hábitos e das relações sociais estabelecidas entre aqueles que diuturnamente exercem atividade comercial na feira, é importante destacar que ela é também lugar de passagem e de passeio. Em decorrência disso, muitos dos que por lá circulam não querem ou não pretendem nem negociar e nem estabelecer formas de interação. Ainda assim, Heitor Frúgoli Júnior (2007, p. 16) defende que com essas pessoas se estabelece “uma forma específica de interação que sintetiza proximidade e distância”. Algo muito semelhante ao que

---

<sup>29</sup> Esse quantitativo faz referência ao ano de 2019, quando em conversa com o referido servidor.

defendeu Georg Simmel (*apud* FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, p.55) ao afirmar que a ausência da relação ou da interação pode também ser um tipo específico de relação social.

Nesse sentido, as pessoas que comumente não estabelecem relações comerciais e interações sociais com os vendedores, que “passam” ou “passeiam” pela feira, devem também serem consideradas no processo de formação do “ser feirante” na Feira Central, já que essa última compreende: “Um comércio onde o sujeito moderno é obrigado a interagir animadamente com estranhos e a se confrontar a um misto de formas, cores e cheiros que seus olhos não são capazes de discernir ou classificar rapidamente.” (MASCARENHAS e DOLZANI, 2008, p.84). Logo, é preciso concordar com esses autores que, em vários sentidos, a feira livre pode ser analisada enquanto “(...) uma filha rebelde da modernidade que insiste em desafiá-la.” E não apenas enquanto “mãe”, que acolhe e garante o sustento dos seus filhos.

### **CAPÍTULO III: SOBRE ESTÉTICA, COISAS E FEIRANTES**

---



Fonte: Acervo próprio

### **CAPÍTULO III: SOBRE ESTÉTICA, COISAS E FEIRANTES**

#### **3.1 “Venha no sábado, o sábado é lindo!”: a estética das coisas e da feira**

A Feira Central de Campina Grande não parece destoar muito das feiras de rua do Brasil e do mundo, exceto pela sua grande extensão territorial e pela diversidade de produtos e serviços que ali são oferecidos. Ainda assim, não faz sentido pensá-la como uma unidade auto referenciada, a partir de um padrão estabelecido do que sejam as tradicionais feiras de rua. Embora existam inúmeros elementos comuns entre ambas, a referida feira merece ser analisada a partir de suas singularidades e representatividades, tanto do ponto de vista geográfico, quanto econômico e social.

Dada sua amplitude em termos de espaço, serviços e produtos oferecidos, é possível afirmar que coexistem ali várias feiras constituindo um grande espaço físico. Existe a chamada feira do queijo, da carne, a feira de flores, de artesanato, de roupas e de galinhas,

para mencionar apenas algumas das muitas subdivisões que dão origem ao que, de maneira geral e superficial denomina-se Feira Central ou “feira grande”. Como era de se esperar, essa última definição está relacionada à sua extensão territorial e a variedade de produtos comercializados, algo que já foi anteriormente apresentado tanto por pesquisadores quanto pela equipe de gestão e administração daquele modelo de comércio.

Esses últimos, coletaram informações referentes a quantidade de estabelecimentos comerciais existentes e os principais tipos de mercadorias comercializadas. Boa parte dos dados foram apresentados pela historiadora Giovanna de Aquino Fonseca Araújo (2011) em sua tese de doutorado e podem ser visualizados agora por intermédio da imagem/tabela abaixo, com suas devidas ressalvas e fontes de acesso:

**TABELA 1 - DEMONSTRATIVO DO NÚMERO DE LUGARES CADASTRADOS DE ACORDO COM O TIPO DE MERCADORIAS COMERCIALIZADAS NA FEIRA DE CAMPINA GRANDE (EM ORDEM DECRESCENTE)**

**Tabela 57** – Demonstrativo do número de lugares cadastrados de acordo com o tipo de mercadorias comercializadas na Feira de Campina Grande (em ordem decrescente)

MERCADORIA	QUANTIDADE DE LUGARES
Frutas e Verduras	1.162
Carne	393
Alimentação	291
Cereais	288
Diversos	268
Confeções	220
Queijo	132
Calçados	113
Temperos	104
Peixes	96
Aves	60
Bijuteria	43
Utensílios Domésticos	38
Fumo	19
Lanches	18
Flores	16
Miudezas diversas	01
<b>Total</b>	<b>3.252</b>

Fonte: Levantamento cadastral realizado pela administração da feira central, em caráter emergencial, fornecido para o presente estudo, apresentado em planilha manuscrita e com a ressalva por parte do administrador que não se tratava de dados fidedignos, podendo ter sofrido alguma alteração, uma vez que não se tratava de um levantamento formal como os dados fornecidos pela secretaria de Serviços Urbanos nos anos 2000 e 2010.



Fonte: ARAÚJO, 2011, p.379

Essa mesma pesquisadora se preocupou em apresentar a origem de alguns desses produtos, tal como se vê na transcrição que segue:

A feira de Campina Grande, tendo em vista sua diversidade de mercadorias e a multiplicidade das origens das mercadorias comercializadas, também é muito diversa: muitos feirantes se abastecem no entorno da própria feira, ou seja, nos armazéns grossistas que ali se fazem presentes. Também da produção fabril campinense, vê-se o setor calçadista com seu fornecimento das fabriquetas do polo localizado no bairro de José Pinheiro, e o setor de bolos e doces, oriundos das fabriquetas localizadas sobretudo no bairro da Liberdade. Em relação às confecções, dependendo de sua tipologia, são adquiridas nas fabriquetas da cidade ou são adquiridas nas urbes pernambucanas: Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. As flores são provenientes do Brejo Paraibano e da cidade do Recife, entre outras origens. (ARAÚJO, 2011, p.369)

Informações semelhantes a essas foram sintetizadas e transformadas em dados quantitativos, como se apresenta na imagem abaixo:

**TABELA 2 - ORIGEM DOS PRODUTOS COMERCIALIZADOS NA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE- PB**

**Tabela 55** – Origem dos produtos comercializados na Feira Central de Campina Grande-PB

Local	Porcentagem
Atacadista	30,50%
Atravessador/fornecedor	15,40%
Direto do agricultor e/ou criador	13%
EMPASA-CG, antiga CEASA	4,30%
O próprio agricultor ou criador	6,60%
Do Fabricante	6,50%
Forma Mista (fabricante, feiras, representantes, atacadistas, agricultores/criadores, etc.)	8,70%
Matadouro	2,20%
Na própria feira	4,20%
Em outras feiras (Santa Cruz-PE, Caruaru-PE, Toritama-PE)	4,30%
Representantes/fornecedor	4,30%
Total	100,00%

Fonte Tabela 3.17- Perfil dos feirantes quanto à aquisição dos produtos que comercializam. Em: Costa, A. A. da. (2003). *Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 187.

Fonte: ARAÚJO, 2011, p.372

As imagens e transcrições colocadas acima apresentam um quantitativo geral de categorias de mercadorias que são comercializadas na feira, bem como suas origens e alguns dos seus fornecedores. Elas são úteis no sentido de oferecerem um panorama breve e geral, mas não tinham como objetivo dar conta da totalidade e da diversidade de produtos que cada uma dessas categorias pode abranger. Isso pode ser mais claramente dimensionado e visualizado por meio da imagem que segue, que revela a multiplicidade de coisas existentes em um único estabelecimento direcionado ao comércio de utilidades do lar:

Figura 41 - Estabelecimento comercial da Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

O estabelecimento acima está localizado numa das entradas principais da feira, numa área onde é possível encontrar desde embalagens descartáveis, a artigos para festas, roupas e brinquedos. Essa variedade de produtos expostos numa mesma área e numa mesma rua evidencia o fato de que a convencional subdivisão setorial, conhecida pelos produtos que são prioritariamente comercializados, é bastante genérica e imprecisa, já que é bastante comum encontrar coisas as mais diversas em setores onde predomina o comércio de produtos específicos.

Sobram demonstrações dessa maleável divisão e ocupação de espaços, bem como da probabilidade que coisas distintas têm de serem agrupadas e misturadas por entre as bancas e por toda a feira. Para o momento, cabe apresentar exemplos como o da banca de roupas femininas que é montada diariamente em uma das entradas do mercado de carnes e que, por isso mesmo, deixa a certeza de que arranjos tidos como pouco prováveis são facilmente vistos naquele cenário público, como é possível observar na imagem que segue:

Figura 42 - Feirante sentada em sua banca



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

A palavra “mistura” parece propícia quando o objetivo é descrever a multiplicidade de coisas que são agrupadas e que por isso mesmo terminam gerando a aparente sensação de desordem, aliada a falsa ausência de um padrão. Sobre esse último é imprescindível afirmar não apenas que ele existe, mas que se constitui também a partir dessa junção quase que improvável entre coisas, a diversidade delas e as múltiplas formas que os feirantes encontram de distribuí-las, organizá-las e expô-las.

A seguir, mais uma imagem que retrata o agrupamento entre coisas que comumente estariam expostas e sendo comercializadas em bancas distintas e setores distintos da feira, já que possuem natureza e utilidades bastante diferentes:

Figura 43 - Banca e passagem da Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 21 de setembro de 2021

A junção estabelecida entre a pipoca, os panos de prato e os uniformes de clubes de futebol servem como um bom e apropriado exemplo do padrão diverso que é criado e estabelecido na feira, bem como da liberdade do feirante para agregar produtos os mais diversos em sua banca. Tal exemplo ajuda também a mostrar o fato de que a alocação das bancas segundo critério de combinação de mercadorias é maleável e que termina predominando uma fluida divisão de lugares e setores, nos quais as coisas chegam a ocupar um lugar de centralidade. Tanto é assim que as pequenas “feiras” que compõem o cenário como um todo são conhecidas e nominadas de acordo com as coisas que predominantemente são comercializadas ali.

A imagem colocada imediatamente abaixo parece reveladora do quanto os produtos se misturam por entre os setores da feira e do quanto a demarcação dos espaços é flexível e aberta às mais diversas possibilidades:

Figura 44 - Passagem da Feira Central e feirante



Fonte: Acervo próprio, dezembro de 2019

O senhor da foto acima está posicionado em uma das principais ruas de acesso à feira, sendo portanto, um lugar de passagem prioritariamente de pedestres. Em decorrência desse

fato, essa via pública deveria estar livre para os fregueses e, no máximo, para a passagem de carrinhos de mão, um dos meios de transporte de mercadorias adquiridas por fregueses que se dispõem a pagar aos conhecidos “carroceiros” por esse serviço. No entanto, como revela a imagem, a via está ocupada quase que em sua totalidade por uma variedade de potes, panelas, vasos de argila, tubérculos e frutas as mais diversas.

Na parte mais recuada da imagem revela-se um estabelecimento comercial de alvenaria, onde existe um letreiro vertical indicando que ali funciona uma granja, embora estejam expostas e colocadas à venda, em lugar de aves, uma série de produtos de materiais de limpeza. Isso tudo sem mencionar o fato de que o feirante da foto, de nome Everaldo, está posicionado defronte ao seu ponto comercial, onde é possível encontrar desde artigos religiosos às peças de argila, sendo também um dos seus lugares de moradia, tão comuns dentro da feira e em seu entorno.

A impressão que se tem algumas vezes é a de que o feirante, enquanto principal responsável pela ocupação diária dos lugares da feira, sempre consegue encontrar um local para colocar seu expositor de mercadorias, que pode ser a própria banca, um carrinho de mão, um caixote, uma lona ou mesmo um pedaço de papelão estirado sob o chão, além da variedade de produtos que ele deseje ou consiga comercializar. O empilhamento e a multiplicidade de coisas distintas expostas tendem a ocasionar muitas vezes, sobretudo a uma transeunte menos atento, a impressão geral de desordem, mistura e amontoamento, tal como se apresenta na foto abaixo:

Figura 45 - Coisas na banca do feirante "Sarney"



Fonte: Acervo próprio, 14 de maio de 2022

Para além dessa impressão, o olhar atento e cuidadoso foi capaz de revelar que no amontoamento de caixas de fósforo, material de limpeza, roupas, bananas, vasos de argila, panos de prato, sacos de rafia e peças íntimas há algo mais que a junção dos produtos e o aparente descaso. Há ali o trabalho do feirante, o seu olhar, o seu modo de organizar e expor os produtos, além do desejo constante de atrair e agradar a freguesia. Todos esses elementos podem ser facilmente sintetizados e expressos por uma evidente preocupação em criar o belo e/ou revelar a beleza das coisas. O que faz com que cada fruta, legumes, flor, pedaço de carne ou peça de roupa seja sempre cuidadosamente selecionada para ocupar lugares privilegiados nas bancas, o que em nada se assemelha ao descaso ou falta de zelo.

Tal preocupação faz com que os feirantes despertem nos passantes e fregueses as mais variadas sensações e sentidos, o que pode se dar tanto pela exposição prioritária das frutas e verduras mais coloridas e suculentas quanto pelo lugar de destaque das flores, carnes e queijos mais novos na parte frontal das bancas, montadas de forma a valorizar as boas qualidades dos produtos. Sendo assim, é possível afirmar que os feirantes conseguem estimular o desejo da freguesia de várias formas, sendo a principal delas por meio do olhar, um dos sentidos que mais é despertado na feira e que pode ser atestado por meio da preocupação com a aparência das coisas e as maneiras como essas últimas são colocadas à exposição e observação. Tal

artifício já foi percebido em outros ambientes urbanos por outros pesquisadores, a exemplo do cientista social José Machado Pais (1988, p.139), que chegou a considerar essa “proeminência voraz do olhar”, como uma das principais características do que “se define como urbano” na contemporaneidade.

Em se tratando da feira, é importante ressaltar que visão e audição terminam sendo os sentidos que mais são aguçados pelos feirantes, embora nem todos gritem anunciando os seus produtos ou convidando a freguesia a se aproximar de suas bancas. Como era de se esperar, existem os vendedores mais empolgados, brincalhões e desinibidos. Mas, de uma maneira geral, todos se preocupam com a boa organização e apresentação tanto das bancas quanto dos produtos colocados à venda, de modo a deixá-los expostos de maneira atrativa e convidativa.

E não há tempo definido para a realização do processo de criação e valorização da beleza, já que o feirante se utiliza do tempo e dos espaços de maneira flexível, a depender das suas necessidades e das atividades que o comércio lhes impõe. É possível precisar quando tal processo se inicia, já que coincide com a chegada do feirante à feira e a subsequente montagem do seu ponto de venda. Mas, sua realização se estende ao longo do dia, variando de acordo com a sua disponibilidade, o movimento da freguesia e a saída ou chegada de novas mercadorias por fornecedores.<sup>30</sup>

A imagem abaixo consegue demonstrar que mesmo o empilhamento é capaz de revelar o cuidado do feirante com as coisas, bem como sua preocupação em criar o belo:

Figura 46 - Frutos empilhados em balaios na Feira Central

---

<sup>30</sup> É importante esclarecer que ao mencionar os fornecedores e as entregas que eles realizam na feira estou fazendo referência, sobretudo, aos modelos de comércio considerados formais, que possuem uma maior circulação de produtos, dispõem de maiores estruturas físicas e têm assim maior poder de compra e de barganha, como é o caso dos supermercados e das cerealistas, que em sua maioria estão localizados no entorno da feira e do mercado de carnes.





Fonte: Acervo próprio, 23 de agosto de 2022

Como é possível observar, as frutas do conde não foram colocadas no cesto de maneira aleatória. O empilhamento delas foi realizado de modo a formar uma pirâmide cujo tamanho dificilmente passaria despercebido pela freguesia. Observando mais atentamente é possível verificar que as frutas maiores e que mais estimulam o paladar ganharam um lugar privilegiado na pirâmide, em detrimento das menores e menos suculentas, que ficaram em seu interior quase que encobertas.

O empilhamento programado e a formação piramidal podem ser igualmente observados em recipientes pequenos e com frutas menores, tal como se apresenta na imagem que segue:

Figura 47 - Banca de frutas diversas



Fonte: Acervo próprio, 04 de dezembro de 2019

A seleção prévia e a exposição fracionada das frutas tal como reveladas na imagem acima compreendem atividades realizadas com o objetivo de valorizar os produtos e, ao mesmo tempo, estimular o consumo em série e em maior quantidade. O que tende a ocasionar uma diminuição do preço da porção, que é logo anunciada pelo feirante. Essa sequência de atividades termina criando na freguesia a sensação de que há ali uma justaposição entre qualidade e quantidade, que se torna ainda mais convidativa depois da oferta de preço declarada.

O autor Jean Baudrillard (2014), ao analisar a junção e exposição de coisas sob a lógica da “sociedade de consumo”, agrega elementos que ajudam a pensar o universo da Feira Central. Isso porque suas análises terminam trazendo para um primeiro plano tudo aquilo que está encoberto por entre as visões apressadas e superficiais que ligam a feira e toda a sua lógica organizacional à ideia “bagunça” ou mesmo de desordem, e que por isso mesmo não conseguem dar conta das maneiras particulares que os feirantes têm de organizar suas bancas e expor as coisas que lá se colocam à venda. A esse respeito, Jean Baudrillard (idem) revela que, por mais que não estejamos atentos aos objetos e às maneiras como eles nos são revelados, eles jamais se oferecem ao consumo na desordem absoluta e que:

Em determinados casos, (eles, os objetos) procuram imitar a desordem, para melhor seduzir, ordenando-se sempre, no entanto, para abrir vias diretoras, para orientar o impulso de compra em feixes de objetos, encantando-o e levando-o, dentro da própria lógica, até ao máximo investimento e aos limites do respectivo potencial econômico. (grifos meus) (BAUDRILLARD, 2014, p.16).

Sendo assim, as coisas que são empilhadas e misturadas nas bancas podem até parecerem desordenadas ou mesmo descuidadas, mas as maneiras como elas são colocadas à disposição da freguesia refletem uma perspectiva que estimula o consumo em série, num contexto e numa sequência de coisas que se complementam e que melhor se adequam ao gosto do feirante e da freguesia.

Abaixo a imagem de uma banca de ervas, onde é possível verificar a tentativa por parte do feirante de estimular e incentivar a compra “em feixes de objetos”, aproximando coisas que possuem naturezas distintas, mas que quando adquiridas juntas e combinadas podem produzir algo novo e diferente, como por exemplo o conhecido lambedor<sup>31</sup>, que também está exposto na imagem que segue:

Figura 48 - Banca de ervas da Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 04 de dezembro de 2019

---

<sup>31</sup> Xarope, feito de açúcar dissolvido com flores, folhas e/ou frutos. Na região Nordeste do país são comumente utilizados para combater a tosse, embora sejam criados com muitas outras finalidades.

Na banca de ervas revelada acima é possível encontrar e adquirir não apenas uma variedade de folhas dessas plantas, mas também muitos outros produtos igualmente considerados benéficos à saúde, como o mel, o lambedor, o alho e até um fruto, no caso o noni, que vem se tornando conhecido e divulgado pela medicina popular, sobretudo por seus possíveis benefícios no combate a tumores e diabetes. Essa aproximação e essa combinação entre coisas as mais diversas em uma mesma banca em nada parece obra do acaso e em nada se assemelha ao desleixo ou a falta de planejamento. Como quase tudo na feira, também ali se vê a artimanha do feirante.

Não é por acaso, portanto, que a banca de queijos do feirante Ozenildo e da feirante Renata são lugares de exposição simultânea não apenas do queijo de coalho, do queijo de manteiga e da própria manteiga, mas também de doces como o doce de goiaba, um dos poucos produtos expostos que não deriva do leite mas que, quando aliado ao queijo, cria uma junção bastante popular e desejada na região Nordeste do Brasil, conhecida como Romeu e Julieta, em alusão ao conhecido casal inseparável na tragédia escrita por William Shakespeare, ainda no século XVI.

A seguir uma imagem que revela os produtos expostos na banca da feirante Renata, onde é possível constatar a orientação para o impulso de compra em feixes de objetos, como proposta por Jean Baudrillard (2015):

Figura 49 - Produtos expostos na banca da feirante Renata



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Essa preocupação com a junção e apresentação das coisas, que termina expressando o olhar e o cuidado do feirante, além do seu desejo de atrair e agradar a freguesia, em muito se adequa à defesa de Jean Baudrillard (2015) de que existe na sociedade do consumo um “sistema dos objetos”. Na feira, tal sistema é percebido tanto na junção entre objetos que se combinam, se estimulam mutuamente e estabelecem entre si uma relação de contiguidade, quanto entre aqueles cuja união é considerada pouco provável, como ficou explicitado no caso da banca que comercializa simultaneamente pipoca, uniformes e pequenos panos comumente utilizados para enxugar pratos.

É importante frisar que é a partir de junções como essas, capazes de reunir e entrelaçar coisas e lugares opostos, diversos, afins e complementares, que cotidianamente se produz e se transforma o cenário da feira e mais especificamente a sua estética. Essa última é analisada aqui a partir de uma perspectiva diferente daquela proposta por Denis Huisman (2005), que a concebe como um campo de estudo específico da arte e que por isso mesmo deve ser rigorosa e precisa, caso pretenda continuar a existir.

De maneira distinta, a noção de estética que apresento a partir de demonstrações e análises defende uma perspectiva mais abrangente, disseminada nas mais variadas atividades e nos mais variados campos de investigação e de vivência humana. Tanto que sua base conceitual aponta para uma dimensão em ampla escala, mundial, tal como defendida por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015).

Essa estética ou essa estetização constante de coisas e de lugares pode ser definida como: “(...) um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações (...)” (RANCIÈRE, 2009, p.13). Logo, é possível afirmar que são as práticas cotidianas dos feirantes que criam o cenário e a estética da feira. E como essas práticas são múltiplas (distribuir, organizar, selecionar, expor, etc.), distintas e variam de feirante para feirante, as coisas, as bancas e a feira como um todo terminam externando, em lugar de uma uniformidade, uma estética que revela e ao mesmo tempo sintetiza tal diversidade.

Essa “estética diversa”, bem como as práticas que as engendram, aparecem aqui como uma das portas de acesso ao próprio feirante e às suas subjetividades, já que como acrescentou Jacques Rancière (idem) ela implica “uma determinada ideia da efetividade do pensamento”. Como numa via de mão dupla, o feirante e suas práticas delineiam a estética das coisas, dos lugares e da feira como um todo e, depois disso, essa estética passa a revelar suas singularidades, gostos, pensamentos e maneiras particulares de cada um deles realizar o seu

“*savoir faire*”. Maneiras essas que foram sendo incorporadas e aprimoradas ao longo dos anos de comércio e de trabalho, atrelando o desejo de criar e valorizar o belo ao anseio de agradar à terceiros, ainda que a partir de recursos muito escassos e de maneira pouco refletida.

É como se os feirantes e suas práticas se impregnassem nas coisas e nos lugares, criando uma estética que funciona como uma privilegiada demonstração dessa impregnação, um espelho a revelar não apenas a dimensão exterior de suas criações, os frutos do seu trabalho, mas também elementos subjetivos e interiores, como gostos, preferências e pensamentos. Nesse sentido, essa estética se constitui como uma das mais apropriadas fontes de acesso à eles próprios, os seus criadores.

Não há novidade alguma em afirmar que a criação dessa estética envolve trabalho, lugares, coisas e o anseio de agradar a clientela e vender mais, esse fato está dado. O que está encoberto em toda prática, todo olhar e cuidado é justamente aquilo que diferencia os feirantes dos vendedores de outras formas de comércio, a saber: a sua relativa liberdade para expressar o seu gosto, a sua capacidade de criar algo novo, improvisar e atribuir novos sentidos e utilidades às coisas. Tudo isso faz com que seja notória a distinção entre o ato de fazer compras num supermercado perfeitamente enquadrado no padrão de modernidade estabelecido pelo sistema capitalista e o ato de fazer compras numa feira de rua, como é o caso da Feira Central em Campina Grande.

No primeiro, têm-se a opção da pouca ou quase nenhuma interação com vendedores ou funcionários, uma vez que os produtos estão dispostos de maneira que dificilmente o cliente irá precisar se dirigir a alguém responsável pelo estabelecimento, seja para tirar dúvidas em relação ao preço ou às características dos produtos desejados. Os próprios produtos, ou as gôndolas onde eles estão expostos, já dispõem do máximo de informações possíveis e, além disso, estão dispostos em setores programados e calculados segundo suas combinações, o que em muito facilita a sua localização.

Já no que se refere à feira, embora exista sim uma divisão setorial, como foi anteriormente mencionada, não há um rigor quanto a essa preocupação. Ao mesmo tempo em que cada feirante possui autonomia para organizar os produtos e decorar seu ponto de venda da maneira que lhe convier ou que achar que melhor irá surpreender e agradar a freguesia. Tal liberdade parece se constituir como um gatilho que aciona a criatividade do feirante e a originalidade tanto das bancas de maneira particular quanto da feira de maneira geral, do mesmo modo que enriquece e singulariza a estética proeminente nesses lugares.

É nesse sentido que o talento, zelo e cuidado de alguns feirantes ganham maior visibilidade e os tornam vendedores criativos e habilidosos. Importante destacar que a presença de elementos subjetivos nas práticas cotidianas não implica uma desvalorização ou minimização do lucro ou da racionalidade contábil por parte dos feirantes. Parece ocorrer exatamente o oposto disso, já que, para além do visível cuidado com as coisas e com a beleza, é o desejo de vender mais que aparece de imediato no discurso do feirante quando questionado acerca do porque deles depositarem tanto tempo em atividades relacionadas às coisas e às suas belezas. Tal assertiva pode ser comprovada em falas como a do vendedor Ozenildo, como a que segue: “A gente termina fazendo de tudo para agradar a freguesia, vender mais né!”.

Sendo assim, a criatividade e a inventividade do feirante podem ser umas das razões pelas quais a Feira Central se mantém viva e requisitada, mesmo diante do avanço de supermercados, caracterizados pela presença de um modelo de comércio padronizado e impessoal. Nesse sentido, é preciso considerar que a permanência das feiras livres na atualidade se dá também em virtude dos artifícios e estratégias criadas e mantidas pelos seus vendedores, como bem observou a historiadora Giovanna Aquino tanto em relação à Feira Central quanto em relação a outras feiras do Brasil e de Portugal. As considerações realizadas por essa pesquisadora a esse respeito podem ser verificadas nas assertivas que seguem:

(...) os feirantes em geral, seja no Brasil ou em Portugal, resistem frente aos instrumentos de ordem e de poder disciplinar, desenvolvendo astúcias silenciosas e sutis com apropriação criativa, inventando de maneira própria e inteligente suas táticas e estratégias, como arte do fazer. Fazer este que envolve elementos do cotidiano, com o propósito maior de conviver e até transformar, materializando, criando, (re)inventando a realidade em que vivem. Por essas razões, apesar de todas as variáveis de descontinuidade, as feiras ainda continuam existindo na pós-modernidade. (2011, p.152)

Sendo assim, graças aos feirantes e suas práticas de estetização, criação e manutenção, a feira persiste como um cenário diferenciado, rico pela diversidade que expressa e que ajuda a trazer à tona elementos objetivos e subjetivos dos seus artífices. Logo, é preciso asseverar que qualquer tentativa de conceber os feirantes de maneira engessada e uniformizada estará fadada ao insucesso. Eles são múltiplos, diversos no que pensam e fazem. E uma das coisas que eles fazem cotidianamente é criar e singularizar o cenário da feira e sua estética, sobretudo aos sábados, dias nos quais a beleza e animação se fazem mais evidentes, tal como sintetizou a feirante Renata em uma de nossas conversas, num dia de segunda feira: “Aqui hoje é calmo, mas venha no sábado. O sábado é lindo!”

### 3.2- Lugar e significados das coisas

Falar ou ler algo relacionado às feiras de rua quase sempre remete a uma multiplicidade de dimensões que esse tipo de comércio parece acionar. Pessoas se misturam com coisas, que se misturam com ruas, saberes, sabores e práticas. Quando se caminha por entre as ruas da Feira Central de Campina Grande essas dimensões parecem saltar aos olhos, sobretudo aos sábados, dia no qual a estética da feira se revela mais rica em diversidade tanto de pessoas quanto de coisas.

Essas últimas estão misturadas e espalhadas em bancas, expositores e passagens da feira de acordo com a criatividade e o padrão de organização dos feirantes, os maiores responsáveis por muito do que se faz e se produz naquele cenário público. São eles que diuturnamente animam e preenchem boa parte das ruas e calçadas da feira com a profusão de coisas que eles comercializam e fazem uso, como suas bancas, caixotes, cestos, bacias, etc. E mesmo por meio dos improvisos e arranjos espontâneos é possível perceber sua artimanha, engenhosidade e aptidão em atribuir às coisas os mais variados sentidos e utilidades. Seja de maneira planejada ou não, seus feitos estão evidentes na estética disseminada por toda parte.

É a partir desses pressupostos que esse capítulo vem paulatinamente acrescentando a ideia de que os feirantes se constituem não apenas por intermédio do trabalho que desempenham ou das sociabilidades que eles fazem emergir no espaço da feira, mas também a partir de uma estreita e dinâmica relação com as coisas<sup>32</sup> que são por eles utilizadas e comercializadas, já que a etnografia foi capaz de revelar que é a partir delas que eles definem boa parte de suas rotinas e de suas atividades relacionadas ao trabalho. Atividades essas que variam desde a montagem e organização da banca, à seleção, compra, exposição, armazenamento e, finalmente, a venda de produtos ou coisas.

Como é possível perceber, em todas essas atividades ou afazeres as coisas se fazem proeminentes, acentuando o lugar de centralidade que ocupam na rotina e no dia a dia dos feirantes. Tanto que, embora eles não mencionem ou mesmo parem para refletir sobre isso, terminam encontrando no cuidado e no tempo a elas despendido a possibilidade de concomitantemente se fazerem e se refazem constantemente. E isso se dá não apenas em virtude do fato deles dependerem financeiramente da venda delas para se manterem, mas

---

<sup>32</sup> A esse respeito, as coisas (APPADURAI, 2008), objetos (BAUDRILLARD, 2015), trecos (MILLER, 2013) e mercadorias são aqui tomados como correspondentes, sendo essas últimas não “(...) um tipo de coisa, em vez de um outro tipo, mas uma fase na vida de algumas coisas.” (APPADURAI, 2008, p.32)



sobretudo porque através delas torna-se possível acessar uma rede de significações e vivências que colocam em cena os papéis por eles desempenhados no cenário da feira.

Essa perspectiva em muito se assemelha àquela estabelecida por Arjun Appadurai (2008), ao analisar as mercadorias a partir de suas circulações e de sua dimensão social, bem como a de Daniel Miller (2013, p.12), segundo a qual uma maior apreciação das coisas possibilita uma “apreciação mais profunda das pessoas”, no caso aqui especificado, uma apreciação mais profunda do feirante enquanto artífice da Feira Central.

Para esse último antropólogo (2013), as coisas não representam as pessoas, mas constituem-nas, possuem um papel considerável e atuante na constituição da experiência particular do “eu”. Nesse caso, a grande questão não é perceber se as coisas produzidas e comercializadas pelos vendedores da feira podem representá-los, e sim como elas fazem parte da sua constituição enquanto feirantes, agregando sentido às suas rotinas e práticas. Tais premissas servem de embasamento teórico para afirmar que o feirante vai se constituindo a partir de um constante entrelaçamento estabelecido entre eles, as coisas e o seu lugar de trabalho e de sustento familiar. Um lugar que não se limita à sua materialidade, mas um lugar onde o espaço físico e as coisas ganham relevância pelas possibilidades que têm de fazer emergir o algo mais, a saber, quem são e como são os feirantes e suas rotinas na feira, permeadas por estruturas de significados (GEERTZ, 1989) que eles mesmos produzem.

Sendo assim, as coisas ganham relevância pelas funções e significações que lhes são atribuídas, a depender do feirante e do tipo de relação que estabelece com elas. Para alguns, as coisas que os acompanham desde algum tempo, sejam elas comercializáveis ou não, tornam-se sinônimo de apego e vivência na medida em que passam a revelar não apenas suas rotinas e práticas cotidianas, mas também suas experiências pretéritas, atestando o que foi vivenciado no passado e impulsionando no presente o feirante a recordar.

Como prova dessa íntima e afetiva relação entre as pessoas e as coisas, bem como da possibilidade que essas últimas têm de revelar histórias e acontecimentos vivenciados no passado, têm-se o exemplo do feirante Normando e de um dos seus instrumentos de trabalho, a sua balança de peso, que merece ser apresentada e analisada enquanto objeto de significação e constituição dele próprio.

O senhor Normando é um daqueles informantes que dispensa perguntas e um roteiro previamente elaborado, ele mesmo antecipa e seleciona as temáticas que lhes parecem relevantes. Entre elas, merecem destaque o seu passado como adolescente na feira e a influência decisiva da figura paterna em sua vida de feirante, de quem ele herdou tanto a

balança quanto a própria banca e, por isso mesmo, tornaram-se objetos de apego e apreço. De tal modo que ele faz questão de manter seu antigo e valioso instrumento de trabalho posicionado no mesmo lugar há exatos cinquenta anos, o que lhe causa muito orgulho, justamente por atestar tanto o seu tempo de trabalho na feira quanto o tempo de existência do objeto.

Esse orgulho sempre esteve evidenciado em sua maneira de narrar acontecimentos do passado e descrever como aprendeu com o exemplo do seu pai a ser feirante e a utilizar-se corretamente de sua balança enquanto objeto original e autêntico que é. Essa última característica atribuída ao objeto remete imediatamente a Walter Benjamin (2017, p.15) e ao fato dele ter afirmado que: “A autenticidade de uma coisa é a essência de tudo o que ela comporta de transmissível desde a sua origem, da duração material à sua qualidade de testemunho histórico”. Sob esse ponto de vista, é possível afirmar que a balança do feirante Normando segue transmitindo e testemunhando a sua história, a história do seu pai e o tempo passado desde então, dos qual ela serve de testemunho.

A seguir uma imagem do seu objeto de significação, que também adquiriu a função de porta retrato ou painel para algumas das suas melhores recordações:

Figura 50 - Balança e coisas na banca do feirante Normando



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

E mais uma, onde é possível visualizar uma fotografia que me foi apresentada pelo próprio Normando, de quando ele tinha dezoito anos de idade e estava posicionado ao lado do seu objeto de estima:

Figura 51 - Fotografias na banca do feirante Normando



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

Como é possível verificar, essa fotografia está colocada por trás da balança e muito provavelmente foi tirada com o intuito de atestar a presença não apenas do referido feirante, mas também de sua balança e das coisas comercializadas em sua banca, que também deve ser vista como objeto de significação e apego, de onde todas as outras coisas passam a ganhar relevância.

O fato de Normando estar ao lado de sua balança na fotografia confirma o desejo que ele tinha e tem não apenas de apresentá-la, mas sobretudo de tomar posse subjetiva dela, já que objetivamente ela já lhe pertence. É como se, estando perto da balança e mantendo-a posicionada no mesmo lugar, ele se mantivesse o mais próximo possível do seu pai já falecido e das lembranças que ela ajuda a manter vivas e emergentes. Esse desejo de manter-se próximo às lembranças e às coisas, a exemplo da balança e das fotografias, foi igualmente pensado por Walter Benjamin (2017, p.17), que chamou a atenção para o fato de que: “Dia a

dia se torna mais irrefutável a necessidade de nos apoderarmos de forma muito direta do objeto, através da imagem, ou, melhor dizendo, da cópia e da reprodução”.

Logo, não basta ter a balança por perto e continuar mantendo a banca em funcionamento mesmo depois de constatar, como ele o fez, que ao menos do ponto de vista financeiro, não tem valido a pena dar continuidade à vida de comerciante. É necessário e imprescindível fazer cópias em forma de fotografias dos objetos que lhes causam afeição e que ajudam a contar suas histórias. Do mesmo modo que se faz necessário fazer da sua banca um lugar de recordação e de abrigo para coisas repletas de significação e para sua própria história de vida. Sendo assim, tanto a banca quanto a balança e as fotografias do feirante Normando se constituem como objetos biográficos, que Segundo Ecléa Bosi (2003, p.26) são insubstituíveis, justamente por lhes oferecerem “a pacífica sensação de continuidade.”

Outro exemplo, é a cadeira de barbear do feirante Gilvan, objeto que pode ser considerado biográfico e que o referido comerciante faz questão de apresentar como herança deixada pelo seu pai. Essa cadeira serve como assento para os seus fregueses e como demonstração de como alguns objetos atuam em sua trajetória como feirante, que já dura 52 anos. A seguir, uma imagem da referida cadeira:

Figura 52 - Cadeira de barbear do feirante Gilvan



Fonte: Acervo próprio, 23 de agosto de 2022

A importância que as coisas como balanças, cadeiras e fotografias assumem na vida dos feirantes, bem como a possibilidade que elas têm de ocupar um lugar de centralidade em suas histórias, se fez evidente também na banca do senhor “Biu”<sup>33</sup>, mais conhecido como o “rei da gelada”, em alusão ao tradicional suco de coco que é ali comercializado desde a década de 1960. A fachada de sua banca destaca o nome do proprietário, a qualidade do produto que ele criou e o fato do suco vir sendo comercializado há bastante tempo na feira, como é possível verificar na imagem a seguir:

Figura 53 - Feirante na banca do senhor Biu



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

Infelizmente não é mais possível encontrar o senhor Biu em seu estabelecimento comercial, que desde o ano de 2021 encontra-se alugado a Everaldo Juvino de Lima. Ainda assim o atual inquilino mantém exposto um porta retrato com a foto do senhor “Biu”, na tentativa de resguardar o mérito do criador da bebida e manter viva a tradição tanto da banca quanto da gelada de coco, bastante conhecida e apreciada por feirantes e frequentadores da Feira Central. Mais uma vez, a fotografia é usada com a função de perpetuar e ao mesmo

---

<sup>33</sup> Importante esclarecer que o feirante mencionado acima não é o mesmo que venho mencionando aos longo dos demais capítulos, aquele que comercializa cereais. Esse a que me refiro agora não está mais trabalhando na feira e sua banca está alugada a outro comerciante.

tempo trazer para perto de si as coisas e as pessoas que se tornaram “guardiãs” e testemunhas de um passado que se quer perto, vivo.

A seguir, uma imagem que revela o porta retrato exposto, de onde é possível não apenas conhecer o ex feirante, mas também refletir acerca da estreita relação que se estabelece entre as coisas e as pessoas na feira, no caso em questão entre o senhor “Biu”, a gelada de coco e a banca que detém a primazia na produção da bebida:

Figura 54 - Porta retrato na banca do feirante Biu



Fonte: Acervo próprio, 24 de fevereiro de 2022

Interessante apresentar também a importância e significação que as coisas adquirem no lugar de comércio do feirante Fernandino Barbosa, mais conhecido como Fernando, onde é possível identificar uma sequência de fotos expostas na parede retratando momentos, pessoas, lugares e lembranças que ajudam a contar sua história, sua trajetória como comerciante e suas preferências futebolísticas. Sobre essas últimas, o Treze Futebol Clube ganha notoriedade pelas fotos e pelas falas, que destacam não somente o seu favoritismo, mas também a maneira simpática e extrovertida de ser do feirante, que sempre se fez presente e atuante em nossas conversas.

Nesses momentos, o senhor Fernandino utilizava-se das fotografias e das demais coisas que ajudam a compor o seu estabelecimento comercial para relatar como aprendeu a trabalhar e criar a partir do couro, como era sua vida no passado, as noites ao lado do antigo Cassino Eldorado e o dia a dia na rua onde ainda hoje está localizado o seu ponto de vendas, conhecida pela realização da “feira de galinhas”. Tal localização termina gerando odores incômodos para ele e para a freguesia, mas também o faz lembrar e expor de maneira divertida que em seu lugar de comércio “até as galinhas são galo”, fazendo menção ao símbolo do clube de futebol mencionado acima, também conhecido como o “galo da Borborema”.

Naquele lugar a história do senhor Fernandino, vendedor e produtor de celas, cintos, botas e mais uma variedade de utensílios de couro, está transmitida e retratada em cada coisa exposta, embora ele mesmo demonstrasse prazer ao narrar fatos e explicar cada uma das fotografias colocadas na parede. Ainda assim, as fotografias revelam por si só a possibilidade subjetiva de aproximar passado e presente, muito embora Walter Benjamin (2017, p.56) tenha acreditado que “(...) todas as potencialidades dessa arte do retrato se baseiam no fato de não ocorrer ainda o encontro entre a atualidade e a fotografia”. Certamente, o referido filósofo e sociólogo estava querendo pontuar questões de ordem objetiva e cronológica, já que subjetivamente a fotografia é capaz de resgatar, mesclar e confundir tempos diversos e distantes.

O certo é que nas visitas ao lugar de comércio do feirante Fernandino<sup>34</sup> eu me via por diversas vezes posicionada defronte àquela parede coberta por fotografias, na tentativa de imaginar como teria sido sua vida, que sentimentos teriam lhes acompanhado em alguns momentos retratados, que caminhos ele teria percorrido até chegar à feira ainda na década de 1960 e como era ser feirante desde então. No fundo, e sem ainda ter conseguido fazer a necessária justaposição entre as leituras e a pesquisa empírica, eu já me esforçava para entender o significado das coisas naquele universo e para não ser aquela pessoa que o poeta Charles Baudelaire definiu como sendo “o analfabeto do futuro”, “(...) aquele que não sabe ler fotografias, e não o iletrado.” (*apud* BENJAMIN, 2017, p.70).

---

<sup>34</sup> Infelizmente, o senhor Fernandino Barbosa, não está mais na feira e nem em seu estabelecimento comercial. Ele faleceu repentinamente, vítima de uma úlcera estrangulada, no dia 06 de janeiro do corrente ano. A última vez que o vi foi no dia 24 de dezembro do ano anterior, 13 dias antes do seu falecimento. Era véspera de natal e eu fui presentear-lo com algumas das fotografias que fiz dele. Fotografias essas que, segundo ele, iriam para a parede de sua banca. Retribuindo a gentileza, ele me presenteou com um “tamborete” de madeira, dizendo que iria ser útil em minha casa, me ajudando a alcançar coisas altas. O tamborete seguirá comigo, assim como as muitas, boas e belas lembranças que guardo dele. Essas últimas, os maiores e melhores presentes que ele poderia me ofertar.

Abaixo, parte da parede do estabelecimento comercial do senhor Fernandino com algumas das imagens que tanto me chamavam atenção e que ele tanto prezava:

Figura 55 - Parede de memórias do feirante Fernandino



Fonte: Acervo próprio, 23 de agosto de 2022

E de mais uma revelando as fotografias que estão posicionadas na parede defronte à anterior:

Figura 56 - Coisas e fotografias na banca do feirante Fernandino





Fonte: Acervo próprio, 23 de agosto de 2022

Assim como as fotografias, as demais coisas expostas, produzidas e também o seu lugar de comércio, estão repletos de valores e significados que foram sendo atribuídos pelo senhor Fernandino, que o ajudavam a fazer daquele lugar um lugar também de conforto e acolhida, onde ele conseguia suprir desde algumas necessidades subjetivas às necessidades de ordem prática e rotineira, como por exemplo preparar e consumir refeições, dormir e descansar numa rede colocada na parte interna e oculta do seu estabelecimento comercial.

Por trás dessas práticas de manutenção e reprodução do comércio e dele próprio estava o seu desejo de permanecer o maior tempo possível próximo às suas coisas, lembranças e ao lugar que favoreceu o seu sustento. O que me leva a compreender e reiterar aquilo que o filósofo Henri Lefebvre (1980) defendia ao afirmar que “o homem e as coisas acumulam-se, misturam-se sem se encontrarem” (*apud* PAIS, 1998, p.133), no sentido de que homens e coisas possuem naturezas distintas.

Essa acumulação e mistura entre pessoas e coisas estão evidenciadas no empilhamento de produtos nas bancas, na movimentação dos feirantes, no vai e vem da freguesia e na dificuldade que é caminhar pelas ruas da feira ou por entre as bancas num dia de maior movimentação. Onde as pessoas ou esbarram umas nas outras ou precisam estar parando o tempo inteiro para ceder passagem a outro pedestre, carrinho de carga plataforma ou carrinho

de mão guiado pelos “carroceiros” da feira, como os que são apresentados por meio das imagens a seguir:

Figura 57 - Carrinho de carga na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Figura 58 - Carrinho de mão na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Quando passei a conhecer melhor os feirantes, esse entrelaçamento entre as pessoas e as coisas tornou-se ainda mais evidente pela junção que eles convencionalmente estabelecem entre os seus nomes próprios e os nomes dos produtos que eles comercializam, que de tão próximos chegam a parecer sobrenomes. Isso porque tais cognomes passam a adquirir a função de diferenciar feirantes com os mesmos nomes próprios e indicar suas origens, atreladas ao produto que é por eles comercializado. “Zefa do feijão”, “João do café”, “Biu da gelada”, “Josefa das verduras”, “Renata do queijo” e “Socorro da tapioca” são alguns dos muitos exemplos dessa íntima e dependente união entre as pessoas e as coisas.

Tais exemplos apontam para o fato de as coisas contribuírem de forma decisiva e incontestável no processo de formação identitária e de reconhecimento dos feirantes, que passam a ser identificados e, ao mesmo tempo, se autoidentificarem a partir do que eles fazem e do que comercializam. De tal maneira que deixam de ser reconhecidos unicamente por seus nomes e passam a depender das coisas para serem distinguidos de outrem.

Do mesmo modo ocorre com as coisas, que passam a evocar e fazer menção às pessoas, na medida em que adquirem a utilidade de rememorar-las. Essa ideia encontrou respaldo empírico em uma das conversas que tive com Deca e à sua afirmação de que alguns dos seus clientes e amigos “não podem ouvir falar em vaca...” que lembram logo dele, que comercializa carne e pertences bovinos. Ele mesmo complementou que um de seus amigos teria lhe revelado que o fato de ter sonhado com o feirante serviu de incentivo para jogar na vaca ou no touro, fazendo menção ao jogo de apostas em números que representam animais, ainda bastante comum não apenas na região Nordeste do país, sobretudo entre as gerações mais antigas.

Os exemplos mencionados acima terminam conduzindo essas análises na direção de uma crítica momentânea e restrita a ideia defendida por Georg Simmel (1896 *apud* SOUZA, OELZE, 2014) de que o dinheiro tende a conferir uma separação e uma autonomia do sujeito em relação ao objeto, as quais favorecem a realização do pleno e completo desenvolvimento de ambos. Sim, não há como negar que em muito as coisas se tornam naturalizadas pelos feirantes, desprovidas de qualquer significado além da possibilidade de garantirem o lucro e a manutenção objetiva de suas sobrevivências. No entanto, os exemplos apresentados acima são reveladores do quanto que eles e as coisas estão interligados de uma maneira tal que não há como pensá-los, assim como às suas práticas comerciais e estéticas, de maneira independente delas. Afinal, são essas coisas que mobilizam seus ciclos semanais, seus dias e tornam possível o seu trabalho.

Isso tudo sem mencionar o fato de que não estou falando apenas das coisas destinadas ao comércio e transformadas em dinheiro, mas também da própria banca e das coisas biográficas, que se constituem como fonte de apego para eles e que, de alguma maneira, foram parcialmente percebidas pelo sociólogo acima, que chegou a considerar o fato de que “(...) os objetos têm aspectos que não podem ser expressos em dinheiro” (p. 30-31). Tais aspectos e tais coisas, como as apresentadas até aqui, extrapolam a perspectiva monetária e impõem a necessidade de considerar a capacidade que têm de revelar partes significativas da existência dos feirantes, ajudando a contar suas histórias e parte do que são.

### 3.3 Coisas, saberes e a arte cotidiana

Criar e dar vida ao cenário, montar e decorar as bancas, expor e valorizar as coisas, são práticas que exigem repetições, esforços e demandam tempo, estando presentes em vários momentos do dia a dia dos feirantes. Como parte integrante e imprescindível do seu trabalho, elas terminam atribuindo sentido às suas rotinas e ao seu “*savoir faire*”, que como apresentado até o momento, varia de feirante para feirante e, por isso mesmo, se constitui como um dos meios através dos quais é possível conhecê-los tanto de maneira geral quanto individual.

Essas práticas são definidas aqui como “práticas estéticas”, tal como foram concebidas por Jacques Rancière (2009, p.17), isto é:

(...) como formas de visibilidade das práticas da arte, do lugar que ocupam, do que ‘fazem’ no que diz respeito ao comum. As práticas artísticas são ‘maneiras de fazer’ que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade.

Sendo assim, elas se constituem como expressões do gosto, das preferências e das maneiras particulares de trabalhar, criar e valorizar o belo, devendo serem consideradas construções artísticas, arte mais especificamente. E ainda que não haja um discurso corrente sobre essa arte<sup>35</sup>, ela é cotidianamente elaborada a partir de utensílios que já fazem parte do

---

<sup>35</sup> Arte: *sf* (*lat arte*) Conjunto de regras para dizer ou fazer com acerto alguma coisa. Execução prática de uma ideia. Saber ou perícia em empregar os meios para conseguir um resultado. *Filos*: Complexo de regras e processos para a produção de um efeito estético determinado. Habilidade. Artíficio. Maneira, modo, jeito. (Fonte: MICHAELIS, Moderno Dicionário da Língua Portuguesa)

cotidiano e da ambiência da feira ou que são de fácil e rápido acesso, a exemplo dos ganchos que servem para pendurar e expor desde roupas e peças íntimas a carnes, verduras e vasos para plantas, como é possível verificar por meio das imagens que seguem:

Figura 59- Carnes expostas na Feira Central



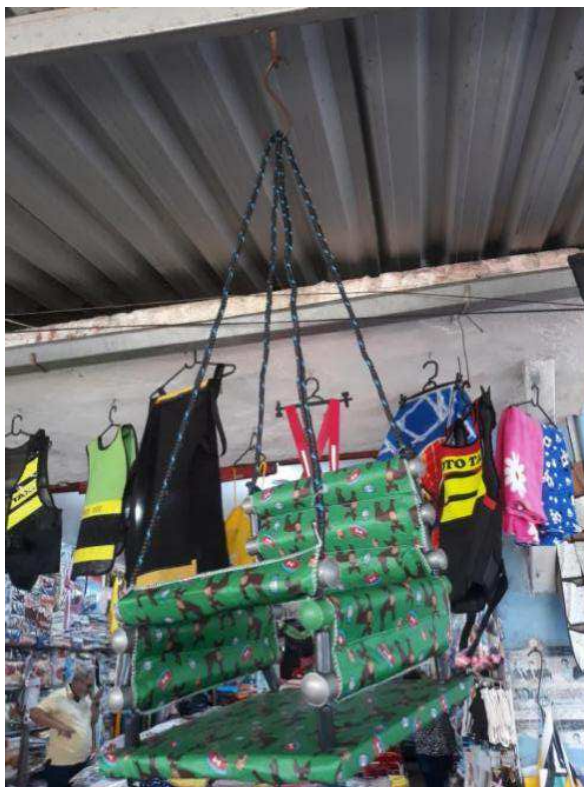
Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Figura 60 - Vasos expostos na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Figura 61 - Balanço exposto na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Figura 62 - Peças íntimas expostas na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Muitas vezes, a arte está justamente em reutilizar, transformar e improvisar a partir do que se tem, atribuindo multi funcionalidade às coisas e fazendo com que nada se perca antes que o tempo deixe impressa sua marca. Um dos principais exemplos dessa transformação é o reuso do caixote de plástico ou de palete, que serve prioritariamente como caixa transportadora de produtos, sobretudo frutas e verduras, mas que é utilizado também como expositores de mercadorias, que podem variar de tamanho e altura, a depender da quantidade deles que deseje empilhar, como é possível verificar nas imagens abaixo:

Figura 63 - Caixotes de plástico empilhados na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Figura 64 - Caixotes e balaios na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Figura 65 - Caixotes de plástico e de madeira na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022



A multifuncionalidade desse objeto fez com que ele fosse considerado pelos pesquisadores do Laboratório de Rua (LabRua)<sup>36</sup> um dos tipos de banca comumente utilizados na feira, tal como se apresenta na imagem abaixo:

Figura 66 - Modelo de banca na Feira Central



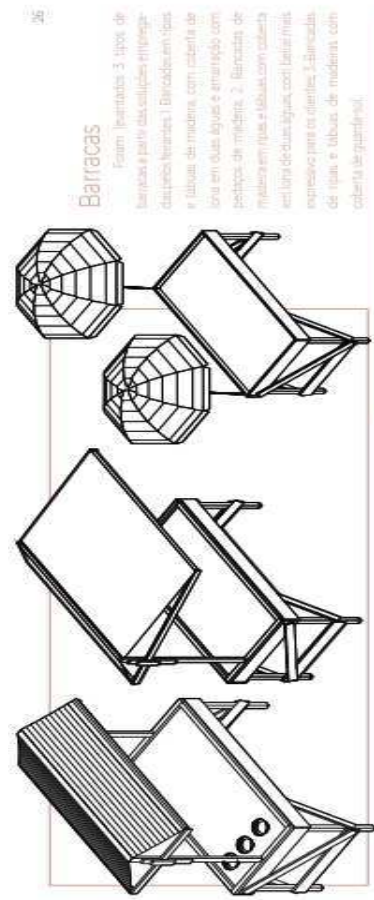
Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

E mais uma imagem, dessa vez apresentando não apenas os caixotes mas toda a variedade de bancas verificadas pela referida associação:

---

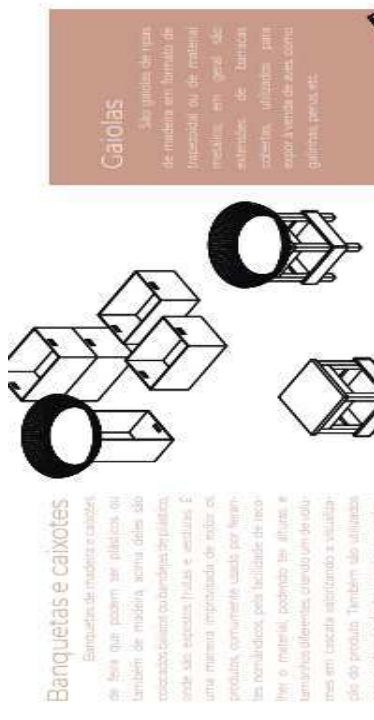
<sup>36</sup> Associação civil sem fins lucrativos já mencionada e descrita no primeiro capítulo dessa tese.

Figura 67 - Tipos de banca encontrados na Feira Central



**Barracas**

Existem levantados 3 tipos de barracas para as estandes em feiras e eventos. 1. Barraca em tábua e tábuas de madeira, com cobertura de lona em duas águas e amarrado com pedras de moinho. 2. Barracas de madeira em tábua e tábuas com cobertura em lona de duas águas, com lona fixa no respingo para os clientes. 3. Barraca de tábua e tábuas de madeira, com cobertura de gáster-vil.



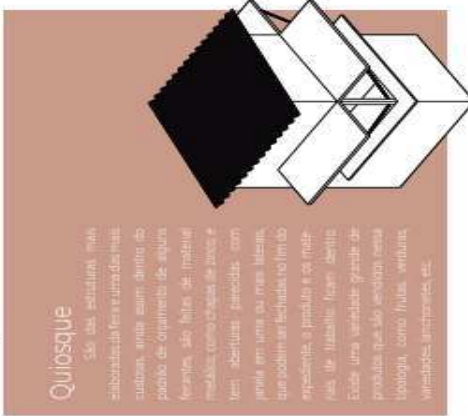
**Banquetas e caixotes**

Banquetas de madeira e caixotes de fibra que podem ser plásticos ou também de madeira, acima deles são colocados biscoitos ou bandejas de produtos, onde são expostos frutas e verduras. É uma maneira improvisada de montar os produtos, normalmente usado por feirantes não iniciados, pois facilitam de colocar o material, podendo ser fixados e torná-los diferentes, criando um diferencial de produto. Também são utilizados como estocagem dos materiais para a feira.



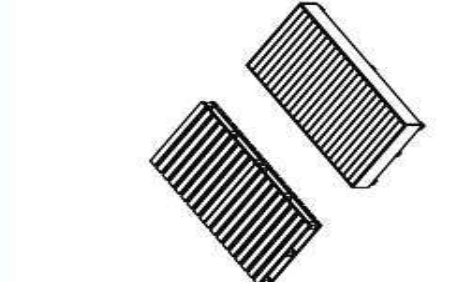
**Gaiolas**

São gaiolas de metal de madeira em formato de jaula, geralmente feitas de material metálico, em geral são utilizadas para barracas cobertas, utilizadas para expor a venda de aves como galinhas, perus, etc.



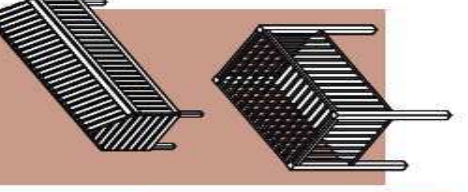
**Quiosque**

São as estruturas mais elaboradas de feiras e eventos, mais modernas, onde estão dentro do padrão de ornamentos de alguns feirantes, são feitas de madeira, metal, como grades de zinc e ferro, aberturas, geralmente com painéis em uma ou mais laterais, que permitem a fechadura no fim do expediente, a produção de produtos, de variedade, fazer bebidas, tudo uma variedade grande de produtos que são vendidos nessa tipologia, como frutas, verduras, verduras, hortaliças, etc.



**Pallets**

Faixas de madeira, podem ser com acabamento lateral ou não, existem diversos tipos de produtos, desde uma estrutura, frutas, verduras, etc. Fácil de montar para quando em abertos no fim de feira, deixar de apenas abertos, muitas vezes pode ser combinado com outros produtos, sempre de cobertura, tanto os produtos para proteger o produto das intempéries.



**Bancas sem cobertura**

Como diversos tipos de bancas sem cobertura, existem as tábua, mesa, estufa. 1. Banca com caixotes em madeira e plástica em pallets. 2. Banca de madeira com superfície anti-ferrugem para melhor armazenamento de produtos. 3. Banca de metal, de estufa.

Como é possível observar na imagem acima, as bancas da feira são de diversas formas e modelos, podendo variar também de acordo com o material utilizado para produzi-las, embora exista uma visível predominância das bancas feitas de madeira. É importante ressaltar que ao utilizar o termo banca estou fazendo referência ao ponto de venda e exposição de mercadorias que pode ser tanto o quiosque feito de material metálico como chapas de zinco, quanto as banquetas e caixotes com ou sem cobertura<sup>37</sup>. Para facilitar a descrição, a palavra banca substitui qualquer um dos modelos apresentados acima e compreende, uma estrutura fixa ou improvisada que serve como ponto de divulgação, exposição e venda de mercadorias.

É necessário esclarecer que muitos feirantes possuem o direito assegurado de realizar comércio em pontos fixos da feira, que foram previamente estabelecidos e acordados com a prefeitura. O que não implica necessariamente na existência de uma banca propriamente dita, mas de um lugar mensurado onde o feirante pode estirar sua lona ou folhas de bananeiras no chão, arrumar sua mercadoria e estabelecer comércio, tal como se apresenta na imagem abaixo:

Figura 68 - Ponto de comércio na Feira Central



---

<sup>37</sup> Importante esclarecer que os supermercados, cerealistas e demais pontos de venda construídos em alvenaria aparecem aqui como pontos comerciais, como foi o caso da descrição acerca do lugar de comércio do senhor Fernandino, nesse mesmo capítulo.

Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Boa parte das bancas são produzidas e compostas a partir de coisas que tenderiam a serem descartadas ou que são de fácil acesso, como caixas de papelão, bacias e cestos desgastados pelo tempo de uso, tal como se revela nas imagens que seguem:

Figura 69 - Cesto com verduras na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Figura 70 - Sequência de cestos na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Desse modo, constantemente se vê a transformação de uma coisa em “outra coisa”, o que demonstra a prática da reciclagem e a arte de atribuir funções às coisas mais simples do cotidiano, que aos olhos do feirante são passíveis de atuarem nas bancas e nos diversos cenários da feira.

Os caixotes transformados em expositores, os jornais utilizados como cobertores e protetores de bananas ou peças de vidro, as bacias de plástico que, sejam grandes ou pequenas servem para expor mercadorias e os potes plásticos de margarina e de tinta transformados em vasos para flores se constituem como bons exemplo dessas práticas e dessas transformações criativas, como é possível observar na imagem a seguir:

Figura 71 - Baldes com flores na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Tais transformações se dão não apenas entre as coisas que compõem e que são comercializadas nas bancas, sendo também muito comuns naquelas que são usadas pelos feirantes em seu próprio e direto benefício, como foi o caso da sacola plástica transformada em capa protetora para o corpo, tal como é possível verificar por meio da foto a seguir:

Figura 72 - Carroceiro e carrinho de mão num dia chuvoso na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 24 de março de 2022

E também da sacola utilizada como proteção para os pés dos feirantes em dias chuvosos na feira, tal como se apresenta a seguir:

Figura 73 - Feirante em dia chuvoso na Feira Central



Fonte: Acervo próprio, 24 de março de 2022

A utilização de coisas e recursos pouco sofisticados são capazes de demonstrar as maneiras pelas quais a arte na feira é produzida numa junção quase que aleatória entre a funcionalidade atribuída às coisas e a preocupação com o senso estético. Esse último, não depende de uma teorização sobre arte ou sobre práticas artísticas, sendo vivenciado de uma maneira que o faz parecer automático, inerente ao cotidiano e ao trabalho do feirante.

Ainda assim, é preciso considerar que nada está colocado, ajustado, aproveitado por acaso, há sempre o olhar do feirante e o seu gosto em cada coisa que se coloca à exposição. Do mesmo modo que há persistentemente a preocupação com o gosto da freguesia e o desejo de atraí-la e agradá-la. Essa arte e essa não casualidade reveladas nas práticas, nas bancas e nas feiras livres foram percebidas e analisadas por Leny Sato (2012), que ao apoderar-se de algumas reflexões de Alfredo Bosi (2004) sobre a arte escreveu que:

Nas bancas, o belo é feito de pequenos detalhes alcançados com o trabalho estritamente manual e com recursos caseiros. Nada é por acaso, nada é disposto sem que o gosto interfira. E se está impressa a marca individual que faz a arte do artífice (BOSI, 2004), ela se comunica com o gosto dos outros (...) (SATO, p.100-101)

Diferentemente do que parece obra do acaso, a estética singular da feira e a arte do artífice devem ser vistas como expressões do trabalho do feirante, bem como da sua criatividade, inventividade e improvisação. Características essas que podem ser desenvolvidas e aprimoradas livremente pela feira, que aceita e acolhe toda a sua engenhosidade, gosto e o gosto da freguesia. E não há problema algum no fato dessa arte não ser percebida e apreciada por tantos, que direcionam o olhar e o julgo para as ausências, os descasos e a aparente “bagunça” ocasionada pelo amontoamento e pela junção de coisas as mais diversas.

Do mesmo modo que não se constitui como problema o fato de o feirante também demonstrar insatisfações em relação a alguns aspectos relacionados à estética do lugar e ao seu feito diário, que demandam esforços físicos, mentais e requerem repetições. Como tão bem percebeu Walter Benjamin (2017, p.39): “Uma das mais importantes tarefas da arte foi desde sempre a de gerar uma procura cuja total satisfação ainda se não realizou”. Talvez seja também por isso que mesmo os feirantes mais experientes no ofício continuam buscando na feira e no seu fazer, como expressões de arte que são, aprimoramento e contentamento.

Importante perceber que embora o cuidado com as coisas sejam permanentes, existem dias e horários nos quais ele se faz proeminente, a exemplo do início e do término de uma jornada de trabalho, momentos nos quais ele se revela em atividades como exposição e



armazenamento, respectivamente. Da mesma maneira que ele passa a ser mais evidenciado aos sábados, dia de maior movimentação da freguesia, do quantitativo de vendas e que marca o término de um ciclo semanal.

Nesse dia o feirante, além de toda preparação e dedicação no sentido de torná-lo o mais rentável possível, se dedica a avaliar o que sobrou da semana, o que ainda será aproveitado, descartado ou armazenado. Tanto é assim que a feirante Andréa, ao apresentar momentos e atividades comuns à sua rotina, revelou que de segunda à sexta as frutas e verduras que são comercializadas em sua banca ficam armazenadas de um dia para o outro em caixas de papelão, ali mesmo em sua banca. Já ao término da feira do sábado, toda a sobra da semana é retirada dessas caixas e guardadas em caixotes, ou porque serão levadas de volta para casa ou porque devem estar mais protegidas até o recomeço de mais um ciclo, às segundas feiras. É evidente que essa sequência de atividades e o cuidado depositado nas coisas é sempre variável, a depender do feirante e do tipo de produto que ele comercializa.

Variável também é a preocupação com a apresentação das mercadorias ao longo de um dia de feira, sendo mais evidente no início da jornada de trabalho e mais esporádica com o avançar das horas e a diminuição do movimento da freguesia. O que se passa também em relação aos preços de alguns produtos, sobretudo os perecíveis, que tendem a seguir uma ordem decrescente à medida que se aproxima o término da feira. Quando isso ocorre é porque o feirante já “pesou na balança” os prós e os contras e percebeu que é melhor diminuir o preço do produto e sua margem de lucro a ter que voltar para casa com ele, quando isso for possível.

O certo é que nos momentos finais da feira têm-se a impressão de que a animação dos feirantes e o cuidado com as coisas vão paulatinamente cedendo lugar ao cansaço. Do mesmo modo que a preocupação com a boa e bela aparência das coisas parece se diluir ou se misturar ao desejo de delas se ver livre. Ainda assim, continuam a existir demonstrações de zelo com àquelas coisas que dificilmente se manteriam apropriadas para o consumo sem os devidos cuidados dos feirantes, a exemplo da água que é costumeiramente despejada ou borrifada nas hortaliças, tal como se apresenta na imagem abaixo:

Figura 74 - Feirante regando hortaliças



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Importante destacar uma vez mais que os significados e as funções atribuídas às coisas são sempre criações dos feirantes, que as utiliza, conhece e estabelece com elas maleáveis tipos de relações, que podem ser pautadas pelo cuidado e pelo lucro, mas também pelo apego e sentimento de posse ou domínio sobre elas. Foi o que deixou claro o feirante Deca ao afirmar com orgulho que “aqui só quem bota a mão no boi sou eu”, por não confiar nem permitir que outra pessoa possa ser capaz de conhecer e trincar as partes do animal tão bem quanto ele. A junção entre saberes, técnicas e conhecimentos fazem dele não apenas um especialista, mas também um artista, alguém que conseguiu desenvolver habilidades para realizar com perícia o seu ofício.

Nesse processo de aquisição de saberes e de criação artística, há que se considerar a contribuição da freguesia, que de várias maneiras influencia e inspira o feirante, seja intervindo no ritmo de sua produção e do seu trabalho, seja sugestionando o que deve ser comercializado. Isso se dá tanto através de uma lógica geral de mercado e da conhecida “lei

da oferta e da procura”<sup>38</sup>, quanto por meio das interações recíprocas estabelecidas entre feirantes e fregueses.

Sobre essa última influência é de fundamental importância considerar que há naquele modelo de comércio abertura e espaço para a clientela emitir opiniões sobre tamanhos, formas e texturas dos produtos, relatar queixas, trocar experiências, receitas e indicar predileções que terminam norteando as compras dos feirantes, suas preferências e gostos. Tal interferência se torna ainda mais evidente quando as relações entre feirantes e fregueses são duradouras, contam com certa estreiteza e reafirmam atitudes de fidelidade, que dão liberdade para a clientela sugerir ou mesmo encomendar determinados produtos.

Por esse ponto de vista, a influência da freguesia termina fazendo com que muitos feirantes busquem conhecimento e aperfeiçoamento artístico. Foi o que aconteceu com a feirante Andréa, que está sempre repondo produtos nas caixas expositoras de sua banca, formando pirâmides com as frutas, destacando a beleza das leguminosas e apresentando à clientela as variações dos produtos que ela comercializa. E isso só é possível porque ela foi adquirindo habilidade e acumulando conhecimentos que a capacitaram para rapidamente diferenciar, por exemplo, a uva do tipo jubileu argentina da uva Itália ou da vitória, que segundo ela é muito mais procurada pelo fato de não possuir sementes.

Em nossas conversas, causava surpresa o fato dela se referir às frutas e verduras sempre apontando suas variações, tanto de nomes quanto de qualidades, a exemplo do “abacaxi pérola”, da “maça fuji”, da “pera portuguesa” e do “melão galia”. E ela mesma se encarregava de explicar os benefícios que o consumo de cada fruto, verdura ou leguminosa tenderiam a causar à saúde humana, bem como o porquê de alguns deles serem bem mais caros que outros, a exemplo da pitaita, que quando disponível é o fruto mais caro em sua banca.

Andréa, além de apresentar à clientela os benefícios científicos atrelados aos produtos, constrói sua freguesia ressaltando também as qualidades visuais de suas mercadorias e usando a estética como promessa de sabor (“olha como esse tá lindo!”). Nesse sentido, a beleza externa das coisas se constitui como uma das propriedades positivas das verduras e dos frutos destacados em sua banca, seja em bacias plásticas, cestos, ganchos superiores ou caixotes empilhados de modo a formarem expositores. Isso aparece aqui como testemunho do seu

---

<sup>38</sup> A Lei da Oferta e Demanda – também chamada de Lei da Oferta e Procura – é uma lei da economia clássica, criada por Adam Smith. Essa lei busca explicar como funciona um mercado: o que determina o preço e a quantidade de um produto no mercado. Disponível em: <https://www.politize.com.br/lei-da-oferta-e-demanda/>, acesso realizado em 09 de setembro de 2022.

trabalho e dos conhecimentos teóricos e empíricos que ela foi acumulando durante os anos de comércio na feira, bem como criações artísticas que são ofertadas e colocadas à disposição e apreciação da freguesia.

O exemplo de Andréa revela algumas das maneiras pelas quais ela se relaciona com as coisas e como ela as utiliza para produzir arte e favorecer a estética tanto de sua banca quanto da feira. Mas outros feirantes atribuem outras funções e utilidades às coisas, a depender dos seus objetivos e das suas habilidades, como é o caso do feirante conhecido como Sarney, apelido esse que segundo ele “foi colocado pelos amigos, na época da carístia” (tal como apresentado no capítulo 2 dessa tese) e que é constantemente validado e apropriado por ele.

De tal modo que ele utiliza sua banca como lugar de exposição e reafirmação da identidade que lhe foi atribuída, que se assemelhada ao político conhecido nacionalmente e que ele aceita de bom grado. Tal apropriação se revela sobretudo por meio de uma mala antiga que não apenas faz menção ao seu dono, mas que passou a comunicar sua história e a história contada por seus amigos, tal como se apresenta a seguir:

Figura 75 - Mala exposta na banca do feirante "Sarney"



Fonte: Acervo próprio, 14 de maio de 2022

Essa mala, bem como a mensagem que ela emite, ajuda a compor o cenário da banca do feirante Sarney e agrega novos elementos à estética da feira, que é formada não apenas por coisas que podem ser comercializadas, mas também por objetos biográficos que, assim como as fotografias analisadas anteriormente, remontam o passado do feirante e dão acesso fácil às suas memórias, tal como irei apresentar no próximo capítulo. No caso específico da mala, foi atribuída a ela também a função de promover o divertimento da clientela e demais frequentadores da feira, sendo por isso mesmo uma expressão artística e uma arte atribuída ao feirante, entendida nesse caso específico como a habilidade para entreter e divertir.

E assim como a arte se revela e se expressa de várias maneiras, a estética da feira também deve ser pensada para além das belezas, dos gostos, sabores e aromas tidos como agradáveis ou desejáveis. Sendo diversa, ela deve ser vista como uma composição de elementos díspares, capaz de aguçar os vários sentidos humanos e, ao mesmo tempo, agregar aquilo que tende a ser considerado bom ou ruim, belo ou feio, limpo ou sujo, gostoso ou insípido, cheiroso ou fedido.

Sobre esses dois últimos elementos opostos é importante pensar acerca dos odores e do quanto eles estão impregnados em coisas e lugares da feira, de modo que terminam funcionando também como demarcadores de ambientes e de setores, muito embora o odor seja, tal como definiu David Le Breton (2020, p.7), “(...) sem local preciso, volátil, atmosfera que se espalha por uma zona simultaneamente localizada e indeterminada (...)”.

E esse mesmo autor se encarrega de explicar o modo como os odores se vinculam e se impregnam aos objetos, revelando-os de uma maneira diferenciada daquelas percebidas por outros sentidos que não o olfato. Isso porque, segundo ele:

(...) o odor é difuso no espaço, ele impregna os objetos, os revela, mas não está preso às coisas como o gosto, ou à superfície delas como a cor, ele é um envoltório sutil, flutuando no espaço, penetrando no indivíduo sem que ele possa se defender (idem).

Essa suposta imposição dos odores e o despertar de outros sentidos se tornam bastante perceptíveis por algum caminhante que deseje ir ao mercado central adentrando a feira pela rua Manoel Farias Leite, conhecida pela rua da “feira de flores”. Durante esse percurso de aproximadamente 100 metros, o caminhante terá que necessariamente atravessar a feira de flores, de artesanato, de fumo e de peixes, até que consiga alcançar o seu destino final. A imagem abaixo revela a paisagem no início da caminhada:

Figura 76 - Entrada da "feira de flores"



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

E mais uma imagem, agora com a subsequente feira de artesanato:

Figura 77 - Feira de artesanato



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Ao término da feira de artesanato, quase que misturada à ela, encontram-se duas das últimas bancas que tradicionalmente comercializam o tabaco em sua forma natural, a do feirante Ednaldo Juvino e seu irmão Afonso e a do tio deles João Farias, sendo uma vizinha da outra. Depois delas, têm-se uma sequência de bancas comercializando o fumo industrializado, como é o caso da banca da feirante Giselda, localizada no cruzamento entre a rua Antônio Sá e a rua da feira de flores, de onde já é possível visualizar a feira de peixes, tal como revela a imagem a seguir:

Figura 78 - Banca de fumo industrializado



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Abaixo, uma imagem a partir da primeira banca da feira de peixes, de onde é possível perceber toda a sua extensão:

Figura 79 - Banca na feira de peixes





Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

As imagens acima podem ajudar a supor a quantidade de sentidos que tendem a ser aguçados no caminhante, bem como a variação de odores aos quais ele estará sujeito. À medida que ele caminhar e adentrar ainda mais na feira, o perfume e a beleza das flores do campo, das rosas e dos girassóis irão sutilmente se misturar aos odores característicos daquele grande e polissêmico espaço público, fazendo parecer que ali no meio do caminho, entre a feira de artesanato e de fumo, existem lugares inodoros. Ilusão essa que bruscamente irá se esvair com a passagem pela banca do feirante Ednaldo, onde o odor forte do tabaco natural parece insuportável num primeiro momento. Depois da passagem por essa banca e da chegada à feira de peixes predominará o desagradável e inconfundível odor dos peixes e crustáceos, misturado ao cenário composto pelo chão molhado pela salmoura e salpicado de escamas.

A essa altura, o suposto caminhante já será capaz de enfrentar com relativa tranquilidade os odores impregnados às carnes e vísceras bovinas, que já começam a se misturar aos peixes e crustáceos, dando os primeiros sinais de que o mercado central estará próximo, a poucas passadas dali de onde o mal odor se fará sobressalente. Abaixo uma

imagem da última banca da feira de peixes, de onde se vê a exposição simultânea das carnes brancas do bacalhau salgado e dos pedaços gordurosos da carne de sol bovina:

Figura 80 - Variedade encontrada na feira de peixes



Fonte: Acervo próprio, 16 de setembro de 2022

Por mais que o suposto caminhante conseguisse detectar a origem de alguns odores, como do peixe por exemplo, que está impregnado de tal modo ao animal que mesmo alguém com pouca sensibilidade olfativa seria capaz de reconhecê-lo à distância, ele não conseguiria dar conta de identificar a fonte de todos os odores, seja pela sutileza, intensidade ou variedade deles. Como afirma David Le Breton (2020, p.7), a tentativa de identificá-la implicaria “(...) girar em torno de si, procurá-la sem ter certeza”, já que o odor “(...) transborda de sua origem. Invade quem o sente, para o melhor ou para o pior.”

Essa dúvida chegaria a confrontar-se com a certeza de que o odor desses lugares não apenas reforça a maleável e imprecisa divisão setorial da feira, como também ajuda a determinar a “atmosfera afetiva” de tais lugares, pois tal como segue afirmando David Le Breton (2020, p.8), o odor “(...) encarna uma moralidade aérea, potente em seus efeitos,

mesmo se está sempre misturado à imaginação (...)”. Nessa “atmosfera afetiva” (que também poderia ser substituída por estética) estão presentes os odores, os lugares, as coisas, as pessoas e os significados por elas atribuídos, já que esse mesmo autor ensina que: “Nunca é o odor que cheira, mas o significado que é nele investido.” (idem)

A seguir, o quarto e último capítulo dessa tese, onde o leitor poderá perceber que muitas das coisas apresentadas até aqui, além de ajudarem a criar a estética singular da Feira Central, estão impregnadas de lembranças e de memória, tanto dos feirantes quanto daquele espaço mercantil.

## CAPÍTULO IV: A MEMÓRIA

---



Fonte: Acervo próprio

## **CAPÍTULO IV: A MEMÓRIA**

### **4.1 Memória incorporada e performance**

Como tenho apresentado até aqui, o dia a dia dos feirantes é vivenciado de maneira a intercalar ou mesmo entrelaçar atividades que visam um bom desempenho do comércio e que tornam suas rotinas de trabalho mais agradáveis, desde que partilhadas com amigos, conhecidos e fregueses. Pensar acerca dessa combinação exigiu o esforço de discutir as categorias trabalho e sociabilidades considerando a maleabilidade com que são praticadas, entendendo que nem sempre é possível precisar em quais momentos uma se sobrepõe à outra. Do mesmo modo, tornou-se inviável pensar a prática comercial do feirante, suas relações com os fregueses e a significação das coisas em suas vidas somente pela perspectiva da economia monetária. É comércio e busca pelo lucro sim, mas é também cuidado e vínculo afetivo.

A escolha por apresentar as práticas, coisas e categorias de maneira relacional e interdependente se deu em virtude, sobretudo, da tentativa de trazer à tona uma reflexão acerca da plasticidade que se impõe sobre o universo da feira e a notável maleabilidade dos feirantes em vários sentidos e esferas. Essa maleabilidade tornou-se evidente ao observar a realização das atividades próprias de cada um, assim como as maneiras particulares de lidar com coisas e pessoas, sejam fregueses ou não. Diante de tais constatações, surgiu a necessidade de também intercalar o olhar, horas direcionado às singularidades de alguns feirantes, horas atento aos elementos capazes de me conectar com a totalidade deles.

Foi direcionando o olhar à coletividade e aperfeiçoando a escuta às falas mais recorrentes que algumas outras categorias foram se apresentando, ganhando relevância e aglutinando elementos capazes de revelar o que fazem os feirantes e como vivenciam suas rotinas. Dentre essas categorias, memória e performance passaram a merecer destaque pela capacidade que têm de sintetizarem “o fazer” cotidiano daqueles vendedores, exemplificado por meio das diversas atividades que realizam e que estão direcionadas às bancas (montar, desmontar, decorar, etc.), às coisas (separar, limpar, expor, apresentar, etc.) e às pessoas (atrair, divertir, conversar, brincar, negociar, etc.). Importante destacar que ao realizarem essas atividades eles estão desempenhando um dos seus principais papéis, o de serem feirantes. E ser feirante é sinônimo de trabalho e de uma maneira particular de lidar com a freguesia e com as coisas das quais eles fazem uso, atribuindo-lhes significados os mais

diversos. Ser feirante, segundo eles, é também algo que remete ao passado e às gerações anteriores, sobretudo aos seus pais, com quem eles aprenderam a desempenhar papéis e de quem eles guardam lembranças vivas de ensinamento teórico e prático.

O reconhecimento desse ensinamento e dessa aprendizagem se tornaram evidentes por meio de falas como as do vendedor Ozenildo, que concebe seu desempenho e sua prática cotidiana como frutos de uma dádiva, de um presente que lhe foi concedido quase que de maneira natural pelos seus pais, de quem ele teria herdado as técnicas de manuseio do queijo e de atendimento aos clientes. Desse modo, ele é categórico ao afirmar que “ser feirante é um dom que vem dos pais”.

Para dona Elizabeth, o “*savoir fair*” do feirante também é transmitido de pai para filho, muito embora ela não mencione influências biológicas e, ao contrário disso, demonstre que as capacidades de ensinar e aprender foram essenciais nesse processo de transmissão de saberes entre gerações. Processo esse que consistiu na reprodução e imitação de um conjunto de comportamentos que aos poucos foram sendo incorporados às suas rotinas. Dentre tais comportamentos, ela mesma seleciona e exemplifica alguns, como “(...) conversar com a freguesia, ajeitar a mercadoria e o preço”, acrescentando que assim o faz porque antes viu fazer e ouviu sobre como fazer, como é possível constatar na conclusão de uma de suas falas: “meus pais me ensinaram assim e eu faço assim”.

Já o comerciante Deca foi um dos que melhor externou a importância e influência da figura paterna no processo de formação do feirante, sobretudo ao demonstrar que aquele que orienta e ensina deve sempre ocupar o lugar do pai, ainda que esse vínculo se dê por meio de laços afetivos e de merecimento. A descrição abaixo revela não apenas como esse feirante iniciou sua trajetória de comerciante na feira, mas também quem o ensinou, motivou e passou a ocupar o lugar de pai e de mentor em sua vida:

Meu pai também cortou carne mas “Lélo”, lá do Catolé, feirante aqui também, foi quem me ensinou tudo. Ele me deu um fardo de vassoura, fósforo, papel higiênico, bombril, e uma caixa de sabão. E disse: “É seu, vá vender”. Eu guardava o lucro e com duas, três semanas eu mesmo comprei os produtos para vender. Ele era tudo pra mim, meu pai. Eu disse a ele: “Zé você é meu pai”.

As falas acima fazem referência à memória e a capacidade que ela tem, segundo Maurice Halbwachs (2006, p.91) de nos remeter “(...) ao contato direto com antigas impressões”, o que a torna diferente das lembranças, “(...) que, em parte, se baseiam em

testemunhos e deduções”. No entanto, como esse mesmo teórico observou, “(...) a memória só pode existir onde há a lembrança; sem esta é saber abstrato”.

No que se refere às memórias dos feirantes, sobretudo daqueles com idade mais avançada, é importante destacar que elas se apresentaram permeadas por um esforço que parecia demandar do próprio corpo, muitas vezes cansado e marcado pelo tempo de trabalho. Esse mesmo corpo que hoje serve como testemunho do passado e dos ensinamentos recebidos, seja por meio de gestos, brincadeiras e chamados entusiasmados, seja através de falas contidas, pausadas e olhares distantes, como que diante de espelhos por onde eles pareciam acessar o passado e os caminhos percorridos até ali.

Essas variadas formas de comunicação entre passado e presente me fizeram refletir acerca de como a memória está impregnada em cada corpo, em cada gesto, ganhando forma por meio de ações e repetições. Me fizeram constatar que:

As lembranças são sempre reações físicas. A nossa pele é aquilo que não esquece. Os nossos olhos são aquilo que não esquece. O que ouvimos ainda ressoa dentro de nós (...). Não, isso não quer dizer que o corpo lembra, o próprio corpo é a memória. O que tem de ser feito é o desbloqueio da memória corporal. (GROTOWSKI, p.212-213, *apud* SCHCHNER 2013, p.62)

É evidente que tal desbloqueio não se deu com todos os feirantes envolvidos na pesquisa, menos ainda com a mesma intensidade. Alguns simplesmente evitaram narrar, ou porque estavam demasiadamente ocupados ou porque preferiam não socializar as lembranças e preservá-las intimamente. Num caso ou no outro o empreendimento consistiu em tentar perceber a memória para além das comunicações orais, atuando no corpo do feirante e nele sendo atualizada, ganhando forma e força a partir dos gestos que se articulavam com as falas e com os olhares.

Como resultado disso, as memórias se apresentaram e puderam ser observadas no presente, a partir de “esquemas de comportamento” guardados no corpo e reproduzidos automaticamente em suas ações “(...) sobre as coisas”, colocando em evidência aquilo que outrora Ecléa Bosi (2003, p.38) definiu como sendo a “memória-hábito” ou a “memória dos mecanismos motores”.

Dito de outro modo, as memórias se apresentaram exteriormente por meio de ações performatizadas, de performances, entendidas aqui como ações (discursos e práticas) automatizadas que parecem seguir um “*deja vu*” ou mesmo um “comportamento restaurado”, tal como definido por Richard Schechner (2013). Um tipo de comportamento que encontra

seu modelo original no passado, em gerações anteriores que são retomadas ou mesmo imitadas.

Nesse sentido, a noção de performance que aqui se apresenta faz referência a um repertório de ensinamentos e conhecimentos (memórias) que foram “encorporados” (SCHECHNER, 2013), transformados em atitudes corporais que vêm sendo reproduzidas pelos feirantes ao longo dos anos de trabalho na feira, onde desempenham um mesmo papel, o de protagonistas do lugar. Esses conhecimentos ganharam forma e expressão no corpo do feirante de tal modo que se fizeram parecer inerentes ao papel por eles desempenhado, como se não pudessem mais desvincular-se dele. Tanto é assim que o feirante Ozenildo, mencionado um pouco mais acima, considera um dom o fato de ser feirante, “um dom que vem dos pais” e que por isso mesmo pode ser repassado de maneira natural entre gerações.

Desse modo, ao negociar, arrumar, organizar, conversar e, de maneira automática, imitar outros corpos tidos como referência, os feirantes estão performatizando os saberes e conhecimentos que lhes foram repassados, ou melhor, suas memórias. O que faz com que essa tese considere o “fazer” ou as performances dos feirantes o caminho através do qual foi possível acessar a “memória incorporada” em cada um dos participantes dessa pesquisa. Tal escolha encontra respaldo científico em afirmações feitas por Diana Taylor (2013) ao retomar algumas ideias concernentes ao comportamento restaurado definido por Richard Schechner (2013), sobretudo quando ela afirma que:

As performances funcionam como atos de transferência vitais, transmitindo conhecimento social, memória e senso de identidade por meio de comportamentos reiterados- ou ‘duplamente comportados’ (2013, p.09).

Ainda assim, há que considerar o fato de que a transmissão de conhecimentos e de memória que as performances realizam não deve ser vista como único fator determinante das maneiras de agir dos feirantes, que longe de serem meros reprodutores de comportamento, vêm demonstrando ampla disposição para se adequarem às imposições do comércio de rua na atualidade.

Além disso, a maleabilidade e a criatividade com que realizam as atividades comerciais terminam por se constituírem como artifícios capazes de ajustarem os comportamentos tomados por modelo ao contexto atual, com suas novas demandas. E é justamente por isso que cada feirante organiza a banca, as coisas e atende a clientela de uma maneira particular, a partir do que recebeu como ensinamento, do que aprendeu, foi “encorporado” e pode gerar eficácia.



Importante pensar também acerca dos demais usos que os feirantes fazem dos seus corpos, para além da transmissão de conhecimentos por meio da performance. Foi a antropóloga Viviana Vedana que, ao tomar como lócus de investigação algumas feiras de rua de Porto Alegre e depois de Paris, observou que a repetição de atividades como: “(...) oferecer os alimentos, abastecer a banca, realizar as vendas, trocar dinheiro” são atividades que “fazem emergir o corpo do feirante e colocam este corpo em primeiro plano na produção das trocas sociais no mercado” (2017, p.57). Com essa afirmação, ela não está se detendo ao “uso utilitário” do corpo, mas, sim, “colocando em evidência o desdobramento de habilidades e procedimentos que são próprios de cada corpo”, algo que pude verificar por intermédio da informante Andreza, já mencionada ao longo dessa tese.

Mesmo sendo umas das interlocutoras mais jovens dessa pesquisa, Andreza já pôde constatar no próprio corpo tanto o cansaço que decorre das muitas atividades realizadas quanto o fato de que, com o treino e o passar dos anos, essas mesmas atividades passam a ser realizadas quase que de maneira automática, por meio de técnicas corporais (MAUSS, 2003) que tendem a diminuir a quantidade de esforço físico despendido. O que não ocorre com alguém que não seja “treinado” ao longo dos anos, como ela mesma revelou e pode ser observado na afirmação que segue: “Que dá trabalho dá, mas a gente já tá no costume. Alguém que não conhecesse ia sofrer muito, mas já tô acostumada”.

Apesar do costume, é importante ressaltar que o corpo do feirante e, sobretudo de alguns, é repetidamente forçado a desenvolver alguma ou muitas habilidades, independentemente da questão de gênero e do que um homem ou uma mulher estariam aptos a realizar e a suportar. Dessa vez, é a mãe de Andreza, dona Elizabeth, quem melhor revela o quanto a necessidade e a quantidade de atividades fazem com que nem sempre seja possível uma divisão social do trabalho entre ela, Andreza e dois dos seus filhos homens, como se revela a seguir: “Aqui todo mundo faz tudo e não falta serviço”.

De fato, poucas foram as vezes ao longo da pesquisa, seja durante as entrevistas ou conversas informais, que tive a oportunidade de ver dona Elizabeth sentada ou realizando alguma outra forma de descanso para o próprio corpo, embora ela afirme que:

O cansaço se dá pela idade mesmo, não pelo trabalho. E eu trabalho aqui desde os meus cinco anos viu minha filha. No começo não tinha banca, nem balaio eu tinha, trabalhava no chão. Colocava a mercadoria em cima das folhas de bananeira e arrumava, não parava um dia sequer. Num dia eu estava aqui com a barriga enorme, no outro eu estava de resguardo em casa. Minhas duas filhas foi assim.

O relato de dona Elizabeth é revelador do tempo vivido na feira e das mudanças ocorridas em suas bancas. E também do fato de que o “não sentar” ou não parar de trabalhar, ainda que durante os últimos dias de suas gestações, nunca se constituiu como prática esporádica, condicionada aos dias de maior movimento na feira, mas sim uma vivência cotidiana, imposta e refletida no próprio corpo pela necessidade de trabalhar e de garantir, desde muito cedo, o sustento de toda a família.

Sua filha Andreza, diferentemente de sua mãe, consegue perceber que o cansaço não chega somente com a idade, mas sobretudo pela difícil tarefa que é ser vendedora de frutas e verduras, seis dias por semana, incluindo algumas madrugadas. E ela não somente reproduz a mesma rotina de trabalho de sua genitora, mas tem também a consciência de que o “não sentar” lhe causa grande cansaço, como é possível perceber no relato que segue: “A gente trabalha muito aqui na feira, começa de madrugada e vai até quatro, cinco horas da tarde. Cansa muito, sinto muito cansaço! Também ninguém senta né! Mas tem que trabalhar, qualquer trabalho que seja honesto”.

As falas de Andreza e dona Elizabeth revelam olhares sobre o próprio corpo, não apenas como meio através do qual elas reproduzem comportamentos e realizam performances, mas também como instrumento de trabalho indispensável no dia a dia da feira. Esse olhar para si, para o próprio corpo e para o desgaste que nele se realiza depois de anos, dias e jornadas de trabalho se fizeram evidentes por meio das performances gestuais e das performances narrativas mencionadas acima, que indicaram o quanto o dia a dia de trabalho demanda do próprio corpo e gera cansaço.

A seguir, alguns relatos relacionados ao cansaço físico e às percepções dos feirantes acerca do corpo que trabalha, atua, se comunica, transmite conhecimentos e serve como instrumento de trabalho:

- ✓ “Hoje meu corpo tá muído viu!” (Renata)
- ✓ “O corpo hoje tá pesado, tô cansado!” (Deca)
- ✓ “Hoje eu não sentei!” (Elizabeth)

As percepções exemplificadas acima revelam que mesmo aqueles que estão trabalhando na feira há muitos anos e parecem “acostumados” à rotina de trabalho terminam por sentir os desgastes a que os corpos são submetidos. Isso sem mencionar os trabalhos manuais e mecânicos que eles executam, que envolvem uma série de movimentos corporais e

que terminam por penetrar também na vida psicológica. Tanto é assim que o cansaço se faz recorrente em suas narrativas, assim como a necessidade e o desejo do descanso como formas de cuidar do próprio corpo, o que quase sempre implica em não sobrecarregá-lo ainda mais com afazeres que não aqueles voltados ao trabalho de feirante.

Essa assertiva ficou evidente por meio de falas como as do feirante Biu, que quando questionado acerca do lazer, do descanso ou do que fazer quando não está trabalhando na feira foi categórico ao afirmar:

Minha vida é o trabalho, da feira para casa. Cansar a gente cansa demais. Por isso que a pessoa tem que se cuidar, né isso. Eu mesmo nunca fumei, nunca bebi, dormi fora de casa. A pessoa não deve nunca se estragar né mesmo?

Por meio desse relato o feirante Biu demonstrou uma preocupação em não “estragar” o corpo com atividades que extrapolariam a dimensão do trabalho e que ele terminou evitando, ou por falta de vontade ou porque as atividades inerentes ao seu ofício já estariam consumindo boa parte das suas energias e do seu tempo. De um modo ou de outro, sua narrativa coloca o lazer como uma possibilidade não contemplada, o trabalho como a grande e única alternativa possível e o corpo como um instrumento apto a esse trabalho, que deve ser resguardado ou mesmo consumido pelas atividades laborais a que está submetido.

Sendo assim, é possível considerar que algumas práticas comumente vistas como formas de lazer e relaxamento corporal por boa parte das pessoas da sociedade brasileira foram consideradas pelo feirante Biu como maneiras através das quais os corpos, já cansados e sujeitos à longas jornadas de trabalho, se “estragam” ainda mais. Sob esse ponto de vista, o corpo deve ser usado quase que em sua exclusividade para dar conta de atividades ligadas ao ofício de feirante.

Importante esclarecer que as falas e as percepções do senhor Biu não divergem daquelas apontadas por grande parte dos interlocutores dessa pesquisa, mesmo daqueles mais jovens, como é o caso da feirante Andréa. Essa última, quando questionada em relação às atividades que comumente realiza quando não está trabalhando na feira, afirmou que se dedicava aos afazeres domésticos, como arrumar a casa e preparar refeições, tendo como exceção o domingo à noite, momento no qual seus familiares e ela vão à igreja.

De fato, essa parece ser a realidade de boa parte daqueles que encontraram na feira a possibilidade de garantia da própria sobrevivência, assim como de seus familiares. Sobretudo dos filhos, que tendem a desempenhar o mesmo papel que seus pais, menos por uma questão de escolha e mais como uma alternativa que se apresenta como possível, viável e

inquestionável. Tal imposição termina fazendo com que o comércio na feira se constitua como um negócio da família.

Sendo assim, o trabalho e as performances dos feirantes colocam em evidência não apenas o ser individual e as práticas corporais individuais, mas também o contexto social do qual fazem parte e são reprodutores. É nesse sentido que José Machado Pais (1998, p.134) defende que “a sociedade mostra-se como é através das atitudes corporais”. No caso específico da feira enquanto grupo social, ela se revela por meio dos seus atores protagonistas e suas performances corporais, que encenam suas memórias e demonstram empiricamente como é ser feirante.

## **4.2 A memória nas coisas**

Do mesmo modo que a memória pode ser acessada por meio dos corpos dos feirantes, ela também se faz perceber por intermédio das coisas por eles utilizadas, que passam a receber suas marcas e as marcas do seu ofício, já que, assim como revela Ecléa Bosi (2003, p.171), “(...) as mãos que servem e limpam, que fazem e transformam, penetram a natureza das coisas. Têm uma afinidade com o concreto (...)”. Nesse sentido, as coisas desgastadas pelas mãos humanas, com cores desbotadas pelo tempo e pelo uso constante atestam não apenas seus anos de serventia e as transformações a que foram submetidas, mas também o tempo dos feirantes, seu trabalho e suas memórias.

A imagem que segue abaixo revela as mãos enrugadas do senhor Fernandino executando uma das atividades mais rotineiras em seu trabalho artesanal, a produção de furos em cintos de couro e estribeiras<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> Estribeira (estribo+eira): Correia que prende o estribo ao arreio. Estribo: Cada uma das peças curvas, de ferro ou metal, com base horizontal que pendem de cada lado da sela, onde o cavaleiro firma os pés, quando cavalga. (Fonte: MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998).

Figura 81- Mãos do feirante Fernandino, mãos que trabalham



Fonte: Acervo próprio, 24 de dezembro de 2022

A imagem revela também o suporte sob o qual o artesão realiza tal atividade, já marcado por inúmeros furos, arranhaduras, fendas pretas e bege claro, ocasionadas tanto pelas batidas da haste de metal quanto pelo constante atrito com o couro. A mescla de cores e os arranhões produzidos atestam o tempo de uso desse utensílio, do mesmo modo que atestam o trabalho habitual do senhor Fernandino, que aos poucos foi penetrando o suporte, fazendo com que ele adquirisse nuances capazes de revelar também o seu feito e o seu tempo, o tempo dedicado à arte de produzir cintos e estribeiras de couro. Sendo assim, é possível afirmar que, por meio do suporte, cintos e estribeiras e mais uma infinidade de coisas é possível acessar pessoas e memórias.

É o que ocorre também com a única cadeira existente no comércio do feirante Laury, que serve de descanso para fregueses e que, tal como uma fotografia, lhe remete imediatamente à memória do seu falecido pai. Sobretudo porque em seus últimos anos de vida, quando a idade avançada já não permitia mais que ele se debruçasse sobre o trabalho, era na referida cadeira que ele encontrava descanso no comércio que fundou. A seguir uma imagem da mencionada cadeira e objeto de memória:

Figura 82 - Cadeira, objeto de memória do feirante Laury



Fonte: Acervo próprio, 30 de janeiro de 2023

Esse mesmo feirante, ao ser questionado acerca de sua trajetória como comerciante na feira, bem como das transformações ocorridas ao longo dos anos, utilizou-se do cominho<sup>40</sup> para acessar e exteriorizar parte de suas memórias atreladas ao comércio, bem como ilustrar acerca das mudanças que sua família, sua equipe de trabalho e ele conseguiram realizar no empreendimento sobretudo ao longo dos últimos quatro anos. Segundo ele, tais mudanças se deram a partir do momento no qual eles perceberam que alguns dos produtos tidos como mais procurados pela freguesia, como era o que ocorria com o cominho, estavam começando a declinar em termos de venda, o que indicava a necessidade de diversificar os produtos que eram oferecidos aos seus clientes, sobretudo os temperos e ervas.

Na tentativa de elucidar acerca das inovações que ele passou a considerar como necessárias, o feirante apresentou o cominho como um bom representante da memória, na medida em que o ajudava no momento mesmo da narração a reconstituir o passado e as

---

<sup>40</sup> Planta da família das Umbelíferas (*Carum carvi*), cujos frutos são usados como condimento no queijo etc. (Fonte: MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998).

mudanças decorridas desde então. Em suas falas, o referido tempero passou a representar a mudança de percepção e o consequente desenvolvimento do seu empreendimento comercial em relação aos últimos anos, quando o mencionado condimento foi perdendo espaço para outras especiarias e se tornando dispensável ou mesmo substituído, não apenas em seu estabelecimento comercial, mas também em boa parte das receitas típicas da culinária paraibana.

Logo, foi por meio do cominho que o feirante Laury mais facilmente conseguiu acessar suas memórias e estabelecer um comparativo entre o comércio de antes e o da atualidade. Abaixo, uma imagem da especiaria mencionada, tal como ela é armazenada e apresentada aos clientes:

Figura 83 - Cominho e coisas na banca do feirante Laury



Fonte: Acervo próprio, 30 de janeiro de 2023

E mais uma imagem, dessa vez colocando em evidência os dois únicos e antigos recipientes de alumínio utilizados no passado para armazenar e expor a referida especiaria. Esses recipientes continuam desempenhando as funções de armazenar e expor o cominho, sendo que à eles foi acrescida a função de ser memória e garantir fácil acesso ao passado:

Figura 84 - Coisas e memórias na banca do feirante Laury



Fonte: Acervo próprio, 30 de janeiro de 2023

De maneira bastante semelhante se passa também com o feirante José Aires e a geladeira que o acompanha há trinta e cinco anos e que é, portanto, anterior à sua chegada à Feira Central, há trinta e quatro anos atrás. Segundo o senhor José Aires, a referida geladeira veio com sua mudança da cidade de Aracaju para Campina Grande, sendo posteriormente instalada em sua “barraca”, tal como ele comumente se refere ao seu ponto comercial na feira.

A seguir, uma imagem do referido objeto:



Figura 85 - Geladeira e memórias na banca do feirante José Aires



Fonte: Acervo próprio, 30 de janeiro de 2023

Por meio de tal eletrodoméstico, o feirante José Aires facilmente conseguiu acessar e trazer para a pauta de uma das nossas conversas parte de suas memórias relacionadas ao comércio na feira. E ele fez isso apresentando sua geladeira como testemunha e companhia quase que inseparável, falando de ambos como parceiros que estiveram e permanecerão juntos, tal como é possível constatar em uma de suas falas: “E nós estamos juntos até hoje, seguimos por aqui, até quando Deus quiser!”.

É sob essa perspectiva que as coisas impregnadas de memórias, tais como as mencionadas acima, terminam proporcionando “a pacífica impressão de continuidade” (BOSI, 1994, p.441) aos feirantes, como se eles perdurassem por meio delas, das memórias que elas ajudam a guardar, acessar e narrar. Logo, a companhia das coisas fazem com que suas memórias estejam sempre ali, à disposição, fáceis de serem alcançadas. Talvez tenha sido

pensando acerca de questões como essas que Ecléa Bosi (idem) chegou a perguntar: “O que se poderá igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco?”. Fico a refletir.

E mesmo que não tenha uma resposta para tal questão, consigo reconhecer que, para além do caso específico dos feirantes: “Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal” (BOSI, 1994, p.441).

### **4.3 Passado e presente: “o mercado acabou”**

Ao longo desse capítulo tenho tentado pensar de maneira mais aprofundada acerca do olhar do feirante e das direções a que ele se destina. Tal empreitada terminou revelando um olhar voltado aos ensinamentos recebidos de seus pais, o que fez com que a memória, enquanto um conjunto de conhecimentos e vivências pretéritas que ganharam forma nas coisas, nos corpos e nas performances dos feirantes, pudesse se constituir como uma das categorias centrais dessa tese.

Nesse sentido, é a partir da memória e conseqüentemente do passado, que os feirantes retiram o sentimento de continuidade e a sensação de coerência tão essenciais às suas construções identitárias, conseguindo estabelecer uma conexão harmônica entre os modelos que lhes foram apresentados anteriormente e os ensinamentos práticos que eles estão imitando e reproduzindo no presente.

É do passado que se origina grande parte das suas histórias e é nele que eles encontram a razão primeira de terem tornado a feira um porto seguro, no sentido de fazerem emergir dela e das suas rotinas de trabalho os frutos que garantem suas sobrevivências e dos seus familiares. Do mesmo modo, é a partir do passado e das vivências decorridas desde então, que eles foram se constituindo enquanto feirantes, aprendendo técnicas, treinando olhares, ensaiando falas, chamados, organizando coisas. Logo, é possível afirmar, tal como defende Ecléa Bosi (2003, p.16), que: “Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade”.

Conseqüentemente, é desse vínculo com o passado também que os feirantes passam a ver a si próprios e encontram elementos que os capacitam para estabelecer uma comparação qualitativa entre o passado e o presente, tanto em relação às suas próprias vidas quanto em relação ao cenário no qual muitos deles estão inseridos desde algum tempo, no caso a Feira

Central. No que se refere à essa última comparação é importante abrir um parêntese no sentido de ampliar a discussão acerca das mudanças ocorridas no cenário econômico local, o que inclui tanto a feira quanto a cidade de Campina Grande, assim como as influências recíprocas estabelecidas entre elas.

A Feira Central, assim como boa parte das feiras livres existentes na região Nordeste do Brasil, tem sua origem diretamente entrelaçada à origem da cidade de Campina Grande, por volta do ano de 1697, e à criação de gado estabelecida no aldeamento do povo Ariús, “(...)grupo pertencente a nação dos Kariri, que permaneceu na localidade com a finalidade de pastorear o gado dos Oliveira Ledo”<sup>41</sup>, uma das famílias detentoras de fazendas e lavouras de subsistência.

A conseqüente evolução da condição de aldeamento à vilarejo se deu em virtude de sua privilegiada localização geográfica, tanto do ponto de vista regional quanto estadual. Estando situada no Planalto da Borborema, uma região serrana de aproximadamente 400 Km que abrange os Estados de Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba e, mais especificamente no agreste paraibano, entre o litoral e o sertão, Campina Grande sempre foi beneficiada pelo fato de se constituir como lugar de passagem e encontro entre pessoas.

Entre essas últimas merecem destaque os boiadeiros e tropeiros, considerados os principais responsáveis pela feira de gado e de cereais que aos poucos foi se estabelecendo e pela formação da cidade-mercado que aos poucos foi se desenvolvendo e influenciando o comércio regional, chegando a se constituir como uma “(...) importante praça de escambo da região (SILVA *apud* DINIZ, 2011, p.23).

Além do favorecimento em decorrência de sua localização geográfica, a construção e utilização da estrada de ferro em 1907 fez com que Campina Grande ganhasse novo impulso comercial e conseguisse ampliar suas atividades comerciais para todo o interior nordestino. Impulsionada pela ferrovia e pelo comércio do algodão, por volta das décadas de 1930 e 1940 a cidade passou a vivenciar seu período de maior desenvolvimento, o que terminou atraindo pessoas de várias localidades do país, seja pelo comércio que se consolidava, seja pela efervescência cultural que despontava na época, marcada também pela construção do Cassino Eldorado e pela boemia que ali se fazia presente. Como revela Jair Araújo (2011, p.39):

---

<sup>41</sup> Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/05/feira-central-o-coracao-de-campina.html#.Y9nQmHbMLIU>. Acesso realizado em 31 de janeiro de 2023.

Nesse momento o estado da Paraíba atendeu às necessidades do mercado britânico através da cidade de Campina Grande enquanto polarizadora deste comércio, ficando conhecida desde então como a ‘Liverpool do Brasil’, pois se tornou a maior produtora de algodão do Brasil.

Marco esse que terminou favorecendo também o desenvolvimento da feira de gado e de cereais, que logo passou a se constituir como principal fonte de abastecimento de outras feiras do interior nordestino, sendo também lugar de encontro, efervescência cultural e trocas as mais diversas, tal como chegou a afirmar a historiadora Giovanna Aquino de Araújo (2011, p.39-40):

Nela tinha lugar um intenso intercâmbio de ideias, e era um ponto de difusão das notícias. Em consequência disto, foram abertas vias para facilitar a comunicação entre a feira de Campina Grande e as demais da região Nordeste, assim como procedeu-se à urbanização em torno da feira.

No entanto:

[...] com a implantação de novos serviços, a feira perdeu espaço frente a outras vocações que a cidade de Campina Grande passou a ter, entre as quais se destacam serviços do setor educacional e industrial. Mesmo assim, até a década de 1960, a cidade campinense era conhecida regionalmente e nacionalmente como uma urbe vocacionada para a atividade comercial, embora a feira já não fosse mais o principal centro dessa atividade. (idem, p.40)

Considerando os últimos vinte anos, a Feira Central foi tendo que concorrer com redes de supermercados e outras feiras que foram se firmando em diversas áreas da cidade, como é o caso da feira dos bairros da Prata, Bodocongó, Liberdade e Malvinas. Além disso, foram construídas duas arcas no centro da cidade, a “arca titão” e a “arca da catedral”, uma espécie de galeria composta por vários pontos de venda que comercializam desde frutas e verduras a roupas e utensílios para o lar, ambas com relativa influência sobre o comércio citadino, sobretudo na região central.

Apesar da concorrência e das transformações ocorridas no comércio local, a Feira Central continua se mantendo enquanto uma das principais referências históricas, econômicas e culturais da cidade. Grande parte disso se deve à força que a tradição continua exercendo sobre muitos campinenses e às muitas estratégias de adaptação criadas e mantidas pelos feirantes. Ainda assim, tanto o número de feirantes quanto o horário de funcionamento ou de comércio na feira seguem paulatinamente diminuindo, informação essa que foi atestada por

outros pesquisadores, a exemplo da historiadora Giovanna Aquino de Araújo (2011), confirmada pelos interlocutores dessa pesquisa e verificada ao longo das várias incursões que fiz ao local com o objetivo de observar as etapas de montagem e desmontagem das bancas e do cenário.

A seguir uma imagem que revela a rua da feira de queijos com suas bancas todas fechadas e o céu ainda claro e ensolarado, atestando o fato de que, ao menos naquele dia, os feirantes retornaram às suas casas mais cedo:

Figura 86 - Rua da "feira de queijos" ao término de uma jornada de trabalho



Fonte: Acervo próprio, 30 de janeiro de 2023

Como a memória de muitos feirantes os remetem ao passado, à paisagens diferentes da apresentada acima, aos tempos de maior movimentação financeira e de pessoas pelas ruas da feira, a história que costumeiramente eles contam, assim como a história cantada e performatizada pelos bóias-frias apresentados por John Dawsey (2005, p.29), “(...) não é simplesmente uma história do que aconteceu, nem mesmo uma história tal como ela se configura num conjunto de lembranças (...)”. Eles contam “(...) a história de um esquecimento”.

No caso específico dos feirantes e daqueles que ajudam a manter a Feira Central, do “mercado que acabou” e da feira que “não existe mais”, tal como é possível perceber por meio das narrativas que seguem, sejam elas relacionadas ao número decrescente de bancas na feira:

- “Aqui tinha num sei quantas bancas de cereal, agora olha como tá, você não vê mais nenhuma!” (feirante Biu, em referência ao setor no qual ele possui três pontos de venda).

Aos horários ou tempo de duração das trocas comerciais:

- “O horário também tá diminuindo, antigamente tinha que botar um ponto de luz aqui, hoje dá 3 horas da tarde não tem mais feira!” (Agnaldo Batista)

E também em relação à movimentação financeira:

- “Hoje é mais difícil, eu ganhava muito dinheiro e não ligava. Hoje é muito concorrente. O mercado acabou!” (feirante Deca)

Importante frisar que narrativas como as apresentadas acima (que vale destacar, devem ser pensadas como formas de resistência), fizeram-se evidentes ao longo de toda a pesquisa, como que os feirantes estivessem pedindo ajuda, anunciando a vontade de desistir das bancas ou mesmo denunciando o que muitos nominaram de “esquecimento” por parte do poder público municipal em relação à feira.

Essas possibilidades remeteram-me uma vez mais a Éclea Bosi (1994) e às narrativas que ela trouxe à tona acerca das memórias dos muitos velhos trabalhadores aposentados na cidade de São Paulo. E mesmo que estejamos falando de realidades distintas e de velhos em condições adversas<sup>42</sup>, sua produção intelectual e suas percepções pareciam ecoar e ir ganhando voz por meio dos interlocutores dessa tese.

Do mesmo modo, as considerações de Marilena Chauí (idem) acerca do trabalho de Éclea Bosi passaram a soar como evidência do fato de estarmos diante de realidades que, embora distintas, foram pensadas, narradas e performatizadas com o mesmo sentimento de dor e desalento por tudo o que ficou para trás ou deixou de existir, ao menos do ponto de vista daqueles que tiveram a oportunidade de vivenciar tempos distantes e distintos ao longo da história da Feira Central. Tais considerações podem ser sintetizadas por meio da afirmação de que: “Nada mais pungente em seu livro do que a frase dezenas de vezes repetida pelos recordadores: ‘Já não existe mais’” (CHAUÍ *apud* BOSI, 1994, p.19).

Assim como na obra mencionada acima, precisei dedicar um tempo ainda maior às conversas com os feirantes idosos, dois dos quais falecidos durante os quatro anos de

---

<sup>42</sup> Isso porque muitos dos feirantes em condições de lembrar e estabelecer uma comparação entre a feira de algumas décadas atrás e a de hoje permanecem ativos em relação ao ofício, diferentemente do que ocorreu entre os velhos entrevistados por Ecléa Bosi, que estavam todos aposentados.

pesquisa<sup>43</sup>. Esse tempo me fez perceber o quanto suas lembranças em relação à feira estão fundamentalmente atreladas ao passado, que se constitui como fonte de comparação e que é costumeiramente acionado, tanto por meio das performances aprendidas e aperfeiçoadas, quanto por meio das coisas, sempre impregnadas de memória e, portanto, de histórias individuais e coletivas. Nesse sentido, os feirantes se constituem como guardiões do passado, da tradição e da memória, tanto deles quanto da feira enquanto grupo social do qual fazem parte e ajudam a manter, ainda que num certo sentido e para alguns deles, ela já não seja mais “a mesma”.

Afirmá-la como “outra”, como “aquela que restou” e/ou como aquela que “está desaparecendo” compreendem narrativas que, à primeira vista, dirigem-se ao poder público municipal e ao seu possível e relativo “descuido” ou “esquecimento” em relação ao espaço público e comercial da feira. Isso porque entre as falas mais comuns sobressaem as faltas (sobretudo de investimento e incentivo ao comércio), o que se quebrou ou foi desgastado pelo tempo e não foi consertado, a exemplo de boa parte da cobertura do Mercado Central, o conhecido mercado de carnes. Fatores como esses terminam gerando nos feirantes um sentimento de estranheza em relação ao seu lugar de trabalho, sustento e construção de suas identidades, como se eles não o reconhecessem mais, já que na visão comparativa que estabelecem a feira de antigamente era muito melhor, ao passo que a feira de hoje “se acabou”.

Ao mesmo tempo, é preciso considerar que tais narrativas parecem apontar também para uma idealização em relação ao passado, evidenciado por meio do apagamento ou mesmo silenciamento em relação à boa parte das dificuldades inerentes à época. Fato esse que se torna compreensível e até mesmo esperado diante do fato do passado se constituir como lugar de onde sobressaem lembranças e referências positivas, que eles selecionam e desejam reforçar. Nesse sentido, o passado é visto por meio de um olhar até certo ponto otimista e saudosista, tanto em relação aos seus antecessores quanto em relação ao modelo de feira que eles almejam recordar e que, segundo eles, era melhor em termos do quantitativo de vendas, horários e bancas existentes.

De todo modo, é preciso levar em consideração o fato de que a feira tem conseguido preservar suas principais funções, notadamente o tipo de relação estabelecida entre feirantes e fregueses, a variedade de mercadorias oferecidas, sua estrutura organizacional, sua

---

<sup>43</sup> A esse respeito consultar a tabela localizada no início dessa tese, onde é possível encontrar uma pequena biografia de cada um dos feirantes que participou de maneira mais significativa dessa pesquisa. De todo modo, a fala acima faz referência aos feirantes Teresa e Biu.

diversidade e riqueza cultural. Da mesma maneira que ela segue se constituindo enquanto lugar de memórias, tanto para a cidade e os seus habitantes quanto para os feirantes, sejam eles idosos ou não, como é o caso daqueles que não herdaram a banca e a tradição de seus pais mas hoje atuam nela e dela terão vivências e lembranças para contar.

Entre esses últimos, há que ressaltar a presença e atuação daqueles que casaram com feirantes, dos filhos que vão chegando, dos vendedores ambulantes informais e transitórios e também dos vendedores com vínculos empregatícios formais em muitos dos estabelecimentos comerciais ali existentes, como é o caso dos supermercados, cerealistas, atacadistas, sapatarias, lojas de utensílios domésticos, artigos religiosos, artigos para festas, salões de beleza, etc.

É a partir dessa junção de pessoas que antigas, novas e diversas vivências vão sendo incorporadas às memórias da feira, atreladas de uma maneira tal que não há como pensá-las em separado sem o risco de produzir vazios, tal como me foi alertado já no início da pesquisa por dona Elizabeth ao asseverar que sua “história é grande” e que durante os quatro anos eu iria ouvir “a mesma história”, a história dela “na feira”. Desde então, passei a considerar a narração como “(...) uma forma artesanal de comunicação”, que “(...) não visa transmitir o ‘em si’ do acontecido”, mas que (...) investe sobre o objeto e o transforma” (BOSI, 1994, p.88). Logo, é a partir do olhar do feirante e da dicotomia que ele funda entre passado e presente que ele vai construindo narrativas sobre si e sobre a feira como repositório de memórias e como algo dinâmico, em constante movimento e transformação.

Nessa dinamicidade, o feirante passa a considerar o passado como ponto de partida, de referência e de identificação, tendo suas memórias individuais relacionadas às mudanças transcorridas ao longo dos anos, que os ajudam a reconstruir o passado e suas percepções acerca do que era antes e de como está hoje, seja em relação ao comércio ou em relação aos espaços físicos da feira. Tais mudanças terminam favorecendo também o surgimento de uma “sucessão de lembranças” que, segundo Maurice Halbwachs (2006, p.69):

(...)mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto.

Nesse sentido, não apenas os lugares da feira estão sendo transformados, mas também as relações que os feirantes estabelecem com tais lugares. Na atualidade, tais relações são marcadamente influenciadas por um olhar saudosista, ainda que eles permaneçam ativos em



relação ao trabalho e à construção constante do cenário da feira. Tão ativos que as conversas em torno do passado e das lembranças não apareciam para mim como momentos de descanso ou “escapulidas” do trabalho, mas como maneiras através das quais eles desempenhavam mais uma função, a de lembrar e ser memória do grupo e da feira, sempre entre uma atividade e outra. Afinal, como tão bem demonstrou Maurice Halbwachs (2006, p.37): “Esquecer um período da vida” é o mesmo que “perder o contato com os que então nos rodeavam”. No caso específico dos feirantes, com os seus pais ou aqueles que simbolicamente desempenharam tais papéis sociais.

#### **4.4 Tentativas de olhar e produzir o futuro**

Ao fazerem referência aos seus pais ou aqueles que lhes serviram como modelo e guia, os feirantes estavam selecionando ensinamentos, vivências e impressões que permanecem vivas em cada um deles, que permanecem ricas de significação e que por isso mesmo fazem com que suas memórias estejam ligadas também ao presente, no sentido de que “só nos lembramos quando no presente existe relevância para isso” (HALBWACHS, 2006, p.38).

É essa relevância e essa significação que fazem também com que parte dos ensinamentos continuem sendo repassadas aos filhos e netos que desejem ou que sejam impelidos a dar continuidade ao ofício de feirantes, já que, assim como defende Ecléa Bosi (1994, p.481), “(...) aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor”.

Ainda assim, muitos feirantes demonstram almejar outros caminhos e possibilidades para os seus filhos, sobretudo um emprego formal, a conclusão do ensino médio e o ingresso numa universidade. Segundo eles, tais alternativas seriam capazes de propiciar-lhes uma vida confortável e segura, ao menos do ponto de vista da estabilidade e da formalidade. Constatações como essas foram anteriormente apontadas pela historiadora Giovanna Aquino de Araújo em suas pesquisas com feirantes de Portugal e do Brasil, como pode ser constatado por meio do relato que segue:

Em nossa pesquisa nas feiras, percebemos que muitos dos entrevistados, quase todos, ou porque não dizer em sua totalidade, sobretudo no Brasil, queixam-se do trabalho informal que exercem também no que concerne a intranquilidade futura. Muitos, quando se referem ao facto de não quererem

que seus filhos continuem a exercer o ofício de feirantes, relacionam diretamente com a ideia expressa anteriormente, de que feirantes não têm direitos porque não têm carteira assinada, ou seja, porque vivem na ilegalidade. (ARAÚJO, 2011, p.153-154)

Sob o ponto de vista quantitativo, a pesquisa mencionada imediatamente acima constatou que 72% dos feirantes entrevistados em Portugal não gostariam que seus filhos seguissem o mesmo ofício que eles, enquanto que entre os entrevistados brasileiros esse percentual reduziu para 67% (idem, p.150). A junção desses dados com os depoimentos obtidos junto aos feirantes da Feira Central, que também foi lócus de estudo para a referida pesquisa, servem de embasamento para atestar que a maior parte dos feirantes visualizam para o futuro de seus filhos caminhos diferentes daqueles que eles seguiram e que, portanto, extrapolam os limites físicos da feira.

Importante destacar que as divergentes concepções acerca da vida que os feirantes têm e àquela a que eles aspiram para as próximas gerações são sempre seguidas por um sentimento de gratidão por tudo o que a feira já lhes concedeu, muito embora esse sentimento se misture a um desalento em relação ao que ainda seria possível ou não esperar daquele modelo de comércio. Como apresentei anteriormente, a sensação nutrida por muitos é a de que a feira está vivenciando um processo de decadência em termos comerciais.

No entanto, é preciso problematizar os relatos de que “a feira acabou” ou que “o comércio está acabando”, tendo em vista o fato de que ela não apenas permanece viva e com relativa influência sobre o comércio local, mas também servindo como mola propulsora para jovens comerciantes. Como é o caso do feirante Laury<sup>44</sup>, mais conhecido como “Laury temperos”, que vem se destacando no comércio citadino por seu empreendedorismo e pela divulgação tanto dos produtos que ele comercializa quanto da própria feira.

O referido feirante e alguns de seus irmãos e irmãs possuem, além da loja matriz localizada na Feira Central, três outras lojas. A primeira delas está localizada em uma das principais ruas de acesso à feira<sup>45</sup>, nominada Afonso Campos, a segunda está situada às margens do Açude Velho, um dos principais pontos turísticos da cidade, e a terceira foi recentemente inaugurada em uma das principais avenidas da capital do estado, João Pessoa. Em todas as quatro lojas é possível encontrar e adquirir uma variedade de temperos, grãos, ervas, frutas desidratadas e oleaginosas. Além disso, sua marca e seus produtos são revendidos tanto em diversas cidades da Paraíba quanto de estados vizinhos.

---

<sup>44</sup> Nome que herdou do seu falecido pai, o senhor Laury Tertuliano de Oliveira, falecido há oito anos.

<sup>45</sup> Cujo nome fantasia é “Dona Lita”, em alusão à sua administradora, uma das filhas de Laury, pai.

Segundo o feirante, o sucesso do empreendimento familiar se deve em grande parte à qualidade dos produtos, ao conhecimento adquirido acerca deles e à divulgação que é realizada, sobretudo pelas redes sociais, onde ele mesmo apresenta os benefícios que alguns de seus produtos podem trazer à saúde das pessoas. Além disso, sua equipe multidisciplinar e ele produzem misturas específicas a partir de uma variedade de produtos naturais, como é o caso do “milagroso”, um composto diurético formado por oito ingredientes que sugere, entre os benefícios atrelados ao seu consumo, o combate a ansiedade, ajuda na perda de peso, aceleração do metabolismo e combate a inflamações.<sup>46</sup>

Os atributos positivos de feirantes como o mencionado acima, terminam por dinamizar e agregar elementos tidos como modernos ao modelo de comércio tradicional que predomina na feira, fazendo com ela seja constantemente renovada tanto em termos dos produtos que são ofertados quanto em termos da freguesia, cada vez mais diversificada em relação às preferências e ao poder aquisitivo.<sup>47</sup>

Importante frisar que, entre as razões pelas quais as pessoas continuam frequentando e consumindo produtos em feiras de rua, sobressaem os relatos de busca por uma variedade de produtos, atendimento personalizado, melhor oferta no preço, a possibilidade da barganha e da informalidade que permeiam as trocas comerciais, a manutenção de laços afetivos estabelecidos com os vendedores e a real possibilidade de acesso às suas memórias afetivas por meio de lugares e coisas (ARAÚJO, 2011; GONÇALVES e ABDALA, 2013; GUIMARÃES, 2010; NASCIMENTO, 2017; SATO, 2007, 2012; VEDANA, 2013).

Além disso, a Feira Central vem se mantendo atuante no comércio e no cenário local e regional também em decorrência do fato de vir se constituindo desde algum tempo como objeto de investigação e produções acadêmicas (ARAÚJO 2006, 2011, 2013; SILVA, 2005; SOUZA, 2005), além de representações literárias (cordéis), artísticas e culturais, a exemplo do livro de fotografias do artista Roberto Coura (2007) e do espetáculo de dança adaptado a partir da obra intitulada “A Feira”, da escritora, dramaturga e cordelista Maria de Lourdes Nunes Ramalho, pela Companhia de Dança do Teatro Severino Cabral e o Balé da Cidade de Campina Grande, criado pela bailarina e coreógrafa Myrna Maracajá.<sup>48</sup>

Tudo isso faz com que a feira seja reconhecidamente apontada e lembrada por sua significação histórica, comercial e cultural, tanto que desde o ano de 2017 a mesma passou a

---

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/laurytemperos/>. Acesso realizado em 31 de janeiro de 2023.

<sup>47</sup> Isso porque o feirante Laury afirma que sua clientela é prioritariamente formada por pessoas que possuem até quarenta anos de idade e pertencem às classes sociais A e B.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/bale-da-cidade-de-campina-grande-apresenta-o-espetaculo-feira/>. Acesso realizado em 31 de janeiro de 2023.

ser considerada patrimônio histórico material e imaterial<sup>49</sup> do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O processo que viabilizou o registro por parte do referido instituto durou dez anos<sup>50</sup> e esteve inicialmente atrelado a um projeto de requalificação da feira, com parte dos recursos financiados pelo governo federal.

Para que essa solicitação de registro pudesse ter sido encaminhada ao instituto responsável, tornou-se necessário o envolvimento de várias pessoas, além do “sentimento coletivo de comunidade”, tendo em vista o fato de que:

Segundo o IPHAN, antes do bem ser registrado como patrimônio nacional, é necessário que a comunidade local o identifique e o reconheça como um bem local. Para tanto, encontros, reuniões e abaixo assinados são realizados antes do encaminhamento do pedido ao IPHAN. (ARAÚJO, 2011, p.458)

Todavia, ainda segundo a historiadora Giovanna Aquino de Araújo:

Registrar um bem cultural, seja ele de natureza imaterial ou mesmo material, para além do objetivo maior de atender à sua salvaguarda garantindo sua existência e continuidade para uma coletividade, também tem de corresponder aos interesses dos grupos e poderes que se encontram envolvidos direta e indiretamente com os bens a ser registrados. Ou seja, em ambos os casos – busca pelo registro e projetos de requalificação das áreas das feiras – são questões de ‘interesse comum’ da sociedade e também de interesses particulares de cada grupo envolvido (idem)

No caso específico dos feirantes da Feira Central, os mesmos não participaram do momento da elaboração do projeto de requalificação e “(...) talvez por esta razão existam aqueles que são favoráveis à modernização e aqueles que não são”, tal como asseverou a

---

<sup>49</sup> O conceito de patrimônio compreende: “(...) Um conjunto de bens, culturais e naturais, de determinado território e sociedade. Este conjunto de bens categoriza-se em tangíveis (bens naturais, imóveis, fixos, etc.) e intangíveis (bens culturais, manifestações de tradições artísticas, legado cultural, memória, identidade cultural, etc.) Assim sendo, no conceito de patrimônio passa a caber um conjunto de utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e formas da vida quotidiana de todos os segmentos sociais.” (ARAÚJO, 2011, p.452)

<sup>50</sup> Período esse que teve início com o encaminhamento da solicitação por parte da prefeitura de Campina Grande, sob a gestão do então prefeito Veneziano Vital do Rêgo, e se encerra com o registro propriamente dito. No entanto, embora a iniciativa tenha se dado por parte da prefeitura do município, outras entidades públicas e privadas apoiaram e incentivaram tal solicitação, já que também reconheciam elementos da Feira Central campinense que poderiam qualificá-la como patrimônio imaterial. (ARAÚJO, 2011).

historiadora mencionada acima (idem, p.546-547). Tal divergência está retratada sob a forma de cordel, cujos versos podem ser visualizados a seguir<sup>51</sup>:

Eu fui a Feira Central  
Comprar farinha e feijão  
E lá vi dois feirantes  
Numa leve discussão  
Se na feira é necessário  
Uma modernização (...)

C.P: Seu Luiz, tenho a esperança  
Que aqui no balcão  
Vai melhorar cem por cento  
Com essa modernização  
Sem banca de pau quebrado  
Sem buraco pelo chão

L.D: Seu Chico, preste atenção  
Não vamos mexer na feira  
Deixa a minha banca velha  
Deixe de falar besteira  
Quanto mais mexe no lixo  
Mais espalha a sujeira

C.P: Não tô falando besteira  
Eu falo de evolução  
Meu amigo, eu compreendo

---

<sup>51</sup> Monteiro, M. (2008). A peleja de Luiz Descrente com Chico Progresso na Feira Central (cordel). Gráfica Martins: Campina Grande. (Fonte: ARAÚJO, 2011, p.546)

A sua preocupação  
Mas modernizar a feira  
É bom para a população

No que refere aos interesses dos feirantes acerca do projeto de requalificação e do processo de patrimonialização, a pesquisadora mencionada acima, de maneira abrangente afirma que:

Para os feirantes das feiras nordestinas brasileiras, as temáticas ligadas à valorização do patrimônio imaterial e aos projetos de requalificação dos espaços estão vinculadas à possibilidade de retorno financeiro. Ou seja, ao melhorar o fluxo de movimento das feiras, estas ações tendem a resultar na atração de mais fregueses. Neste sentido, os feirantes estão sempre a apoiá-las. O que não significa que estes apoios não impliquem receios, geradores muitas vezes de conflitos internos. Referimo-nos sobretudo às preocupações dos feirantes quanto ao fato de as reformas desencadear mudanças nos lugares que ocupam, já que a modificação de local representa, para os mesmos, uma “perda” de clientes. (idem, p. 477)

De fato, ao serem questionados acerca das possíveis mudanças que podem ocorrer no espaço físico da feira em virtude do fato dela ser considerada patrimônio imaterial brasileiro e da existência de um projeto paralelo que visa sua requalificação<sup>52</sup>, boa parte dos feirantes demonstra preocupação diante da possibilidade de terem que mudar suas bancas ou pontos de venda de lugar. Essa preocupação e receio se devem não apenas em detrimento da possibilidade de ocasionar uma “perda de clientes”, o que de fato poderia acontecer, mas

---

<sup>52</sup> O primeiro encontro referente a esse projeto foi realizado em novembro de 2009 e foi intitulado *Discutindo a Nova Feira Central*. No momento foram apresentados alguns problemas mais urgentes, como as questões relacionadas à “(...) mobilidade, segurança e higiene na feira, a capacitação e cadastramento dos comerciantes, a elaboração de um regimento interno, com leis, normas e portarias que garantirão o perfeito funcionamento do Mercado, entre outras” (NOTÍCIA DE JORNAL *apud* ARAÚJO, 2011, p.548). Ainda segundo Giovanna Aquino de Araújo: “O projeto foi orçado em aproximadamente 38 milhões de reais, dos quais 19 milhões foram arrecadados junto ao Governo Federal, por intermédio de emenda parlamentar (do Deputado Federal Vital do Rego Filho), junto ao Ministério do Turismo.” (idem, p.540). No entanto, até o presente momento esse projeto não se concretizou. Vale acrescentar que em 09 de fevereiro do corrente ano, a Prefeitura Municipal, sob a gestão do atual prefeito Bruno Cunha Lima, lançou edital para concurso de projetos de requalificação da Feira Central, em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil. De acordo com o edital, o resultado do concurso será divulgado em 28 de abril de 2023, já a premiação do 1º, 2º e 3º colocado, assim como a contratação do 1º colocado, devem ocorrer no dia 18 de maio do mesmo ano. Ainda segundo o edital, a empresa contratada para a execução do projeto irá realizar a requalificação da Feira Central em 5 etapas, a começar pelo Mercado Central. Em seguida, o “largo do pau-do meio”, as ruas, o antigo Cassino Eldorado e os armazéns ao redor da feira serão reformados. (Fonte: [www.concursofeiradecampinagrande.org](http://www.concursofeiradecampinagrande.org). Acesso realizado em: 09 de fevereiro de 2023.

sobretudo pelo fato de suas histórias e memórias estarem diretamente atreladas aos lugares da feira que lhes foram concedidos desde algum tempo, bem como às coisas que dele fazem parte e lhes são repletas de significações.

Quem melhor compreendeu e externou a estreita relação que as pessoas e os grupos terminam estabelecendo com os lugares de memória foi o filósofo Maurice Halbwachs (2006, p.167), ao afirmar que: “Se as lembranças se conservam no pensamento do grupo, é porque ele permanece estabelecido no solo, é porque a imagem do solo perdura materialmente fora dele e ele pode retomá-la a qualquer instante”. Não sendo, portanto, “(...)muito fácil modificar as relações que se estabeleceram entre as pedras e os homens” (idem, p.163).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **É possível um fechamento?**

Essa tese tentou dar conta de algumas dimensões capazes de revelar como é ser feirante na Feira Central. Esse desafio se deu por meio de observações, escutas, transcrições, descrições, demonstrações, exemplificações, etc. Ainda assim, a multiplicidade de possibilidades interpretativas que a feira oferece e a habilidade do feirante para se moldar, se adaptar e se diferenciar naquele cenário fazem com que essa tese esteja limitada a apresentar versões, particularidades de algo que transcende às possibilidades de um trabalho etnográfico. Assim, essa etnografia deve ser vista como uma tentativa de entender e apresentar, por meio de tais dimensões, modos de vida e de organização social particulares que parecem fazer eco e se aproximarem da diversidade inerente à feira e aos feirantes. Justamente por isso as subjetividades foram trazidas com o intuito de relacioná-las à coletividade.

Como não se pode ter tudo, o que o leitor encontrou ao longo dessas páginas foi o resultado do diálogo com alguns feirantes, de um olhar particular, atento e sensível à questões que nem mesmo eles estavam parando para pensar ou questionar, porque não queriam ou porque, como muitos, se deixaram consumir pelas rotinas e pelos afazeres cotidianos. É evidente que outros olhares e outros pesquisadores poderiam e poderão priorizar outras temáticas, ver algo distinto do que vi, já que o “fazer” e seus significados têm autonomia. Da mesma maneira que os feirantes não estão em nenhum sentido parados, estagnados, mas sim em constante mudança.

Importante pontuar que em nenhum momento da pesquisa ou da escrita foi minha intenção ser voz para os feirantes, como se eles não pudessem falar por si. Ao invés disso, tentei alinhar suas ações e falas às interpretações que considerei pertinentes, trazendo autores que pudessem ajudar a melhor compreender e dialogar com essas falas e narrativas. Isso sem perder de vista o fato de que concebê-los como protagonistas da feira, de suas vidas e desse trabalho teria que passar necessariamente pelo respeito às suas escolhas, tanto no período da



escuta e observação quanto da escrita desse trabalho. Também por isso todos os nomes foram preservados e diante de acontecimentos ou falas que pudessem lhes causar incômodo ou qualquer desconforto a escolha se deu por evitar a exposição, garantindo o anonimato.

E ser desconhecido ou seguir no anonimato é realmente algo muito comum na feira, que a cada novo dia desenha contextos diferentes de comércio, de relacionamentos, trabalho e lazer. No entanto, os feirantes estão sempre presentes e atuantes em cada um desses dias e dessa “nova” feira que emerge, do mesmo modo que a presença deles depende da existência dela e de sua capacidade de acolher a cada um deles. Entender esses processos e essa dinâmica sem perder o foco foi um grande desafio. Tanto que, por vezes, eu me via direcionando o olhar à feira e não aos feirantes, de tão imbricados e interdependentes que são.

Ainda assim, é preciso acrescentar que foram os feirantes que sempre me atraíram e me impulsionaram. Era deles que provinha o brilho no olhar que aos poucos foi crescendo e se transformando numa grande clareira, por onde eu conseguia enxergar inúmeras descobertas intelectuais e pessoais. Já a feira, por mais que eu tenha me afeiçoado a ela enquanto espaço de comércio, tradição e memórias, sempre se constituiu como o lugar que me garantia acesso a eles, que os ajuda a serem quem são. E vale acrescentar, também em forma de gratidão, que enquanto instituição social ela também sempre me acolheu muito bem.

Mas meu impulso sempre foi descortinar as histórias dos feirantes, suas trajetórias, ouvi-los narrando sobre suas vidas. A grande surpresa foi constatar que eles faziam tudo isso por meio das coisas, do trabalho, das performances, das formas de sociabilidades e da memória. Dito de outro modo, sendo eles, conversando, brincando, organizando, empilhando, lembrando, performatizando, etc. E tudo isso agregava valor a esse trabalho, ao passo que também me inquietava e me fazia questionar: como eu iria conseguir colocar tamanha riqueza no papel? Como eu iria conseguir interpretar tantas práticas, narrativas e até mesmo silêncios sem me colocar, sem interferir no que realmente é deles e não meu?

Daí decorreu outro grande desafio: não permitir que minha identificação com as pessoas, o lugar e o modo de vida predominante se misturasse àquelas realidades e ganhasse forma por meio da escrita. Se eu consegui fugir dessa armadilha? Acredito que nem sempre, embora sempre tenha estado vigilante. Ainda assim, por diversos momentos, tanto da pesquisa quanto da escrita, me deparei com o meu olhar bondoso, saudosista, me peguei tendo que conter as lágrimas, ou para que o feirante não as visse ou para que eu conseguisse dar continuidade ao processo de escrita dessa tese.

O momento no qual vi e ouvi parte das memórias mais significativas do senhor Fernandino por meio das fotografias colocadas sob a parede de sua banca, as vezes que ouvi a voz do feirante Deca embargada e quase que cedendo lugar ao choro, as últimas conversas com o senhor Biu dias antes de seu falecimento, quando seu corpo já demonstrava cansaço e o trabalho já não conseguia mobilizá-lo como antes, são alguns exemplos de momentos misturados a sentimentos difíceis de serem colocados no papel. Momentos que parecem ter aberto um pequeno espaço, tanto ao longo da pesquisa quanto do processo de escrita dessa tese, para questões de ordem subjetiva.

O que para mim não se constituiu enquanto problema, já que tudo o que aqui se coloca sob a forma de texto é resultado do meu olhar, minhas descobertas e percepções, aliadas ao conhecimento teórico que pude acumular ao longo dos anos. Além disso, a própria Antropologia prevê que as escolhas dos antropólogos pelos seus objetos de estudo são em grande medida pautadas também por questões de ordem subjetiva. E sim, a escolha por estudar os feirantes revela muito de mim, que também tenho minhas raízes entrelaçadas a elementos, pessoas e cenários que remetem tanto ao meio urbano quanto ao meio rural, de onde fui encontrando sentidos capazes de definirem minha identidade.

Para além das questões de ordem subjetiva, é preciso pensar num fechamento, ainda que incompleto para esse texto. A partir dessa constatação é que ousou trazer algumas ideias que foram se desenhando, ganhando coerência e clareza ao longo dos anos de pesquisa na Feira Central. A começar pelo fato de que ser feirante é, antes de mais nada, conseguir se firmar, se manter e manter sua família por meio do comércio que se realiza na feira, marcado por intenso trabalho e intensa movimentação de pessoas, sobretudo de outros feirantes, com quem eles dividem não somente os lugares mas também a freguesia.

Sendo assim, ser feirante é ter que lidar diariamente com as dificuldades inerentes ao comércio, a exemplo da sobrecarga de trabalho, do cansaço físico, da concorrência e das incertezas em relação ao futuro, já que a garantia da sobrevivência é conquistada dia após dia. Tais dificuldades fazem com que ser feirante seja também pensar em desistir do comércio ou almejar outra vida senão àquela, muito embora alguns não consigam se imaginar fora dali, longe dos amigos, das rotinas, das bancas e dos demais lugares da feira.

Esses mesmos lugares que são todos os dias transformados em lugares de fruição, divertimento e lazer, já que ser feirante é também sinônimo de ser criativo, de saber utilizar-se de várias maneiras dos lugares e das coisas, que desde as mais simples são transformadas em arte e beleza. Nesse sentido, ser feirante é também ser artista, exímios na arte de montar,

desmontar e decorar bancas em questão de minutos, de empilhar, esconder, destacar coisas e assim criar beleza na feira.

Artistas no sentido de saberem vender brincando, de saberem atrair e convencer a freguesia de maneira divertida, conversando com ela, agradando-a. De saberem reconhecer os sinais que diferenciam os passantes dos fregueses, os olhares pretensiosos dos menos interessados, a hora de chamarem, falarem ou de calarem e deixarem o freguês seguir. O que implica também em saber reconhecer os diferentes tempos, seja do freguês, do trabalho, das brincadeiras ou das coisas e, ainda assim, conseguir mesclar esses tempos, encurtá-los de maneira criativa.

Ser feirante é vivenciar a feira de várias maneiras, ajudar a construí-la todos os dias, “fazê-la” em vários e diferentes sentidos. Sendo que, em todos eles, a performance se faz evidente, como que sintetizando o “*savoir faire*” daqueles artífices. Também por isso essa categoria se fez presente em quase todas as etapas dessa pesquisa e dessa tese, seja como fundamentação teórica e fonte de inspiração, seja como instrumento metodológico que permitiu perceber como os trabalhadores da feira estão cotidianamente experienciando e, ao mesmo tempo, encenando como é ser feirante.

Nesse sentido, é preciso pontuar que todos os feirantes são movidos por um mesmo fim, o comércio. O trabalho, as formas de sociabilidades, as coisas e as memórias aparecem aqui como dimensões comuns, que emergem da própria prática comercial e que os aproximam, os assemelham. Já as suas performances ou as maneiras pelas quais eles realizam e atingem esse fim é que os diferenciam, na medida em que cada um encena o “estar” na feira e “ser feirante” de uma maneira única, particular. Logo, ser feirante é ser como eles são, a partir de elementos comuns e também distintos. De tal modo que eles sentem dificuldade em exteriorizar por meio de palavras como é possível ser um deles, já que não existe um manual que indique o que deve ser feito em cada ciclo ou jornada de trabalho.

E ser um deles é algo que ultrapassa a prática da repetição quase que irrefletida de atividades e modos de fazer atrelados às gerações anteriores, ainda que elas continuem servindo de inspiração e modelo. Ser um deles é algo que se aprende sendo e se ensina demonstrando, fazendo, vivendo, sentindo no próprio corpo, seja o cansaço ou a emoção de se perceber e se dizer feirante. Foi exatamente isso que pude constatar ainda no início da pesquisa, quando dona Tereza me revelou, tanto de maneira verbal quanto corporal, que existia uma dimensão atrelada ao ser feirante que eu jamais iria conseguir alcançar, tal como é possível se ver na fala que segue: “Eu sou feirante, tenho muita experiência aqui nessa feira.

Cresci aqui. Posso lhe dizer que você pode até ter mais estudo do que eu, mas não sabedoria. Sabedoria é diferente.”

E foi diante da impossibilidade de ser um deles e de sentir o que eles sentem que tomei as falas e as fotografias como grande aliadas, na esperança de que elas conseguissem retratar o que nem sempre eu conseguia colocar no papel sob a forma da escrita. Mais ainda, na esperança de que elas conseguissem fazer com que os leitores dessa tese pudessem eles mesmos construir significados e agregar novos elementos a respeito das análises, situações e pessoas que foram apresentadas e trazidas para a discussão.

## REFERÊNCIAS

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Com as fotografias em cima da mesa: o que fazer historiador?** In: ARANHA, Gervácio Batista, FARIAS, Elton John da Silva (Orgs.) Epistemologia, historiografia e linguagens. Campina Grande, EDUFCG, 2013. (p. 234- 252)

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Introdução”. In: **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013. (p. 19-38)

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. Tese de doutorado (2011) Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/19709>. Acesso realizado em: 02 de maio de 2022.

\_\_\_\_\_. **Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande**: Agenda, 2006.

\_\_\_\_\_. **Requalificação espacial e Elaboração de Inventário imaterial**: duas experiências em andamento na centenária Feira Central de Campina Grande- PB. VI Congresso Internacional de História, 2013. Disponível em: [http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/475\\_trabalho.pdf](http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/475_trabalho.pdf) . Acesso realizado em 02 de maio de 2022.

APPADURAI, Arjun. “Introdução: mercadorias e a política de valor”. In: **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. (p.15-88)

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**. 9ed. Campinas: Papirus, 2012.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2014.

\_\_\_\_\_. **O sistema dos objetos**. Zulmira Ribeiro Tavares (Trad). São Paulo: Perspectiva, 2015.

BAUMAN, Richard. “A poética do mercado público: gritos de vendedores no México e em Cuba”. In: **Antropologia em Primeira Mão**, 103. Florianópolis, 2008.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica” (5ª versão). In: **Estética e Sociologia da Arte**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (p.8-47)

\_\_\_\_\_. “Pequena história da fotografia”. In: **Estética e Sociologia da Arte**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (p.51-78)

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de Velhos**. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “Ritual e teatro na cultura popular”. In: **Textos escolhidos de cultura e artes populares**, 12 (1): 7-22, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COURA, Roberto. **A Feira de Campina Grande**. Campina Grande: Editora Universitária, UFCG, 2007.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feiras no Nordeste**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, vol. 7, núm. 13, 2008, pp. 87-101. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Brasil.

DAWSEY, J. C. “O teatro dos ‘bóias-frias’: repensando a antropologia da performance. In: **Horizontes Antropológicos**, 24, 2005.

DINIZ, Lincoln da Silva. **As bodegas da cidade de Campina Grande: dinâmicas sócio-espaciais do pequeno comércio**. Campina Grande: EDUFCG, 2011.

DOUGLAS, Mary. **O Mundo dos Bens, vinte anos depois**. In: Horizontes Antropológicos, UFRGS, IFCH, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 13, nº 28. Porto Alegre, PPGAS, 2007.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

GARCIA, Marie-France. **O segundo sexo do comércio: camponesas e negócio no Nordeste do Brasil**. Disponível em: [http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/19/rbcs19\\_08.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/19/rbcs19_08.pdf). Acesso realizado em 02 de maio de 2022.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GODELIER, Maurice. Definição e Campo da Antropologia Econômica. In: **A Antropologia Econômica**. 1976, [144-158].

GOFFMAN, Erving. “Prefácio”, “Introdução”, “Conclusão” e “Representações”. In: **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985 [9-31; 218- 233].

GONÇALVES, Alexandre Oviedo; ABDALA, Mônica Chaves. **“Na Banca Do ‘Seu’ Pedro É Tudo Mais Gostoso”**: Pessoaalidade E Sociabilidade Na Feira-Livre. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. 12 | 2013, Ponto Urbe 12.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular**. Universidade de São Paulo, monografia, digitado, 2010. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/pt-br/celacc-tcc/326/detalhe>. Acesso realizado em 02 de maio de 2022.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Beatriz Sidou (Trad.). São Paulo: Centauro, 2006.

HUISMAN, Denis. **A Estética**. Biblioteca Nacional de Portugal. Edições 70, 2015.

INGOLD, Tim - A cultura no chão- o mundo percebido através dos pés. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/502773458/INGOLD-Tim-A-cultura-no-chao-o-mundo-percebido-atraves-dos-pes#>. Acesso realizado em: 24 de fevereiro de 2023.

JACQUES, Paola Berestein. **Corpografias Urbanas: o corpo enquanto resistência**. Cadernos PPGAU-FAUFBA, Ano 5, nº especial, p. 93-103, 2007.

LE BRETON, David. **Experiências olfativas da cidade para o pedestre**. Ponto Urbe . Disponível em : DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9937>.. Acesso realizado em 23 de fevereiro de 2023.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, FEBRERO, V.17, N.49. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Sociais. BRASIL [115-134].

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. “Introdução”; “O capitalismo artista”. In: **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (p. 11-129)

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: **Na Metrópole**. São Paulo: Edusp 1996. (p. 16-51)

MASCARENHAS e DOLZANI. Feira Livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico**. Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 2, n. 2 agos/2008 p.72-87 página 73 <file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/admin,+5+-+Gilmar+Mascarenhas.pdf>.. Acesso realizado em: 05 de julho de 2022.

MAUSS, Marcel. “As técnicas corporais” em **Sociologia e antropologia**, vol. II, São Paulo: EDUSP, 1974. [211-233].

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabiola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.



MILLER, Daniel. “Prefácio”, “Porque a indumentária não é alho superficial” e “Teorias das Coisas”. In: **Trecos, Troços e Coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. (p.7-118)

NASCIMENTO, Walkiria do. Etnografia em uma feira livre: o cenário, o dia de feira, os personagens e a sociabilidade. In: OLIVEIRA, Luciana Maria Ribeiro de. TELLA, Marco Aurélio Paz (Org.). **Etnografias Urbanas: Espaço, Imagem e Diferença na Cidade**. João Pessoa: GUETU, 2017. [229-269]

NORA, Fabiane Dalla; ZANINI, Maria Catarina. **A feira como um espaço de sociabilidade**. Revista Retratos de Assentamentos, v.18, n.1, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.25059/2527-2594/retratosdeassentamentos/2015.v18i1.185>. Acesso realizado em 02 de maio de 2022.

PAIS, José Machado. **As “cronotopias” das práticas culturais n o cotidiano**. Versão eletrônica do artigo da publicação periódica do Observatório das Actividades Culturais, OBS nº.4, Outubro de 1998. [7-9]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/268402594\\_AS\\_CRONOTOPIAS\\_DAS\\_PRATICAS\\_S\\_CULTURAIS\\_DO\\_QUOTIDIANO](https://www.researchgate.net/publication/268402594_AS_CRONOTOPIAS_DAS_PRATICAS_S_CULTURAIS_DO_QUOTIDIANO). Acesso realizado em 24 de fevereiro de 2023.

\_\_\_\_\_. “Introdução”. In: **Vida Cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003. [11-21]

\_\_\_\_\_. O “corre-corre” cotidiano no modo de vida urbano. In: **TOMO, Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**. Universidade Federal de Sergipe, N.1, 1998. São Cristóvão-SE, NPPCS/UFS nº16, jan-jun 2010 [131-156]

\_\_\_\_\_. O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. In: **Revista Brasileira de Sociologia/Sociedade Brasileira de Sociologia**, V.1, N. 1, jan-jul 2013. ISSN 2013 8507. Sergipe, SBS 2013 [107-128]

PARK, Robert Ezra. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: VELHO, O. G. (Org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987. [26-67]

PRADO, Regina de Paula Santos. Introdução. In: **“Todo ano tem”**: As festas na estrutura social camponesa. Dissertação de mestrado. São Luís: PPGCS/GERUR/EDUFMA, 2007.

200 p. ISBN 978-85048-84-6. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/813>. Acesso realizado em: 02 de março de 2023.

PEREGRINO, Lucas N. (1); BATISTA, Mércia R. R. (2). **A feira central de Campina Grande (PB) e o campo do patrimônio**: disputas por espaço e legitimidade. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15277/1/ICOMOS%20Completo%20Lucas%20Neiva%20Peregrino%20-%20Lucas%20Neiva%20Peregrino.pdf>. Acesso realizado em 08 de setembro de 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. RANCIÈRE, Jacques. **O Inconsciente Estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo**- as romarias portuguesas. MATOS, Madalena Mendes de. (trad.). Coleção Portugal de Perto, nº.3. Publicações Dom Quixote, 1982.

SANTOS, Milton. O Espaço: Sistemas de Objetos, Sistemas de Ações. In: **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. (61-88)

SATO, Leny. **Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. SATO, Leny. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre**. Psic. Social, V 19 no.spe Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400013>. Acesso realizado em: 19 de agosto de 2020.

SCHCHNER, Richard. Ensaio de Richard Schechner: ritual e jogo. In: **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Z, Ligiéro (Org.). Rio de Janeiro: MAUAD, 2012. [49-128].

\_\_\_\_\_. O que é performance. In: **Performance studies: na introduccion**. New York e London: Routledge, 2006.

\_\_\_\_\_. “Pontos de contato revisitados”. In: DAWSEY, J. C. et al. (Orgs.) **Antropologia e Performance. Ensaios NAPERDRA**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013. [37-65]

SILVA, Valmir Pereira da Silva. Artes de fazer a feira: práticas e representações de negociação na Feira Central de Campina Grande-PB. Dissertação de mestrado, 2005. Digitada.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade: exemplo de sociologia pura ou formal. In: **Questões Fundamentais da Sociologia: individuo e sociedade**. Pedro Caldas (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. [59-82]

\_\_\_\_\_. O dinheiro na cultura moderna. O conceito e a tragédia da cultura. In: SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. 2ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014 [23-40; 77-105].

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. Cidade e vida boêmia: um passeio pelos “maus costumes” de Campina Grande. ANPUH – **XXIII Simpósio Nacional de História**. Londrina, 2005. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.1113.pdf>. Acesso realizado em 11 de julho de 2022.

SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold. Prefácio. Introdução. In: **Simmel e a modernidade**. 2ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014 [07-19]

TYLOR, Diana. “Traduzindo performance”. In: DAWSEY, J. C. et al. (orgs.). **Antropologia e Performance. Ensaios NAPERDRA**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013. [9-16]

VEDANA, Viviane. **É só um real! Performatividades do comércio informal de alimentos no Largo Glênio Peres em Porto Alegre**. Porto Alegre; Banco de Imagens e Efeitos Visuais. PPGAS/UFRGS, 2005, iluminuras; n. 76.

\_\_\_\_\_. **Fazer a feira e ser feirante**: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. Horizontes Antropológicos, v.19, n39. Porto Alegre, jan- june 2013.

\_\_\_\_\_. **Fazer a feira: estudo etnográfico das ‘artes de fazer’ de feirantes e fregueses da Feira Livre de Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. Dissertação de mestrado, UFRS, 2004.

\_\_\_\_\_. **“No mercado tem tudo que a boca come”**: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo (tese). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13383>. Acesso realizado em 19 de agosto de 2020.

\_\_\_\_\_. **Técnicas corporais e ritmos do trabalho nos mercados de rua: um ensaio sobre a relação entre gestos corporais e atos de fala**. In: ZANINI, Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira. (Orgs.) **Feiras, feirinhas e feirões: a “economia dos centavos” em foco**. São Leopoldo: Oikos, 2017. Ebook. (p.40-58)

VELHO, Otávio Guilherme (Org.) **O fenômeno Urbano**. 4ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). FERNANDES, Florestan (Coord.). **Weber - Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13. São Paulo: Ática, 1999, p.79-127.

ZANINI, Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira. (Orgs.) **Feiras, feirinhas e feirões: a “economia dos centavos” em foco**. São Leopoldo: Oikos, 2017. Ebook. Disponível em: <https://oikoseditora.com.br/files/Feiras%20Feirinhas%20Feiroes%20-%20E-BOOK.pdf>. Acesso realizado em 21 de agosto de 2020.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina (Org.). **Mercados, campesinato e cidades: abordagens possíveis**. São Leopoldo: Oikos, 2015. Disponível em: [https://oikoseditora.com.br/files/Mercados\\_campesinatos\\_cidades.pdf](https://oikoseditora.com.br/files/Mercados_campesinatos_cidades.pdf). Acesso realizado em 28 de setembro de 2020.

## **SITES DE NOTÍCIAS CONSULTADOS**

<https://agendapb.com.br/olimpio-denuncia-descaso-administrativo-na-feira-central-de-campina-grande>.; Acesso realizado em: 12 de julho de 2022.

[https://www.carlosmagno.com.br/noticias/13999,presidente\\_da\\_associacao\\_dos\\_feirantes\\_ate\\_sta\\_descaso\\_da\\_prefeitura\\_de\\_campina\\_grande\\_com\\_a\\_feira\\_central\\_e\\_al.html](https://www.carlosmagno.com.br/noticias/13999,presidente_da_associacao_dos_feirantes_ate_sta_descaso_da_prefeitura_de_campina_grande_com_a_feira_central_e_al.html). Acesso realizado em: 12 de julho de 2022.

<http://defender.org.br/noticias/nacional/recuperacao-feira-central-campina-grande-pb-custar-r-19-mi/>. Acesso realizado em 05 de outubro de 2018.

[https://www.labrua.org/pdf/Caderno\\_Feira\\_Central.pdf](https://www.labrua.org/pdf/Caderno_Feira_Central.pdf). Acesso realizado em 24 de março de 2022.

<http://www1.leijaja.com/noticias/2013/feira-central-de-campina-grande-sera-patrimonio-historico/>. Acesso realizado em 03 de outubro de 2018.

<http://www.vladimirchaves.com.br/2017/05/abandonada-feira-central-de-campina.html>. Acesso realizado em: 12 de julho de 2022.

#### **OUTRAS FONTES CONSULTADAS**

<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/05/feira-central-o-coracao-de-campina.html#.U9BcG2N6byc>. Acesso realizado em 03 de março de 2018.

<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/10/memoria-fotografica-feira-central-1980.html#.Yj2ztufMLIU> . Acesso realizado em 25 de março de 2022.

## ANEXO - PEQUENA BIOGRAFIA DOS FEIRANTES ENTREVISTADOS

<b>1- ANDRÉA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedora de frutas e verduras</li> <li>✓ 31 anos de idade</li> <li>✓ Trabalha na feira desde criança</li> </ul>
<b>2- ANDREZA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedora de frutas e verduras</li> <li>✓ 32 anos de idade</li> <li>✓ Trabalha na feira desde criança</li> </ul>
<b>3- ANTÔNIO LUIZ DE ARAÚJO (SARNEY)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de utilidades para o lar</li> <li>✓ 72 anos de idade</li> <li>✓ 60 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>4- BENTO NETO (JOSÉ FRANCELINO BENTO NETO)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de frutas e verduras</li> <li>✓ 20 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>5- BIU</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de cereais</li> <li>✓ Entre 60 e 65 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> <li>✓ Faleceu em 04 de outubro de 2022, aos 84 anos de idade</li> </ul>
<b>6- DECA (JOSÉ LIRA DO RÊGO)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Machante e vendedor de carne vermelha</li> <li>✓ 65 anos de idade</li> <li>✓ 58 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>7- ELIZABETH</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedora de frutas e verduras</li> <li>✓ 60 anos de idade</li> <li>✓ 55 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>8- FERNANDINO BARBOSA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Artesão e vendedor de peças em couro</li> </ul>

<b>(“FERNANDO”)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ 62 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> <li>✓ Faleceu em 6 de janeiro de 2023, aos 82 anos de idade</li> </ul>
<b>9- FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de frutas e verduras</li> <li>✓ Há 26 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>10- GILBERTO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de peças íntimas</li> <li>✓ 74 anos de idade</li> <li>✓ 34 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>11- GILVAN</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Barbeiro e cabeleireiro</li> <li>✓ 76 anos de idade</li> <li>✓ 52 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>12- JOÃO (“JOÃO DO CAFÉ”)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de cafés e lanches</li> <li>✓ 57 anos de idade</li> <li>✓ 35 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>13- JOSÉ AIRES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de lanches e bebidas</li> <li>✓ 70 anos de idade</li> <li>✓ 34 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>14- LAURY</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de temperos, ervas e oleaginosas</li> <li>✓ 38 anos de idade</li> <li>✓ 25 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>15- NEILMA (“DONA NENÊ”)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedora de bebidas e refeições</li> <li>✓ 46 anos de idade</li> <li>✓ 22 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>16- NORMANDO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de cereais</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ 68 anos de idade</li> <li>✓ 50 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>17- OZENILDO (“VEREADOR”)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de queijos e outros derivados do leite</li> <li>✓ 45 anos de idade</li> <li>✓ 30 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>18- RENATA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedora de queijos e outros derivados do leite</li> <li>✓ 45 anos de idade</li> <li>✓ 30 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>19- SÉRGIO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedor de carne vermelha e miúdos</li> <li>✓ 41 anos de idade</li> <li>✓ 30 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>20- SOCORRO (“SOCORRO DA TAPIOCA”)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedoras de tapiocas</li> <li>✓ 62 anos de idade</li> <li>✓ 20 anos estabelecendo comércio na Feira Central</li> </ul>
<b>21- TEREZA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vendedora de carnes</li> <li>✓ Desde criança trabalhando na feira</li> <li>✓ Faleceu no dia 1 de julho de 2022, com 82 anos de idade</li> </ul>